

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E**  
**SOCIEDADE**

Um Olhar Sobre os Rankings Universitários: o  
Impacto e a Repercussão

ANTONIO CARLOS LOPES DA SILVA

SÃO CARLOS – SP  
2021

# Um Olhar Sobre os Rankings Universitários: o Impacto e a Repercussão

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Innocentini Lopes de Faria

**ANTONIO CARLOS LOPES DA SILVA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Antonio Carlos Lopes da Silva, realizada em 30/08/2021.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Leandro Innocentini Lopes de Faria (UFSCar)

Profa. Dra. Luzia Sigoli Fernandes Costa (UFSCar)

Prof. Dr. Pedro Carlos Oprime (UFSCar)

Profa. Dra. Flavia Maria Bastos (UNESP)

Prof. Dr. Rogério Mugnaini (USP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

---

Aos meus pais Antonio (*in memoriam*) e Edna (*in memoriam*).

O destino me levou por caminhos, tantas vezes, difíceis.

O destino me levou por caminhos, tantas vezes, felizes.

Não quis o destino que Antonio e Edna vissem, neste momento importante para mim,  
onde o caminho me levou.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha esposa Ana Paula e aos meus filhos Caio e Hugo por compreenderem a importância deste trabalho, que muitas vezes, me fez estar ausente.

Agradeço à professora Luzia Sigoli Fernandes Costa pelo incentivo e ajuda que tornaram possível a realização desta pesquisa, quando eu estava prestes a desistir de me aventurar pelos caminhos do doutorado.

Agradeço aos amigos da Turma de 2017 pela breve, porém saudável e festiva (foram muitos cafés com bolo) companhia durante o período em que cursamos as disciplinas do Programa.

Agradeço aos amigos e docentes do PPGCTS, particularmente o professor Wilson Pedro e ao colega de turma José Eduardo dos Reis pela importante ajuda na publicação do primeiro artigo oriundo deste trabalho de pesquisa.

Por fim, agradeço ao meu orientador professor Leandro Innocentini Lopes de Faria, por mostrar caminhos que eu não estava encontrando e por entender as minhas dificuldades na realização deste trabalho.

## RESUMO

Os estudos no campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) destacam a premência da participação da sociedade no desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. As Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), como organizações sociais, por sua vez, cumprem o seu papel de divulgação do conhecimento desenvolvido e produzido entre seus muros por meios diversos, dos quais podemos destacar as parcerias realizadas com outras instituições tanto do âmbito público, quanto do privado. É neste contexto que envolve o campo CTS e as IFES, que olharemos esta nova (nem tão nova assim) forma de avaliar as instituições universitárias: os rankings universitários. Historicamente no Brasil, a onda dos rankings universitários teve início na década de 1980, por iniciativa da empresa Editora Abril, quando a Revista Playboy lançou, em 1981, a primeira versão do ranking Melhores Faculdades. A partir de 2012, a empresa Folha de São Paulo (FSP) lançou o Ranking Universitário Folha (RUF), o principal ranking de universidades brasileiras. Mundialmente, destaca-se o pioneirismo dos EUA onde as primeiras publicações com avaliação do ensino superior surgiram por volta de 1910. A evolução dos rankings culminou com a criação dos grandes rankings das universidades de classe mundial. Sobre os rankings universitários, duas constatações são evidentes: primeiro, eles vieram para ficar; em segundo, a divulgação das classificações provoca reações diversas nos atores interessados. Se de um lado críticos apontam as franquezas metodológicas, interesses mercadológicos ou a imparcialidade dos indicadores, entre outros fatores, em contrapartida, há a exaltação das instituições que aparecem bem classificadas, o que confirma o crescimento do interesse pelos rankings universitário na última década. Dados estes fatos, a pesquisa aqui proposta, vai buscar identificar como estão se manifestando os gestores das instituições federais de ensino (IFES), aqui no sentido de quem promove o desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão, frente à publicação dos rankings universitários. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar como são manifestações das instituições federais de ensino superior, representadas pelos seus gestores, frente à crescente presença dos rankings universitários na mídia, especificamente, nos momentos das divulgações dos resultados. A pergunta a ser respondida: é possível identificar quais são as intenções dos gestores das IFES através de suas manifestações e declarações com a publicação dos resultados dos rankings universitários em sítios da Internet? A pesquisa focou a busca das manifestações sobre os rankings universitários totalmente por meios virtuais, utilizando o buscador Google e os buscadores próprios das IFES. Na pesquisa, foram coletas e analisadas 757 manifestações na Internet sobre rankings universitários, das quais 462 continham informações sobre as instituições objeto desta pesquisa. Deste subtotal, 147 continham declarações dos representantes das IFES, nas figuras de reitores, pró-reitores, coordenadores de cursos, diretores, entre outros, sobre as quais foram feitas as análises qualitativas. Esta prática utilizada na pesquisa não foi capaz de identificar a intenção da maioria das IFES em utilizar ações planejadas que possibilitasse obter melhoria de desempenho na classificação nos rankings.

**Palavras-chave:** rankings universitários; avaliação do ensino superior; universidades de classe mundial.

## ABSTRACT

Studies in the field of Science, Technology and Society (STS) highlight the urgency of society's participation in the development of science, technology and innovation. Federal Institutions of Higher Education (IFES), as social organizations, in turn, fulfill their role of disseminating the knowledge developed and produced within their walls by various means, among which we can highlight the partnerships made with other institutions in the public sphere, how much of the private. It is in this context that involves the CTS field and the IFES, that we will look at this new (not so new) way of evaluating university institutions: university rankings. Historically in Brazil, the wave of university rankings began in the 1980s, at the initiative of Editora Abril, when the Playboy Magazine launched, in 1981, the first version of the Melhores Faculdades ranking. As of 2012, the company Folha de São Paulo (FSP) launched the Folha University Ranking (RUF), the main ranking of Brazilian universities. Worldwide, the pioneering of the USA stands out, where the first publications evaluating higher education emerged around 1910. The evolution of rankings culminated in the creation of the great rankings of world-class universities. Regarding university rankings, two findings are evident: first, they are here to stay; second, the disclosure of ratings provokes different reactions from interested actors. If, on the one hand, critics point to methodological frankness, marketing interests or the impartiality of the indicators, among other factors, on the other hand, there is the exaltation of institutions that appear well classified, which confirms the growth of interest in university rankings in the last decade. Given these facts, the research proposed here will seek to identify how the managers of federal educational institutions (IFES) are manifesting here in the sense of those who promote the development of teaching, research and extension, in view of the publication of university rankings. In this context, the present work has as general objective to identify how the manifestations of the federal institutions of higher education, represented by their managers, are in front of the growing presence of university rankings in the media, specifically, in the moments of the results release. The question to be answered: is it possible to identify the intentions of the IFES managers through their statements and declarations with the publication of the results of university rankings on websites? The research focused on the search for manifestations on university rankings entirely through virtual means, using the Google search engine and the IFES' own search engines. In the research, 757 manifestations on the Internet about university rankings were collected and analyzed, of which 462 contained information about the institutions object of this research. Of this subtotal, 147 contained statements by representatives of the IFES, in the figures of rectors, pro-rectors, course coordinators, directors, among others, on which the qualitative analyzes were carried out. This practice used in the research was not able to identify the intention of most of the IFES to use planned actions that would make it possible to obtain improved performance in rankings.

**Keywords:** university rankings; evaluation of higher education; world-class universities.

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>AAU</b>	American Association of University
<b>ARWU</b>	Academic Ranking of World University
<b>AUGM</b>	Associação de Universidades do Grupo Montevidéu
<b>BRICS</b>	Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul
<b>BRR</b>	Brazilian Research Ranking
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CenSup</b>	Censo do Ensino Superior
<b>CEPES</b>	Centro Europeu para o Ensino Superior
<b>CHE</b>	Center For Higher Education
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>CPC</b>	Conceito Preliminar de Curso
<b>CSF</b>	Ciência Sem Fronteira
<b>CTS</b>	Ciência, Tecnologia e Sociedade
<b>CWTS</b>	Centrum voor Wetenschap en Technologische Studies
<b>ENADE</b>	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>FAPESP</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
<b>FAPERJ</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
<b>FSP</b>	Folha de São Paulo
<b>FWCI</b>	Fiels Weighted Citation Impact
<b>GE</b>	Guia do Estudante
<b>IES</b>	Instituição de Ensino Superior
<b>IFES</b>	Instituição Federal de Ensino Superior
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IGC</b>	Índice Geral de Cursos
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais
<b>INPI</b>	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
<b>IPEAD</b>	Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis
<b>IREG</b>	International Ranking Expert Group
<b>MBA</b>	Master of Business Administration
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>NAS</b>	National Academy of Science
<b>NBA</b>	National Basketball Association
<b>NEPP</b>	Núcleo de Estudos de Políticas Públicas
<b>PDI</b>	Plano de Desenvolvimento Institucional



<b>OCDE</b>	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
<b>ODS</b>	Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PISA</b>	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
<b>PNAD-C</b>	Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio Continua
<b>PPP</b>	Purchasing Power Parity
<b>QS</b>	Quacquarelli Symonds
<b>RH</b>	Recursos Humanos
<b>RTN</b>	Recursos do Tesouro Nacional
<b>RUF</b>	Ranking Universitário Folha
<b>SciELO</b>	Scientific Electronic Library Online
<b>SRI</b>	Secretaria de Relações Internacionais
<b>SINAES</b>	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
<b>SPDI</b>	Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucionais
<b>TAR</b>	Teoria Ator Rede
<b>TCT</b>	Teoria Crítica da Tecnologia
<b>THE</b>	Times Higher Education
<b>UCM</b>	Universidade de Classe Mundial
<b>UFABC</b>	Universidade Federal do ABC
<b>UFAC</b>	Universidade Federal do Acre
<b>UFAL</b>	Universidade Federal de Alagoas
<b>UFAM</b>	Universidade Federal do Amazonas
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFC</b>	Universidade Federal do Ceará
<b>UFES</b>	Universidade Federal do Espírito Santo
<b>UFF</b>	Universidade Federal Fluminense
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Campina Grande
<b>UFG</b>	Universidade Federal de Goiás
<b>UFJF</b>	Universidade Federal de Juiz de Fora
<b>UFPA</b>	Universidade Federal de Lavras
<b>UFMA</b>	Universidade Federal do Maranhão
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UFMS</b>	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
<b>UFMT</b>	Universidade Federal do Mato Grosso
<b>UFOA</b>	Universidade Federal do Oeste do Pará
<b>UFOP</b>	Universidade Federal de Ouro Preto

<b>UFOPA</b>	Universidade Federal do Oeste do Pará
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UFPB</b>	Universidade Federal da Paraíba
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UFPel</b>	Universidade Federal de Pelotas
<b>UFPI</b>	Universidade Federal do Piauí
<b>UFPR</b>	Universidade Federal do Paraná
<b>UFRA</b>	Universidade Federal Rural do Amazonas
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UFRN</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
<b>UFS</b>	Universidade Federal de Sergipe
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>UFSCar</b>	Universidade Federal de São Carlos
<b>UFSM</b>	Universidade Federal de Santa Maria
<b>UFT</b>	Universidade Federal do Tocantins
<b>UFTM</b>	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
<b>UFV</b>	Universidade Federal de Viçosa
<b>UFVJM</b>	Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista
<b>UNICAMP</b>	Universidade de Campinas
<b>UNIFAL</b>	Universidade Federal de Alfenas
<b>UNIFAP</b>	Universidade Federal do Amapá
<b>UNIFEI</b>	Universidade Federal de Itajubá
<b>UNIFESP</b>	Universidade Federal de São Paulo
<b>UNIFESSPA</b>	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
<b>UNIFERSA</b>	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
<b>US</b>	United States
<b>USNWR</b>	United States News and World Report
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo
<b>UTFPR</b>	Universidade Tecnológica do Paraná
<b>WoS</b>	Web of Science
<b>WUR</b>	World University Ranking

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Triângulo de Sábato	26
<b>Figura 2:</b> Modelo de Hélice Tripla	27
<b>Figura 3:</b> Linha do tempo dos principais rankings	58
<b>Figura 4:</b> Apresentação dos resultados do Ranking Universitário RUF - 2019	63
<b>Figura 5:</b> Apresentação dos resultados do Ranking ARWU – 2019	70
<b>Figura 6:</b> Detalhamento da metodologia do THE, com os respectivos pesos	71
<b>Figura 7:</b> Apresentação dos resultados do Ranking THE - 2019	81
<b>Figura 8:</b> Detalhamento da metodologia do QS Ranking, com os respectivos pesos	84
<b>Figura 9:</b> Apresentação dos resultados do QS Ranking - 2019	87
<b>Figura 10:</b> Detalhamento da metodologia do QS Ranking, por região, com os pesos	88
<b>Figura 11:</b> Apresentação dos resultados do QS Ranking América Latina - 2019	89

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Os princípios de Berlim para os rankings universitários	35
<b>Quadro 2:</b> Componentes da dimensão Pesquisa Científica do RUF 2019	61
<b>Quadro 3:</b> Componentes da dimensão Ensino do RUF 2019	61
<b>Quadro 4:</b> Componentes da dimensão Inovação do RUF 2019	62
<b>Quadro 5:</b> Componentes da dimensão Internacionalização do RUF 2019	62
<b>Quadro 6:</b> Indicadores e pesos do ARWU Ranking	67

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Pesos dos componentes do RUF - destaque Pesquisa	62
<b>Gráfico 2:</b> Pesos dos componentes do RUF - destaque Ensino	63
<b>Gráfico 3:</b> Pesos dos componentes do RUF para cursos - destaque Ensino	65
<b>Gráfico 4:</b> Indicadores do Ranking ARWU, com os respectivos pesos	67
<b>Gráfico 5:</b> Total de notícias prospectadas no Google - 2017	100
<b>Gráfico 6:</b> Distribuição temporal das notícias em setembro - 2017	108
<b>Gráfico 7:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet – RUF 2017	108
<b>Gráfico 8:</b> Total de notícias prospectadas no Google 2018	109
<b>Gráfico 9:</b> Distribuição temporal das notícias em outubro - 2018	116
<b>Gráfico 10:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - RUF 2018	117
<b>Gráfico 11:</b> Total de notícias prospectadas no Google 2019	118
<b>Gráfico 12:</b> Distribuição temporal das notícias em outubro - 2019	126
<b>Gráfico 13:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - RUF 2019	126
<b>Gráfico 14:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - THE 2017	136
<b>Gráfico 15:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - THE 2018	139
<b>Gráfico 16:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - THE 2019	146
<b>Gráfico 17:</b> Total de notícias por ranking	147
<b>Gráfico 18:</b> Total de declarações referentes aos rankings ARWU, THE e QS	150

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Top 10 do ranking das melhores pipocas da NBA - 2019	30
<b>Tabela 2:</b> Top 10 do ranking das cidades mais violentas do mundo - 2018	31
<b>Tabela 3:</b> Top 10 do ranking da felicidade - 2016-2018	32
<b>Tabela 4:</b> Ranking da taxa de desemprego por unidade da Federação - 2019	32
<b>Tabela 5:</b> Número de publicações no período de 5 anos, por área de conhecimento	77
<b>Tabela 6:</b> Top 10 das universidades nos rankings de classe mundial - 2019	91
<b>Tabela 7:</b> Top 20 nos rankings ARWU, QS e THE, por países - 2019	91
<b>Tabela 8:</b> Resumo das manifestações das IFES	126
<b>Tabela 9:</b> Resumo das declarações dos gestores das IFES	127
<b>Tabela 10:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - ARWU 2019	128
<b>Tabela 11:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - QS 2017	130
<b>Tabela 12:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - QS 2018	132
<b>Tabela 13:</b> Distribuição temporal das notícias na Internet - QS 2019	133
<b>Tabela 14:</b> Distribuição das manifestações das IFES	147
<b>Tabela 15:</b> Total das manifestações distribuídas por rankings	148
<b>Tabela 16:</b> Total de links retornados na pesquisa, por ano	151
<b>Tabela 17:</b> Resumo das manifestações das IFES	151
<b>Tabela 18:</b> Resumo das declarações dos gestores das IFES	151
<b>Tabela 19:</b> Distribuição das manifestações por ano e por ranking	153
<b>Tabela 20:</b> Total das manifestações por ranking	153

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
2 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO.....	05
3 OBJETIVOS.....	07
3.1 Objetivo Geral.....	07
3.2 Objetivos Específicos.....	07
4 MÉTODO E METODOLOGIA.....	08
4.1 Tipo de Pesquisa.....	09
4.2 Procedimentos de Coleta e Análise de Dados.....	12
5 CIÊNCIA TECNOLOGIA E SOCIEDADE, UMA ABORDAGEM.....	14
5.1 Construtivismo Social.....	19
5.1.1 Abordagem normativa da ciência.....	20
5.1.2 Sociologia do conhecimento.....	21
5.1.3 Teoria ator rede (TAR).....	22
5.1.4 Teoria crítica da tecnologia (TCT).....	24
5.1.5 Modelo tripla hélice.....	25
6 UM OLHAR SOBRE OS RANKINGS UNIVERSITÁRIOS.....	29
6.1 Rankings no Brasil - Uma Breve História.....	36
6.2 Uma História dos Rankings no Mundo.....	39
6.2.1 Pioneirismo americano.....	41
6.2.2 Rankings no mundo.....	44
6.2.3 Rankings oficiais.....	47
6.2.4 Rankings internacionais.....	50
6.2.5 Repercussão dos rankings universitários.....	55
6.3 Um Ranking do Brasil.....	58
6.4 Três Rankings Mundiais.....	65
6.4.1 Academic Ranking of World Universities (ARWU) - Ranking de Shangai.....	66
6.4.2 Times Higher Education Rankings (THE).....	71
6.4.3 QS World University Rankings.....	82
6.4.4 Uma comparação dos rankings mundiais.....	89
6.5 Rankings Como Avaliação da Educação Superior.....	92
7 RESULTADOS.....	97
7.1. Prospecção de notícias sobre o ranking do Brasil.....	97
7.2 Prospecção de notícias sobre os rankings internacionais.....	128

7.3 Repercussão sobre o Ranking Universitário da Folha.....	150
7.4 Repercussão sobre os nos Rankings Internacionais.....	152
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
REFERÊNCIAS.....	160



## 1 INTRODUÇÃO

Se não houver frutos,  
Valeu a beleza das flores;  
Se não houver flores,  
Valeu a sombra das folhas;  
Se não houver folhas,  
Valeu a intenção da semente<sup>1</sup>.

Os estudos no campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) destacam a importância da participação da sociedade no desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. Palácios (2001), aponta que a expressão “ciência, tecnologia e sociedade” define um âmbito de trabalho acadêmico cujo objeto de estudo é constituído pelos aspectos sociais da ciência e tecnologia, tanto no que concerne aos fatores sociais que influenciam as mudanças científico-tecnológicas, quanto no que se refere às consequências sociais e ambientais.

As Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), como organizações sociais, por sua vez, cumprem o seu papel de divulgação do conhecimento desenvolvido e produzido entre seus muros (aqui sem uma conotação de isolamento de privilegiados) por meios diversos, dos quais podemos destacar as parcerias realizadas com outras instituições tanto do âmbito público, quanto do privado, como destacam Etkowitz; Leydesdorff (2000). As IFES, por trabalharem com recursos públicos, precisam fazer uma prestação de contas à sociedade.

É neste contexto que envolve o campo CTS e as IFES, que olharemos esta nova (nem tão nova assim) forma de avaliar, classificar, as instituições universitárias: os rankings universitários.

Sobre os rankings universitários, duas constatações são evidentes: primeiro, eles vieram para ficar; em segundo, a divulgação das classificações provoca reações diversas nos grupos de interessados. Críticas apontam as fraquezas metodológicas, interesses mercadológicos ou a imparcialidade dos indicadores, entre outros fatores. Em contrapartida, ficam evidentes o apoio e exaltação expressados na mídia, em sítios noticiosos ou pelas instituições que aparecem bem classificadas em seus próprios sítios. Mesmo as instituições que não aparecem bem classificadas exaltam os rankings.

---

<sup>1</sup> Maurício Francisco Ceolin, 1982.

Em relação aos interessados, segundo Tofallis (2011), é possível identificar três grupos que têm interesse nos resultados dos rankings universitários: o primeiro grupo é formado pelos estudantes que pretendem ingressar em um curso de graduação. Estes encontram nos rankings um conjunto de informações que ajudam na tomada de decisão quanto ao curso e em qual instituição pleitear uma vaga, seja em instituições do país ou do exterior.

O segundo grupo de interessados nos resultados dos rankings é formado pelos recrutadores ou gerentes de recursos humanos responsáveis pela seleção de candidatos com potencial para o preenchimento de cargos em suas respectivas instituições. Os rankings podem influenciar a tomada de decisão dos recrutadores e os candidatos das instituições mais bem colocadas nos rankings largam na frente na conquista de uma vaga.

Por fim, o terceiro grupo é formado por gestores responsáveis pela formação de políticas públicas. Países como EUA e China utilizam os rankings universitários para a determinação dos investimentos para a área da educação superior. No Brasil, o Ministério da Educação realiza a distribuição de Recursos do Tesouro Nacional (RTN) através de uma matriz que utiliza uma série de indicadores que avaliam e fazem o ranqueamento das IFES. No entanto, políticas oficiais governamentais, não utilizam rankings nacionais ou internacionais para a determinação de políticas públicas para a área de educação.

Podemos apontar um quarto grupo de interessados nos rankings. Para os gestores das Instituições de Ensino Superior (IES), nas figuras de reitores e/ou diretores, os rankings podem ser de grande validade. Entender os mecanismos metodológicos dos rankings pode indicar, por exemplo, o caminho para futuros atos de planejamento ou de investimentos em pesquisas.

A lista das instituições que estão no topo dos rankings pode indicar, além do status, futuros parceiros no desenvolvimento de pesquisas. Reitores e diretores, em conjunto com os “seus departamentos de marketing acham difícil resistir a citá-los se houver uma mudança para cima em sua classificação” (TOFALLIS, 2011).

Mas os rankings também podem ser olhados pelos gestores como um indicador da necessidade de autocritica e correção de rumo. Os aspectos que não foram bem

avaliados, como ensino e pesquisa, apontam a necessidade de mudanças, replanejamento ou mais investimentos.

Podemos, ainda, considerar um quinto grupo de interessados (pode ser considerada uma subdivisão do quarto grupo), que olharemos com mais atenção. Este grupo, também de dentro das IES, é formado por docentes e pesquisadores das instituições que estão listadas nos rankings (ou não), que produzem artigos científicos propondo uma discussão sobre a importância, metodologia, utilidade, inutilidade, entre outros temas abordados, dos rankings.

Dados estes fatos, a pesquisa aqui proposta, vai contemplar um grupo específico de interessados nos rankings: os atores responsáveis pela gestão administrativa e acadêmica das IFES, que promovem o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão.

Assim, a pesquisa das manifestações na mídia, será realizada em duas partes: a primeira buscará informações a respeito do principal ranking brasileiro o Ranking Universitário da Folha (RUF); e a segunda parte buscará informações a respeito dos três principais rankings internacionais, ARWU, THE e QS. A pesquisa envolverá análises quantitativas e qualitativas sobre o material recolhido, que deverão subsidiar a resposta ao objetivo geral.

O método dedutivo será empregado neste trabalho, uma vez que investigará a reação dos atores interessados nos rankings, em busca do estabelecimento de uma determinada lógica. Quanto ao tipo, será utilizada a pesquisa explicativa, pois busca identificar como ocorre o impacto e a repercussão da divulgação dos rankings universitários e, também, registrar, classificar e analisar a produção científica sobre os rankings. Para que a pesquisa possa ser replicada, todas as expressões de buscas utilizadas nas duas partes do trabalho estarão listas antes da apresentação dos resultados.

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar como são manifestações das instituições federais de ensino superior, representadas pelos seus gestores, frente à crescente presença dos rankings universitários na mídia, especificamente, nos momentos das divulgações dos resultados.

A pergunta a ser respondida: é possível identificar quais são as intenções dos gestores das IFES através de suas manifestações e declarações com a publicação dos resultados dos rankings universitários em sítios da Internet?

Como objetivos específicos, recuperar e quantificar notícias referentes à publicação dos principais rankings universitários por meio de pesquisa nos sítios de buscas na internet e nos sítios das IFES; analisar o teor das manifestações com a finalidade identificar qual o tipo de repercussão e impacto as notícias provocam; e realizar revisão sobre o tema CTS; revisão sobre a história dos rankings universitários; e a apresentar a estrutura metodológica do principal ranking do Brasil e dos três principais rankings de classe mundial.

Com isso, espera-se que o trabalho seja terra fértil e que a semente plantada renda os frutos desejados e que possa contribuir para o aumento do conhecimento da área e que, de alguma forma, indique à UFSCar uma forma de melhorar a sua atuação nos indicadores dos rankings nacional e internacionais.

## 2 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO

A justificativa para a apresentação deste trabalho no PPGCTS passa pelos fatos apresentados a seguir.

A gênese dos grandes rankings das universidades de classe mundial aconteceu pelo interesse de alguns governantes em identificar o “estado da arte” do ensino superior em suas esferas administrativas. Nas últimas duas décadas, no entanto, o olhar de outros atores acabou por provocar um crescimento no interesse pelos rankings. Há que se considerar o próprio crescimento no número de rankings, que se tornou um grande mercado para as editoras e empresas responsáveis pela edição e divulgação das listas.

Palácios (2001), aponta que CTS é uma área de estudos que aborda como os aspectos sociais influenciam a ciência & tecnologia e, por sua vez, como a ciência & tecnologia impactam a sociedade e o ambiente. E são as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), que além de organizações sociais, cumprem o papel de divulgação do conhecimento desenvolvido entre seus muros, configurando exatamente o que aponta Palácios.

Por fim, temos que considerar que o objeto principal dos rankings são as instituições de ensino superior com os seus respectivos cursos.

Os fatos abordados acima apontam que o crescimento do interesse pelos rankings universitários poderia ser utilizado como forma de dar visibilidade às instituições ranqueadas e que, de alguma forma, podem propiciar algum retorno a essas instituições, como parcerias internacionais, por exemplo. Também apontam que a pesquisa sobre os rankings pode ser olhada a partir dos conceitos abordados nos estudos CTS.

Assim, pesquisar como estão se manifestando os atores das instituições federais de ensino superior frente ao crescimento do interesse sobre os rankings, determinaria se essas instituições estão envidando esforços para entender os meandros metodológicos dos rankings e garantir a inclusão em seus planos estratégicos um conjunto de ações que busquem a melhoria nas classificações.

O interesse no tema ora apresentado, tem duas motivações. A primeira, é a busca pessoal pelo desenvolvimento acadêmico, aproveitando a grande oportunidade de estar dentro de uma conceituada instituição de ensino e pesquisa.

Há também uma motivação profissional. No mestrado, minha dissertação estudou a Matriz Orçamentária de Financiamento das IFES, que poderia identificar e orientar a atuação da gestão da UFSCar, no sentido de melhorar seus indicadores e, quem sabe, conseguir uma fatia melhor do bolo orçamentário do MEC.

No doutorado, a pesquisa é uma boa oportunidade para entender os meandros metodológicos dos rankings e aplicá-los, de forma mais eficiente, aos componentes metodológicos e indicadores da UFSCar, uma vez que a Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucionais (SPDI), onde atuo profissionalmente, é a responsável pela intermediação com os rankings.

### 3 OBJETIVOS

A tese a ser defendida neste trabalho tem o objetivo geral e os objetivos específicos descritos a seguir.

#### 3.1 Objetivo Geral

O presente trabalho tem como objetivo geral identificar como são manifestações das instituições federais de ensino superior, representadas pelos seus gestores, frente à crescente presença dos rankings universitários na mídia, especificamente, nos momentos das divulgações dos resultados. A pergunta a ser respondida: é possível identificar quais são as intenções dos gestores das IFES através de suas manifestações e declarações com a publicação dos resultados dos rankings universitários em sítios da Internet?

A tese a ser defendida é que as manifestações das IFES são fortuitas, não sendo possível identificar quaisquer tipos de organização ou linha de atos planejados para melhoria de suas instituições.

#### 3.2 Objetivos Específicos

Para que o objetivo geral apresentado seja alcançado, o presente trabalho apresentará análises quantitativas e qualitativas que serão encaminhadas através dos seguintes objetivos específicos:

- a) Recuperar e quantificar notícias referentes à publicação dos principais rankings universitários por meio de pesquisa nos sítios de buscas na internet e nos sítios das IFES;
- b) Analisar o teor das manifestações com a finalidade identificar qual o tipo de repercussão e impacto as notícias provocam; e
- c) Realizar revisão sobre o tema CTS; revisão sobre a história dos rankings universitários; e a apresentar a estrutura metodológica do principal ranking do Brasil e dos três principais rankings de classe mundial.

## 4 MÉTODO E METODOLOGIA

Todo trabalho acadêmico-científico que envolve o desenvolvimento de uma pesquisa, precisa indicar qual caminho vai trilhar e quais as ferramentas que utilizará para alcançar o seu objetivo.

Nas ciências, método é a maneira, é a forma que os cientistas e os pesquisadores definem para ampliar o conhecimento sobre determinado objeto, fato ou fenômeno que está em estudo. Conforme informa, Zanella (2009), o método é uma série de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingir determinado conhecimento.

Para Lakatus e Marconi (1991), o método é, justamente, como o autor procede durante o caminho que está trilhando para se chega a um determinado resultado. Por sua vez, Trujillo e Ferrari (1982) apontam que o método significa a forma de proceder ao longo do caminho.

Ainda, destacando a importância da ordem na pesquisa, (CERVO e BERVIAN, 2002) apontam que o método “é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir certo fim ou um resultado desejado”.

Dos autores acima, é possível deduzir que o método é o caminho para se chegar a um fim, mas destacam que o caminho deve ser de forma sistemática e ordenada, como requisito científico.

A literatura apresenta os vários tipos de métodos que podem ser empregadas em um trabalho acadêmico e/ou pesquisa científica. Lakatus e Marconi (1991) apontam três métodos científicos: método indutivo; método dedutivo e método dialético.

O método indutivo parte da investigação de fenômenos observados em casos particulares observa a relação entre estes casos particulares para, enfim, generalizar a relação para todos os casos.

O método dedutivo, ao contrário do método anterior, parte da premissa geral para a particular. Para (SEVERINO, 2007) a dedução “é um procedimento lógico, raciocínio pelo qual se pode tirar de uma ou de várias proposições uma conclusão que delas decorre por força puramente lógica”. Ou seja, método dedutivo é um processo de análise da informação que utiliza o raciocínio lógico e a dedução para obter uma conclusão a respeito de um determinado assunto.



Este método normalmente é usado para testar as hipóteses já existentes, chamadas de axiomas, para assim, provar teorias, denominadas de teoremas. Por isso, ele é também denominado de método hipotético-dedutivo<sup>2</sup>.

Por sua vez, o método dialético, bastante utilizado nas ciências sociais, implica em uma forma de discurso entre duas ou mais pessoas que possuem diferentes pontos de vista sobre um dado tema, mas que pretendem estabelecer a verdade através de argumentos fundamentados e não simplesmente vencer um debate ou persuadir o opositor, conforme aponta Reali (2007).

O presente trabalho, que irá pesquisar o impacto e a repercussão das publicações dos principais rankings mundiais, utilizará o método dedutivo, uma vez que investigará o comportamento dos atores interessados nos rankings, em busca do estabelecimento de uma lógica.

Se o método indica “como” o autor procede durante o caminho, a metodologia nas pesquisas científicas indica “qual” é o caminho que o pesquisador percorre em busca da compreensão da realidade, do fato, do fenômeno, conforme, aponta Zanella (2009).

Uma metodologia de pesquisa pode variar de acordo com a sua natureza. Existe grande diversidade de tipologias e taxionomias de pesquisas nas ciências. É importante ressaltar que a escolha de um tipo de pesquisa depende basicamente da pergunta a ser respondida, da natureza do objeto e do objetivo da pesquisa.

#### **4.1 Tipo de Pesquisa**

Para Trujillo e Ferrari (1982), o ato de pesquisar implica em duas grandes finalidades: enriquecimento teórico das ciências; e identificar o valor prático ou pragmático da realidade. A partir dessas duas finalidades podemos dividir a pesquisa em dois grandes blocos: pesquisa pura e pesquisa aplicada.

Este trabalho, de acordo com Trujillo e Ferrari (1982), será uma pesquisa aplicada que pretende identificar o valor prático ou pragmático da realidade apresentada nos rankings universitários.

---

<sup>2</sup> Método proposto pelo filósofo austríaco Karl Popper, tem uma abordagem que busca a eliminação dos erros de uma hipótese. Fonte: [livrepensamento.com](http://livrepensamento.com).

Ainda, em relação ao tipo de pesquisa, para este trabalho, optamos por ficar com as classificações apresentadas pelos autores Richardson et al. (2007) e Gil (2007).

A classificação da pesquisa quanto ao método e à forma de abordar o problema, temos a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, segundo (RICHARDSON et al., 2007):

Pesquisa qualitativa: pode ser definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados. Esse tipo de análise tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permite atribuir-lhe cientificidade.

Pesquisa quantitativa: caracterizada pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta como no tratamento dos dados, e que tem como finalidade medir relações entre as variáveis. Preocupa-se, portanto, com representatividade numérica, isto é, com a medição objetiva e a quantificação dos resultados. As pesquisas quantitativas utilizam uma amostra representativa da população para mensurar qualidades.

Conforme apontada na descrição dos objetivos específicos deste trabalho, parte terá uma abordagem quantitativa, justamente com o levantamento do número de notícias que repercutem a publicação dos rankings.

Parte da pesquisa terá uma abordagem qualitativa, justamente na análise das notícias sobre os rankings.

Gil (2007), por sua vez, apresenta a classificação quanto aos objetivos da pesquisa (exploratória, descritiva e explicativa), e quanto aos procedimentos adotados para a coleta de dados (bibliográfica, documental, experimental, *ex-post-facto*, levantamento, estudo de campo e estudo de caso). O autor afirma que este tipo de classificação está mais ligado às pesquisas nas ciências sociais.

Quanto aos objetivos da pesquisa, (GIL, 2007) apresenta:

Pesquisa exploratória: têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

Pesquisa descritiva: tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas

padronizadas de coleta de dados. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.

Pesquisa explicativa: tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. [...] pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos. Os procedimentos básicos são: registrar, classificar, identificar e aprofundar a análise.

Dadas as definições de Gil (2007), o presente trabalho trata-se de uma pesquisa explicativa, pois busca identificar como ocorre o impacto e a repercussão da divulgação dos rankings universitários e, também, registrar, classificar e analisar a produção científica sobre os rankings.

Quanto aos procedimentos adotados para a coleta de dados, para a caracterização da pesquisa, Gil (2007) divide em dois grandes grupos. Nos procedimentos que utilizam papel (pode ser no formato digital), temos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

Pesquisa bibliográfica: é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas exclusivamente desenvolvidas a partir de fontes bibliográficas. [...] pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo também são consideradas pesquisas bibliográficas.

Pesquisa documental: assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica, sendo que a única diferença está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico (GIL, 2007).

Como o próprio autor afirma, todo trabalho acadêmico utiliza a pesquisa bibliográfica em algum momento. Este trabalho utilizou-se da pesquisa bibliográfica para a descrição da história dos rankings, aspectos metodológicos e da apresentação da abordagem CTS. Por sua vez, a pesquisa documental foi utilizada para a descrição das características das agências responsáveis pela publicação dos rankings.

Para as pesquisas que dependem da intervenção de pessoas, Gil (2007) define a pesquisa experimental, a *ex-post-facto*, o levantamento, o estudo de campo e o estudo de caso.

Pesquisa experimental: o experimento representa o melhor exemplo de pesquisa científica. Essencialmente, o delineamento experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

Pesquisa *ex-post-facto*: [...] pode-se definir como uma investigação sistemática e empírica na qual o pesquisador não tem controle direto sobre as variáveis independentes, porque já ocorreram suas manifestações ou porque são intrinsecamente não manipuláveis. Nesse caso são feitas inferências sobre a relação entre variáveis sem observação direta, a partir da variação concomitante entre as variáveis independentes e dependentes.

Levantamento (survey): caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados.

Estudo de campo: apresenta muitas semelhanças com os levantamentos, mas distingue-se em dois aspectos. Primeiramente, os levantamentos procuram ser representativos de um universo definido e fornecer resultados caracterizados pela precisão estatística. Já os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Outra distinção é que no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação.

Estudo de caso: é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado (GIL, 2007).

Com as definições apresentadas pelo autor, o presente trabalho, uma vez que fará as pesquisas em sítios da internet, vai ser caracterizado como um estudo campo.

## 4.2 Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

A pesquisa para o presente trabalho deu-se em duas partes. A primeira parte, para a coleta das manifestações referentes à divulgação do Ranking Universitário da Folha, foi realizada pesquisa avançada, com filtro para data específica e país, como por exemplo: buscador Google, com a expressão de busca (ranking RUF site: br) e com o filtro (ferramentas: país: Brasil; data: 2017; Idioma: páginas em português). Esta primeira busca teve o objetivo de levantar todas as notícias referentes ao RUF que

foram veiculadas em sítios do Brasil em 2017. A mesma pesquisa foi realizada para os demais anos de interesse deste trabalho.

Para a segunda parte, a coleta referente à divulgação dos rankings ARWU, THE e QS as buscas foram realizadas diretamente nos sítios das 65 IFES, com expressões de buscas que continham o nome do ranking e o ano desejado, com por exemplo: “ranking ARWU 2017” e as variações “ranking ARWU”, “ARWU”. O processo foi repetido para os outros rankings.

Para a análise quantitativa das informações recolhidas nos buscadores da internet, foi utilizada a planilha eletrônica Excel, onde foram gerados gráficos e tabelas ilustrativas referentes às quantidades de notícias encontradas. A partir daí, também foi possível construir a evolução temporal das manifestações.

A análise qualitativa foi realizada considerando-se o teor das manifestações, com a finalidade de identificar, por exemplo, se as IES estavam discutindo ações a serem implementadas estrategicamente nas instituições, ou se apenas informavam sobre a posição das instituições nos rankings.

## 5 CIÊNCIA TECNOLOGIA E SOCIEDADE, UMA ABORDAGEM

Antes de iniciarmos a discussão de como os rankings se tornaram uma ferramenta mundialmente reconhecida – para o bem ou para o mal – é necessário falar um pouco das instituições universitárias como organizações sociais. Grosso modo, além das atividades de ensino, as universidades são o local onde acontecem as pesquisas que levam ao desenvolvimento da ciência e tecnologia que, por extensão, vão chegar à sociedade como produto ou serviço visando ao bem-estar.

Palácios (2001), aponta que a expressão “ciência, tecnologia e sociedade” (CTS) define um âmbito de trabalho acadêmico cujo objeto de estudo é constituído pelos aspectos sociais da ciência e tecnologia, tanto no que concerne aos fatores sociais que influenciam as mudanças científico-tecnológicas, quanto no que se refere às consequências sociais e ambientais.

Mas a abordagem CTS passa antes pelo o entendimento, separadamente, dos termos ciência, tecnologia e sociedade como propõe Palácios (2001). Em tempos de proliferação de informações sobre os benefícios ou sobre os malefícios da ciência, não fica claro qual é o papel dela na sociedade. Soma-se a isso, a incapacidade de os formadores de políticas públicas promover a apropriação das ciências pela sociedade. Como alternativa, a popularização dos rankings universitários pode dar um auxílio nesta questão.

### CIÊNCIA

Em termos acadêmicos, disciplinas como filosofia, ciências sociais, história e sociologia estão mais empenhadas nas definições de ciência e as relações com a sociedade através de um conjunto de aspectos relacionados com: o método científico; o processo de mudanças e desenvolvimento da ciência; e a ligação entre a experimentação, observação e construção da teoria (alguns cientistas consideram este último aspecto como a verdadeira ciência).

A sociologia da ciência apresenta duas concepções para a ciência, aponta Palácios (2001). A concepção tradicional foi desenvolvida pelos pensadores do Círculo de Viena. O Círculo de Viena foi um importante movimento intelectual que surgiu em 1920 com a nomeação de Moritz Schlick como professor de Filosofia da Ciência na Universidade de Viena.

As reflexões do grupo versavam sobre a importância da lógica, linguagem matemática e física teórica na construção de teorias científicas. Nesse sentido, “as proposições fatuais são o fundamento de todo saber, mesmo que elas precisem ser abandonadas no momento de transição para afirmações gerais. Estas proposições estão no início da ciência. O conhecimento começa com a constatação dos fatos” (SCHLICK, 1975).

Em outras palavras, o conhecimento deve partir de uma observação dos fatos. Aquilo que não pode ser verificado é considerado desprovido de sentido. Isso consiste no Princípio da Verificabilidade.

De acordo com a concepção tradicional, a ciência é vista como uma entidade autônoma, objetiva, neutra e baseada na aplicação de um código de racionalidade sem qualquer tipo de interferência externa, o denominado Positivismo Lógico, conforme apresenta Palácios (2001). Nessa concepção, o desenvolvimento científico é denominado Método Científico, de caráter indutivo.

Em contrapartida à escola tradicional e ao Positivismo Lógico e, a partir de orientações construtivistas, surge o chamado Programa Forte. No Programa Forte, a ciência é apresentada como “um processo social e uma grande variedade de fatores não epistemológicos (políticos, econômicos, ideológicos, em resumo, o contexto social) se acentuam na explicação de origem, a mudança e a legitimação das teorias científicas” (PALÁCIOS, 2001).

Desenvolvido por David Bloor e Barry Barnes, ambos da Universidade de Edimburgo, o Programa Forte foi baseado em quatro princípios fundamentais:

Causalidade: deverá ser causal, ou seja, interessa nas condições que ocasionam as crenças ou os estados de conhecimento. Naturalmente, haverá outros tipos de causas além das sociais que contribuirão na produção da crença;

Imparcialidade: deverá ser imparcial com respeito à verdade e à falsidade, racionalidade e irracionalidade, sucesso ou fracasso. Ambos os lados dessas dicotomias irão requerer explicação;

Simetria: deverá ser simétrica em seu estilo de explicação. Os mesmos tipos de causa deverão explicar, digamos, crenças verdadeiras e falsas;

Reflexividade: deverá ser reflexiva. Seus padrões de explicação terão que ser aplicáveis, a princípio, à própria sociologia. Assim como a condição de simetria, essa é uma resposta à necessidade da busca por explicações gerais. É uma óbvia condição de princípio, pois, de outro modo, a Sociologia seria uma constante refutação de suas próprias teorias (BLOOR, 1991).

A partir de meados do século XX, novos enfoques surgem. A Transciência apresenta questões demandada pela sociedade, mas que a ciência ainda não pode dar solução, e a Ciência Reguladora, onde a atividade científica concretamente orienta e fornece conhecimento para subsidiar a formulação de políticas públicas. Conforme conclui Palácios (2001), falar ou definir ciência não é uma tarefa fácil.

## TECNOLOGIA

O termo tecnologia, complexo, passa por conceitos como Prática Tecnológica, Conhecimento Tecnológico, Filosofia da Tecnologia e a Avaliação da Tecnologia. Vários autores trabalharam na definição do termo. Cupani (2004) apresenta três autores com modos filosóficos distintos de olhar a tecnologia: para Mario Bunge<sup>3</sup>, a tecnologia consiste na produção de algo artificial, o artefato, que não precisa ser necessariamente uma “coisa”, podendo se tratar da modificação ou transformação do estado de um sistema natural; para Albert Borgmann<sup>4</sup>, a tecnologia é modo tipicamente moderno de o homem lidar com o mundo, um padrão característico da existência, intrínseco à vida cotidiana; e por fim, Andrew Feenberg<sup>5</sup>, concorda com o enfoque de Borgmann, mas acredita no emprego da tecnologia como forma de dominação social.

Na visão da sociologia apresentada por Palácios (2001), a tecnologia é definida como o conjunto dos conhecimentos próprios de um ofício mecânico ou arte industrial, ou também como o conjunto dos instrumentos e procedimentos industriais de um determinado setor ou produto. É a imagem convencional, cuja elaboração se deu através de regras fixas ligadas às leis das ciências físico-químicas, se manifestas em máquinas como automóveis, telefones e computadores. O tecnológico seria o que é relativo à moderna produção de bens materiais que a sociedade demanda.

Há também que se considerar a diferenciação dos termos “técnica” e “tecnologia”. Segundo Palácios (2001), a “técnica” faria referência a procedimentos, habilidades, artefatos, desenvolvidos sem ajuda do conhecimento científico. A “tecnologia” se utilizaria para referir-se àqueles sistemas desenvolvidos tendo em conta o conhecimento científico.

---

<sup>3</sup> Mario Augusto Bunge é físico, filósofo da ciência e humanista argentino, defensor do realismo científico, do sistemismo e da filosofia exata. Fonte: InfoEscola.

<sup>4</sup> Albert Borgmann é filósofo nascido na Alemanha, especializado na filosofia da tecnologia. É professor de filosofia na Universidade de Montana. Fonte: Wikipédia

<sup>5</sup> Andrew Feenberg é filósofo americano. Seus principais interesses são filosofia da tecnologia, filosofia continental, crítica de tecnologia e estudos de ciência e tecnologia. Atua na Universidade Simon Fraser, em Vancouver. Fonte: Wikipédia



Voltando ao Positivismo Lógico, o conhecimento científico era visto como um processo progressivo e acumulativo, articulado através de teorias cada vez mais amplas e precisas que iam sobrepondo e substituindo a ciência do passado. Por esse motivo não poderia haver determinada tecnologia sem uma teoria científica que lhe respaldasse. Era a ciência aplicada.

Outra visão passa pela análise dos impactos tecnológicos, as políticas públicas de ciência e tecnologia, a regulação e gestão da ciência e tecnologia (temas CTS). Para abordar este problema é fundamental distinguir com precisão o que é a tecnologia e o que é o conhecimento que ela possibilita. De maneira exata, podemos definir a tecnologia como “uma coleção de sistemas desenhados para realizar alguma função. Fala-se, então, de tecnologia como sistemas e não só como artefatos, para incluir tanto instrumentos materiais, como tecnologias de caráter organizativo” (PALÁCIOS, 2001).

A educação é um exemplo claro de tecnologia de organização social. O tecnológico não é somente o que transforma e constrói a realidade física, é também aquela que transforma e constrói a realidade social.

Pode-se afirmar que o conhecimento tecnológico é formado pelo conhecimento teórico e pelo conhecimento tácito (habilidades técnicas). As visões tradicionais filosóficas, da engenharia e da humanística, têm teorizado de modo distinto a natureza da tecnologia e sua relação com o ser humano, mas em comum a todas as visões, como afirma Palácios (2000), tem-se que a tecnologia é uma projeção do ser humano em seu entorno. Trata-se, em última instância, de desenvolver formas de convivência com a tecnologia no mundo atual, corrigindo os erros do passado como o expressado no Movimento Ludita<sup>6</sup>, por exemplo.

## **SOCIEDADE**

Os conceitos de sociedade, seus tipos, sua formação e a melhor forma de organização social são bem mais complexos do que o conceito de ciência e o conceito de tecnologia, como aponta Palácios (2001). Etimologicamente falando, a origem da palavra sociedade vem do latim *societas*, que significa associação amistosa com outros.

---

<sup>6</sup> Movimento social ocorrido na Inglaterra entre os anos 1811 e 1812. Contrários aos avanços tecnológicos, os ludistas protestavam contra a substituição da mão-de-obra humana por máquinas. O nome do movimento deriva de um de seus líderes, Ned Ludd. Fonte: InfoEscola.

Na visão sociológica, a sociedade pode ser considerada como sendo um sistema. Assim, a sociedade é um sistema social. Pode-se falar de sistema social quando as ações de várias pessoas se inter-relacionam significativamente.

A maior parte das análises teóricas da sociologia ou da filosofia social aponta que a sociedade é algo tanto procedente de nossa natureza como algo convencional sujeito a modificações.

Se de um lado (PALÁCIOS, 2011), aponta que “nossa natureza nos leva a viver em sociedade”, por outro lado, há diferentes teorias que pretendem explicar os mecanismos da mudança social. A sociologia mantém posição que aponta diferentes fatores para justificar estas mudanças. Camargo (2019) apresenta uma definição mais geral de sociedade que pode ser resumida como um sistema de interações humanas culturalmente padronizadas. Assim, tanto é um sistema de símbolos, valores e normas, como também é um sistema de posições e papéis. Em outras palavras, é uma rede de relacionamentos sociais.

No debate filosófico, Durkheim, Marx e Weber conceituaram de maneiras diferentes a definição de sociedade. Cada um definiu a constituição da sociedade a partir do papel político, social ou econômico do indivíduo, informa Camargo (2019)

Palácios (2001), por fim, comenta que a sociedade atual vive imersa em um mundo onde praticamente tudo o que a rodeia é produto da ciência e da tecnologia. Nessa sociedade ocorre um fenômeno ubíquo que permite caracterizá-la: o risco. A sociedade corre riscos que estão associados com o uso de artefatos tecno-científicos. Tal situação, a magnitude dos riscos e a natureza deles, fazem necessário o desenvolvimento de enfoques éticos como o princípio da responsabilidade. Como visto, a definição de sociedade não é simples.

A abordagem CTS, como dito anteriormente, define um âmbito de trabalho acadêmico cujo objeto de estudo é constituído pelos aspectos sociais da ciência e tecnologia. De caráter crítico em relação à tradicional imagem essencialista da ciência e tecnologia e de caráter interdisciplinar por concorrer em disciplinas como a filosofia, história das ciências e tecnologia, sociologia do conhecimento científico, teoria da educação e economia das mudanças tecnológicas, os estudos CTS têm se desenvolvido desde o seu início em três grandes frentes, conforme Palácios (2001): o campo da pesquisa, como uma atividade científica; o campo das políticas públicas, defendendo a

regulação social da ciência e tecnologia; e o campo da educação, com o surgimento de programas e materiais CTS.

Os estudos CTS buscam compreender a dimensão social da ciência e tecnologia, tanto do ponto de vista dos seus antecedentes sociais como das consequências sociais e ambientais, ou seja, tanto pelo que diz respeito aos fatores de natureza social, política ou econômica que modulam as mudanças científico-tecnológicas, como pelo que diz respeito às repercussões éticas, ambientais ou culturais dessa mudança.

Concluindo esta parte introdutória, Palácios (2001) apresenta o enfoque das duas principais escolas de estudos CTS, a Escola Europeia que ressalta os aspectos sociais da tecnologia, fazendo um contraponto à visão tradicionalista que pode ser resumida pela equação “+ciência = +tecnologia = + riqueza = + bem-estar social”; e a Escola Americana que é centrada nas consequências sociais e ambientais relacionadas ao desenvolvimento científico-tecnológico, sem se esquecer da ética.

Dado o contexto CTS, é importante destacar sua fundamentação teórica.

## **5.1 Construtivismo Social**

Em relação à fundamentação teórica dos estudos CTS, destaca-se o Construtivismo Social, tema de interesse de filósofos, sociólogos e historiadores. O construtivismo social é uma abordagem filosófica sobre a sociologia que se apresenta como programa de pesquisa empírica e, segundo Berger e Luckmann (1973), tem como essência a tese de que as crenças científicas têm causas sociais.

O construtivismo social também pode ser entendido através de uma abordagem sociológica que se resume, essencialmente, em um conjunto de pressupostos filosóficos e diretrizes políticas a serem aplicadas à disciplina da Sociologia do Conhecimento, associada ao Programa Forte da Sociologia do Conhecimento de Barry Barnes e David Bloor.

As fronteiras teóricas do Construtivismo Social abarcam temas tais como a Abordagem Normativa da Ciência; a Sociologia do Conhecimento; a Teoria Ator-Rede (TAR); a Teoria Crítica da Tecnologia; e o Modelo Hélice Tripla. Estes temas serão vistos em maiores detalhes a seguir.

### 5.1.1 Abordagem normativa da ciência

A Abordagem Normativa da Ciência teve em Robert King Merton<sup>7</sup> seu principal expoente. Para a Merton (1973), o desenvolvimento da ciência deveria estar ligado a um Método Científico válido. Caminhando nesse sentido, Merton desenvolveu em 1942, conforme apontam Macfarlane e Ming (2008), o que ficou conhecido como as Normas de Merton, que descrevem um conjunto de imperativos institucionais que determinam o “Ethos” da Ciência Moderna,

**Comunalismo:** implica que os resultados científicos são propriedade comum de toda a sociedade;

**Universalismo:** significa que todos os cientistas podem contribuir para a ciência, independentemente de raça, nacionalidade, cultura ou gênero.

**Desinteresse:** considera que os cientistas devem agir em busca dos interesses coletivos do empreendimento científico, que estão acima de seus interesses pessoais, não devendo ser remunerados pelas descobertas;

**Originalidade:** exige que as demandas científicas contribuam com novidades, seja um novo problema, uma nova abordagem, novos dados, uma nova teoria ou uma nova explicação; e

**Ceticismo:** ceticismo determina que alegações científicas devem ser expostas a uma análise crítica contínua (ZIMAN, 2000).

John Ziman, em 1984, acrescentou o termo Originalidade aos quatro propostos por Merton, que convenientemente arranjados, formaram o acrônimo CUDOS, nas iniciais no idioma inglês. A importância das Normas de Merton está justamente em demarcar a separação entre a ciência e a pseudociência<sup>8</sup>.

A renovação da sociologia da ciência, em relação à abordagem essencialmente normativa, ocorreu a partir dos anos 1960. Entre outros fatores, credita-se à publicação do livro “A Estrutura das Revoluções Científicas”, de Thomas Kuhn em 1962.

Kuhn (1970), entende a ciência normal como uma atividade de resolução de “quebra-cabeças” já que, como eles, ela se desenvolve segundo regras relativamente bem definidas. Assim, o dever do cientista é insistir no emprego das regras e princípios paradigmáticos fundamentais o quanto possa. No entanto, se a exploração de um paradigma se tornar difícil, e a solução do quebra-cabeça se tornar difícil, talvez esteja

<sup>7</sup> Sociólogo americano, formou na Universidade Harvard em 1936 e desenvolveu a maior parte de suas atividades acadêmicas na Universidade de Columbia, nos EUA. Recebeu a alcunha de “Sr. Sociologia”.

<sup>8</sup> Qualquer tipo de informação que se diz ser baseada em fatos científicos, ou mesmo como tendo um alto padrão de conhecimento, mas que não resulta da aplicação de métodos científicos. Fonte: Hansson (2015).

chegada a hora da substituição do paradigma vigente. Estas situações são denominadas “anomalias”, conforme Kuhn (1970).

Nestas situações de “crise”,

...membros mais ousados e criativos da comunidade científica propõem alternativas de paradigmas. Perdida a confiança no paradigma vigente, tais alternativas começam a ser levadas a sério por um número crescente de cientistas. Então, instala-se um período de discussões e divergências sobre os fundamentos da ciência em questão que lembra um pouco o que ocorreu na fase pré-paradigmática. A diferença básica é que mesmo durante a crise, o paradigma até então adotado não é abandonado, enquanto não surgir um outro que se revele superior a ele em praticamente todos os aspectos (KUHN, 1970).

Assim, o desenvolvimento da ciência se dá através da substituição de antigos paradigmas pelos novos paradigmas que, quem sabe um dia, também será substituído.

### **5.1.2 Sociologia do conhecimento**

A Sociologia do Conhecimento, em poucas palavras, é concebida como o estudo das condições sociais de produção de conhecimento. Seu enfoque abarca as relações sociais envolvidas na produção do conhecimento.

Por sua vez, a sociologia do conhecimento científico é o estudo da ciência como atividade social, especialmente para lidar com "as condições sociais e efeitos da ciência, e com as estruturas sociais e processos da atividade científica" (BEN-DAVID e SULLIVAN, 1975). Como a sociologia do conhecimento, estuda o impacto do conhecimento humano e as ideias prevalentes nas sociedades e o que há de comum entre o conhecimento e o contexto social em que ele surge.

A sociologia do conhecimento científico emergiu nos anos 70, em oposição à sociologia da ciência associada a Robert Merton, geralmente considerado um dos "pais" da sociologia da ciência. A teoria de Merton, segundo Bem-David e Sullivan (1975), era como uma "sociologia dos cientistas", o que deixava o conteúdo cognitivo da ciência de fora da natureza sociológica dela. Por sua vez, a sociologia da ciência, em contraste visava prover explicações sociológicas para as ideias científicas por si só, tendo sua base aspectos do trabalho de Thomas S. Kuhn.

Duas escolas se destacaram na sociologia do conhecimento científico, informa Collins (1983). A “Edinburgh School” de David Bloor, Barry Barnes e seus colegas da Universidade de Edimburgo, nos anos 1970 e 1980, criaram o Programa Forte e a “Bath School”, liderado por Harry Collins e os colegas da University of Bath, no mesmo período, desenvolveram o Programa Empírico do Relativismo.

A sociologia do conhecimento científico recebeu críticas de teóricos da Teoria Ator-Rede (TAR) que trabalham com estudos de ciência, tecnologia e sociedade. Esses teóricos acusam a sociologia do conhecimento científico de reducionismo científico e de ter um universo antropocêntrico. Segundo os teóricos da TAR, a sociologia do conhecimento científico se apoia demasiado em atores humanos e regras sociais e convenções acerca de controvérsias científicas, informam Collins e Yearley (1983).

### **5.1.3 Teoria ator-rede (TAR)**

A expressão Teoria Ator-Rede (TAR) é empregada a um considerável corpo teórico, surgido e aplicado ao âmbito científico, tecnológico e social. A TAR, conforme informa Lemos (2013), tem suas origens a partir dos estudos de Ciência e Tecnologia e Sociedade, e é difundida a partir dos anos de 1980 por Bruno Latour, Michel Serres, Michel Callon, Madeleine Akrich, John Law, Wiebe Bijker, entre outros.

A teoria, conforme Luna Freire (2006), também é chamada a Sociologia da Tradução, um dos conceitos mais importantes utilizados pelos autores fundadores. Este estudo sociológico tinha como objetivo explicar o nascimento dos fatos científicos. A TAR é também utilizada para explicar novos paradigmas da comunicação que passam a existir com a cultura contemporânea.

Na TAR, o ator “é definido a partir do papel que desempenha, do quão ativo, repercussivo é, e quanto efeito produz na sua rede. Portanto, pode-se dizer que pessoas, animais, coisas, objetos e instituições pode ser um ator” (LUNA FREIRE, 2006). Já a rede representa interligações de conexões, os denominados “nós”, onde os atores estão envolvidos. A rede pode seguir para qualquer lado ou direção e estabelecer conexões com atores que mostrem algumas similaridades ou relação.

Na visão de Latour (1994), a sociedade é substituída para redes sócio técnicas. Existe uma rede muito complexa ligando os humanos, seus objetivos e todos os meios técnicos utilizados para atingi-los. Por exemplo, um motorista, para chegar ao seu

destino, precisa um carro, as estradas, postos de combustível, um código da condução, semáforos etc. Na TAR o objeto não-humano não é subordinado aos humanos, mas é um ator igual.

A teoria foi desenvolvida à luz de uma perspectiva construtivista e está baseada em dois conceitos, Tradução e Rede e em dois princípios extraídos de David Bloor, o Princípio de Imparcialidade (não devemos conceder um privilégio àquele que conseguiu a reputação de ter ganhado e de ter tido razão em face de uma controvérsia científica), e o Princípio de Simetria (os mesmos tipos de causas explicam as crenças verdadeiras e as crenças falsas).

A TAR enfatiza a ideia de que os atores, humanos e não humanos, estão constantemente ligados a uma rede social de elementos (materiais e imateriais). O termo “actante<sup>9</sup>” é utilizado como uma forma neutra de se referir a atores tanto humanos como não humanos, já que seus principais autores consideram que a palavra "ator" tem uma carga simbólica ligada ao "ser pessoas”, informa Lemos (2013).

O Princípio da Simetria apresentado por Latour, explica que, na cultura contemporânea, os atores não humanos (que podem ser um dispositivo inteligente, como computadores, smartphones, sensores, entre outros) e humanos agem mutuamente, interferem e influenciam o comportamento um do outro, com a diferença que o não humano pode ser ajustado pelo humano de acordo com a sua necessidade. Neste sentido, explica Latour (2004), o não humano pode ser chamado de mediador, à medida que estabelece a interação humana em todos os níveis sociais entre humanos e media a relação destes com outros não humanos.

Várias críticas foram emitidas contra a teoria do ator-rede. Grossetti (2006), expõe argumentos contra o princípio da simetria. Para Grossetti (2006), a TAR subestima o papel da linguagem nas interações entre os atores, e em particular as interações diretas que ocorrem entre os humanos.

Além disso, parece impossível avaliar relações entre os humanos e não-humanos do mesmo jeito que entre seres humanos. Habitualmente são avaliadas em função da força dos laços, a frequência das interações, a intimidade ou a intensidade emocional. Todos esses critérios não podem ser aplicados para

---

<sup>9</sup> Qualquer ser ou coisa, ativo ou passivo, que participa da ação, daquilo que se indica no predicado. Fonte: Dicio.com.br.

os não humanos, o que introduz uma assimetria entre humanos e objetos (GROSSETTI, 2006).

#### 5.1.4 Teoria crítica da tecnologia (TCT)

A Teoria Crítica da Tecnologia (TCT) está apoiada nas ideias do construtivismo, segundo Feenberg (1991). Nessa orientação, está implícita a crença da não neutralidade do desenvolvimento tecnológico, que consiste em um processo de escolha política conduzida não apenas com base em requisitos técnicos e econômicos, mas também pelos aspectos sociais e ambientais e com a efetiva participação das pessoas em seu desenvolvimento.

As origens da TCT estão fortemente vinculadas à Escola de Frankfurt. A escola surgiu, segundo Wiggershaus (2002), no Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt e reuniu em torno de si um grupo de filósofos e cientistas sociais de mentalidade marxista, que se uniram entre meados e o fim da década de 20. Seus principais integrantes eram Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal, Erich Fromm, Jürgen Habermas, entre outros.

Um dos principais ícones da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer propôs o termo Teoria Crítica em contraposição à Teoria Tradicional. Sobre esta diferença, (HORKHEIMER, 1990) afirma:

A teoria em sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. [...] A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não são para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade.

Entre os expoentes da Escola de Frankfurt, Feenberg (2008) destaca o debate entre Marcuse e Habermas sobre a tecnologia, que marcou um ponto de virada significativo na história da Escola de Frankfurt. Depois da década de 1960, a influência de Habermas cresceu à medida que o declínio de Marcuse e a Teoria Crítica adotaram uma posição muito menos utópica.

A Teoria Crítica parte do princípio de uma crítica ao caráter cientificista das ciências humanas, ou seja, de uma crítica da crença irrestrita na base de dados empíricos



e na administração como explicação dos fenômenos sociais, afirma Freitag (1988). A preocupação, pautada pela organização dos trabalhadores está centrada, principalmente, em entender a cultura como elemento de transformação da sociedade.

Ainda, “há uma tentativa de interpretar as relações sociais a fim de contextualizar os fenômenos que acontecem na sociedade” (JAY, 2008). Partindo deste pressuposto, as ciências sociais que reduzem seus estudos à coleta e classificação de dados estariam vedando a si próprias a verdade, porque estariam ignorando as intervenções que constantemente ocorrem no contexto social, Jay (2008).

No contexto da Teoria Crítica, Andrew Feenberg, com o lançamento do livro “Critical Theory of Technology”, em 1991, vai tratar da democratização da tecnologia. A obra defende tese de que “[...] onde quer que as relações sociais sejam medidas pela tecnologia moderna, é possível introduzir controles mais democráticos e reformular a tecnologia a fim de acolher maiores inputs de perícia e iniciativa” (FEENBERG, 1991).

Considerado o Pai da TCT, a principal crítica de Feenberg em relação à tecnologia é que o desenvolvimento da tecnologia está carregado nas decisões política. Assim, a maioria da sociedade está excluída da participação da tomada de decisão, que é profundamente antidemocrática, afirma Feenberg (2004).

No paradigma atual, a escolha da tecnologia é justificada pela eficiência técnica, com base na racionalidade instrumental, como indicador de sucesso, porém Feenberg (2004) defende que o critério técnico de eficiência não é decisivo no processo, pois escolhas sociais o influenciam. Dessa maneira, o processo de escolha, que ingenuamente pode ser considerado neutro, é completamente enviesado pelo código técnico definido em algum momento pelos interesses sociais dominantes.

### **5.1.5 Modelo tripla hélice**

A Teoria da Hélice Tripla foi desenvolvida, a partir de 1996, pelos sociólogos Henry Etzkowitz e Loet Leydesdorff, baseada na perspectiva de interações harmônicas entre a Universidade, o Governo e a Empresa (setor produtivo de bens e serviços), que representariam as três pás da hélice.

A missão da Universidade, além da tradicional formadora de mão de obra, geradora de conhecimento científico e de inovação tecnológica, passa a ser a de uma universidade empreendedora, que gera o desenvolvimento econômico. Ao Governo cabe o

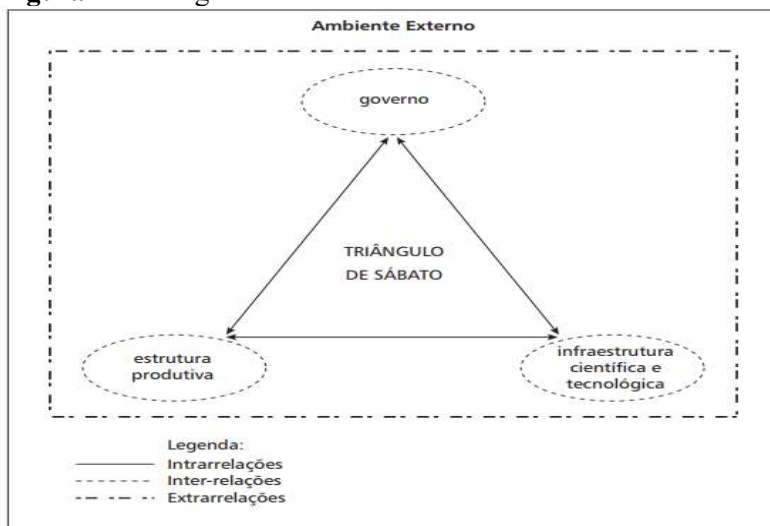
papel de regulador e fomentador da atividade econômica, além de ser o ator que incentiva o desenvolvimento das inovações como forma de se atingir o desenvolvimento social. Por fim, a Empresa tem o papel de ser o “lócus” onde a inovação é desenvolvida e repassada à sociedade. Como o governo, a Empresa também atua como fomentadora das atividades desenvolvidas no âmbito da Universidade (REIS et al 2017).

A primeira representação de um modelo envolvendo representantes das instituições de ensino superior, agências governamentais e as empresas comerciais e/ou industriais, aparece no final dos anos 1960. O “Triângulo de Sábato”, como ficou conhecido o modelo, apresentava uma relação sistêmica da infraestrutura científica e tecnológica com a estrutura produtiva e o governo, conforme apontam Sábato e Botana (1968)

Na representação proposta por Sábato e Botana (1968), vista na Figura 1, nos vértices do triângulo estão os atores, cada qual com um papel específico, responsáveis pelo processo de inovação e desenvolvimento da tecnologia.

No modelo, o governo está no vértice do topo, e a infraestrutura científica e tecnológica e a estrutura produtiva estão nos vértices da base do triângulo. As setas indicam as interações entre os vértices. Além disso, existem as intrarrelações nos vértices e as extrarrelações com o ambiente externo, representadas pelas linhas pontilhadas e tracejadas, respectivamente.

**Figura 1** - Triângulo de Sábato.



**Fonte:** Adaptada de Sábato e Botana (1968).

Os argumentos expostos por (SÁBATO E BOTANA, 1968) compreendiam:

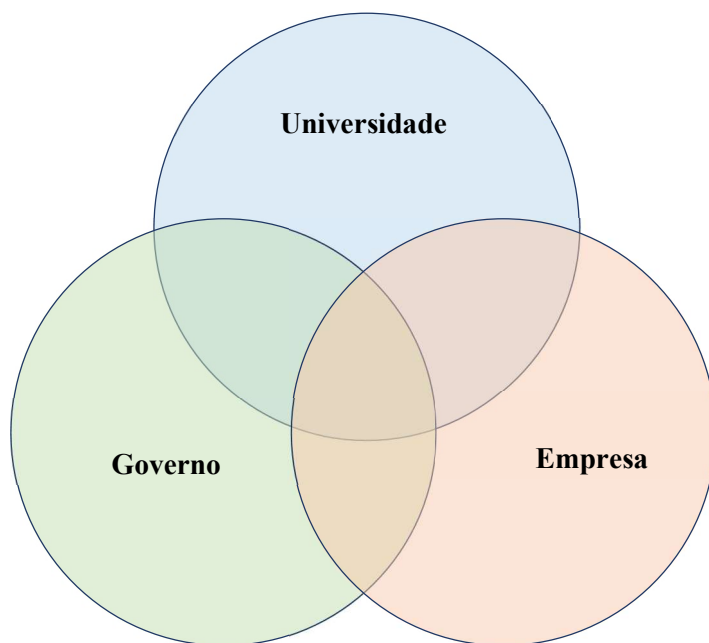
...a maior eficiência na absorção de tecnologias, a existência no país receptor de uma sólida infraestrutura científico-

tecnológica; o reconhecimento da especificidade das condições de cada país para conseguir uma utilização inteligente dos fatores de produção; a necessidade de exportar bens com maior valor agregado e o fato de que ciência e tecnologia são catalisadoras da mudança social.

Assim, há o surgimento de um *ethos* comercial dentro do ambiente acadêmico, e a emergência de conflitos sobre esse desenvolvimento culminam em uma mudança normativa na ciência, aponta Etzkowitz (1998). Dentro dessa concepção de mudança, a “difusão do conhecimento”, um valor tradicional arraigado ao comportamento acadêmico, passa a apresentar uma relação de compatibilidade com o conceito da “capitalização do conhecimento” (ETZKOWITZ, 1998; OLIVEIRA e VELHO, 2009).

Nesse novo ambiente acadêmico, surgiu a metáfora da Hélice Tripla, que descreve a criação de novos empreendimentos dentro e fora da universidade, que envolvem cooperação entre universidade, indústria e governo. Trata-se de um modelo espiral de inovação que leva em consideração as múltiplas relações recíprocas em diferentes estágios do processo de geração e disseminação do conhecimento, conforme ilustrado na Figura 2, informam Reis et al (2017).

**Figura 2:** Modelo de Hélice Tripla



**Fonte:** Etzkowitz e Leydesdorff (2000) adaptada de Triple Helix Research Group - Brazil (2017)

No Modelo Hélice Tripla,

cada hélice é uma esfera institucional independente, mas trabalha em cooperação e interdependência com as demais esferas, através de fluxos de conhecimento entre elas. Além das conexões entre as esferas institucionais, cada uma assume, cada vez mais, o papel das outras – as universidades assumem postura empresarial, licenciando patentes e criando empresas de base tecnológica, enquanto firmas desenvolvem uma dimensão acadêmica, compartilhando conhecimentos entre elas e treinando seus funcionários em níveis cada vez mais elevados de qualificação (STAL e FUGINO, 2005; LEYDESDORFF e ETZKOWITZ, 2000).

O modelo da Hélice Tripla constitui uma evolução do triângulo de Sábato, ao mostrar que, além de interações múltiplas, cada um dos integrantes passa a desempenhar funções antes exclusivas dos outros dois, e considera a formação de redes entre as várias esferas institucionais formadas pelas hélices. “Nesse modelo, as empresas se localizam no centro de uma sólida rede de interações, determinando a velocidade e a direção do processo de inovação e mudança tecnológica, operando como agentes do desenvolvimento local e/ou regional” (STAL e FUGINO, 2005).

## 6 UM OLHAR SOBRE OS RANKINGS UNIVERSITÁRIOS

Largamente utilizada atualmente, a palavra “ranking”, de origem inglesa, significa posição. Por sua vez, no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa a palavra ranking é definida como uma “classificação ordenada de acordo com critérios determinados”.

Outros dois significados encontramos em sítios da Internet. O *dicio.com.br*, apresenta três significados para a palavra ranking: posição que algo ou alguém ocupa numa escala que destaca seu mérito em relação aos demais; classificação que, ordenadamente, segue alguns critérios específicos; e sequência ou listagem oficial que estabelece a classificação final de algo ou alguém numa certa modalidade. A *wikipedia.org* define ranking como “um processo de posicionamento de itens de estatísticas individuais, de grupos ou comerciais, na escala ordinal de números, em relação a outros”.

Ainda segundo a Wikipedia, há basicamente dois tipos de rankings: os históricos e os de momento. Os históricos são cumulativos e buscam classificar os itens listados somando pontos em toda a história da classificação. Por sua vez, rankings de momento referem-se aos pontos conquistados pelos listados em um período recente, em geral os últimos doze meses.

Os rankings também podem ser divididos em rankings nacionais, que classificam instituições, objetos ou pessoas de um determinado país, e os rankings mundiais, que fazem a classificação de forma global.

Independente de se adotar este ou aquele significado, tanto no Brasil quanto em qualquer outro lugar do mundo, podemos dizer que ranking é igual a hierarquia. Se este está posicionado à frente daquele, então este é hierarquicamente superior àquele, dentro dos critérios estabelecidos. Esta hierarquia pode ser estabelecida para incontáveis categorias, algumas sérias, com funções econômicas ou sociais, e outras, nem tanto.

Tomando alguns exemplos de rankings, na categoria de rankings estranhos, publicado pelo jornal The New York Times, temos o ranking das melhores pipocas da National Basketball Association (NBA). Elaborado por Stephen Curry, armador do Golden State Warriors, o ranking das melhores pipocas das 29 arenas que recebem os jogos.

O objetivo do ranking é classificar as pipocas em 5 categorias: ruim; aceitável; boa; muito boa; e sensacional. A metodologia considerou uma escala de 1 a 5 pontos para avaliar 5 indicadores: frescor; sal; crocância; manteiga; e apresentação.

**Tabela 1:** Top 10 do ranking das melhores pipocas da NBA 2019.

Ord.	Equipe	Ginásio	Critérios					Pontuação
			Fr	Sa	Cr	Am	Ap	
1	Dallas Mavericks	American Airlines Center	5	5	4	5	5	24
2	Brooklyn Nets	Barclays Center	4	5	5	4	5	23
3	Miami Heat	American Airlines Center	5	4	4	4	5	22
4	Portland Trail Blazers	Moda Center	4	4	5	4	3	20
5	Sacramento Kings	Golden 1 Center	2	4	4	4	5	19
6	Toronto Raptors	Scotiabank Arena	3	4	3	4	4	18
7	Houston Rockets	Toyota Center	3	4	3	4	4	18
8	Oklahoma Thunder	Chesapeake Energy Arena	4	3	4	4	3	18
9	Golden State Warriors	Oracle Arena	2	4	5	3	4	18
10	New York Knicks	Madison Square Garden	3	2	4	4	4	17

**Fonte:** Stephen Curry 2019

O topo do ranking, conforme Tabela 1, ficou com o Dallas Maverick, com 24 dos 25 pontos possíveis, seguido pelo Brooklyn Nets, com 23 pontos e, completando o pódio, o Miami Heat, com 22 pontos. Na última posição do ranking ficou a pipoca da arena Staples Center de Los Angeles, que abriga os jogos dos Lakers e dos Klippers. A pipoca da Oracle Arena, casa do Golden State Warriors, equipe do Curry, ficou somente com a 9ª posição.

Saindo da categoria de rankings estranhos e inusitados, o ranking das 50 cidades mais violentas do mundo, desenvolvido e elaborado pelo Consejo Ciudadano para la Seguridad, Justicia y Paz, órgão da segurança pública do México, o ranking apresenta uma abordagem metodológica com 6 critérios para que a cidade figure na lista:

- 1) Deve ser uma unidade urbana claramente definida;
- 2) A cidade deve ter 300 mil ou mais habitantes, segundo dados de fontes oficiais;
- 3) Os dados de homicídios devem corresponder às definições universalmente aceites de homicídio;
- 4) Os números de homicídio devem vir de fontes oficiais ou fontes alternativas. Em ambos os casos, os dados, as estimativas e a metodologia de cálculo devem ser verificáveis e/ou replicáveis;
- 5) Os números devem corresponder ao ano anterior em que os resultados são divulgados;
- 6) A informação deve estar disponível através da Internet.

O cálculo para a taxa de homicídios para cada cidade é bem simples: o número de total de homicídios é dividido pelo número de habitantes e o resultado é multiplicado por 100

mil. Com esta metodologia, em 2018 o Top 10 apresentou o seguinte resultado, conforme apresentado na Tabela 2.

**Tabela 2:** Top 10 do ranking das cidades mais violentas do mundo - 2018

<b>Posição</b>	<b>Cidade</b>	<b>País</b>	<b>Taxa*</b>
1	Tijuana	México	138,26
2	Acapulco	México	110,50
3	Caracas	Venezuela	99,98
4	Victoria	México	86,01
5	Juárez	México	85,56
6	Irapuato	México	81,44
7	Guayana	Venezuela	78,30
8	Natal	Brasil	74,67
9	Fortaleza	Brasil	69,15
10	Ciudad Bolívar	Venezuela	69,09

Fonte: [www.seguridadjusticiaypaz.org.mx](http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx)

(\*) Número de homicídios por 100 mil habitantes

O ranking de 2018 trouxe em sua lista 15 cidades do México, 14 do Brasil, 6 da Venezuela, 4 dos Estados Unidos, 3 da África do Sul, 2 da Colômbia, 2 de Honduras e uma na Guatemala, El Salvador, Porto Rico e Jamaica.

Apesar de ser denominado o ranking das 50 cidades mais violentas do mundo, figura na lista apenas três cidades de fora das Américas, da África do Sul, mais exatamente. Ainda, apresenta 15 cidades do México, país responsável pelo ranking. Esta configuração pode indicar algum tipo de fragilidade na coleta de dados.

Outro exemplo interessante de ranking, apresentado em Helliwell, Layard e Sachs (2019), é o Ranking da Felicidade. Pesquisadores das universidades British Columbia, do Canadá, London School of Economics, da Inglaterra, e Columbia, dos EUA, mediram os índices de satisfação de vida de quase meio milhão de pessoas em 156 países nos últimos três anos.

De abordagem metodológica simples, a pesquisa pergunta ao entrevistado que nota daria para a sua vida, em uma escala de 1 (pior) a 10 (melhor) e atribui valores para seis variáveis que são ponderadas: apoio social; PIB per capita; esperança de vida saudável; sensação de liberdade; generosidade; e sensação de corrupção.

Na edição publicada em 2019, o World Happiness Report, como é denominado o ranking, trouxe a seguinte classificação, conforme mostra a Tabela 3.

**Tabela 3:** Top 10 do ranking da Felicidade 2016-2018

Posição	País	Pontuação		Posição	País	Pontuação
1	Finlândia	7.769		11	Austrália	7.228
2	Dinamarca	7.600		12	Costa Rica	7.167
3	Noruega	7.554		13	Israel	7.139
4	Islândia	7.494		14	Luxemburgo	7.090
5	Holanda	7.488		15	Reino Unido	7.054
6	Suíça	7.480		16	Irlanda	7.021
7	Suécia	7.343		:	:	:
8	Nova Zelândia	7.307		32	Brasil	6.300
9	Canadá	7.278		:	:	:
10	Áustria	7.246		156	Sudão do Sul	2.853

**Fonte:** Helliwell, Layard e Sachs - 2019.

De certa forma, não era de se esperar outro resultado entre os países que figuram no topo do ranking. São exatamente aqueles com maior desenvolvimento econômico e social que reportam os seus contentamentos com o modo de vida que têm em seus países.

Olhando para o Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou em março de 2019 o Ranking do Desemprego no Brasil, por unidade da Federação. De acordo com dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD-C), mostrou que 14 das 27 unidades da Federação, no primeiro trimestre de 2019, tiveram aumento em suas taxas de desemprego.

A Tabela 4 mostra o Ranking do Desemprego no Brasil, no primeiro trimestre de 2019, onde 9 dos 10 primeiros Estados da lista são das regiões Norte e Nordeste. Dois estados da região Sul aparecem no final da tabela, com as menores taxas de desemprego.

**Tabela 4:** Ranking da taxa de desemprego por unidade da Federação - 2019

Posição	Estado	Taxa %		Posição	Estado	Taxa %
1	AP	20,2		15	TO*	12,3
2	BA	18,3		16	ES*	12,1
3	AC*	18,0		17	PA*	11,5
4	MA*	16,3		18	CE*	11,4
5	PE	16,1		19	MG*	11,2
6	AL	16,0		20	PB	11,1
7	AM	15,9		21	GO*	10,7
8	SE	15,5		22	MS*	9,5
9	RJ	15,3		23	MT*	9,1
10	RR	15,0		24	PR*	8,9
11	DF*	14,1		25	RO	8,9
12	RN	13,8		26	RS	8,0
13	SP*	13,5		27	SC*	7,2
14	PI	12,7				

**Fonte:** IBGE - 2019.

(\*) Estados onde a taxa de desemprego aumentou em relação ao trimestre anterior.



Os exemplos de rankings apresentados podem ser observados em relação aos seus objetivos. O Ranking das Pipocas pode ser olhado como uma diversão ou curiosidade. Rankings como o das 50 cidades mais violentas, o Ranking da Felicidade e Ranking do Desemprego, apontam para problemas sociais e/ou econômicos que demandam ação dos responsáveis pelas políticas públicas. Uma outra forma de olhar os rankings é se eles são de escopo e interesse nacional ou mundial. O importante é que todos os tipos de rankings são construídos baseados em indicadores determinados por uma metodologia.

No entanto, o interesse principal deste trabalho são os rankings universitários. Veremos à frente que os rankings universitários podem ser classificados pela sua abordagem metodológica e pela sua abrangência. Quanto à abordagem metodológica, eles podem ser rankings baseados em resultados, rankings baseados em reputação ou uma mescla das duas. Quanto à sua abrangência, os rankings podem ser interesse nacional ou interesse mundial.

Vários autores propuseram uma definição para os rankings universitários. A definição proposta por David Webster, pioneiro no estudo da história dos rankings, aponta que:

um ranking de qualidade acadêmica, uma lista, deve ser ordenada por algum critério ou conjunto de critérios para medir ou refletir a qualidade acadêmica e deve consistir em uma lista das melhores universidades, faculdades ou cursos, dentro de uma determinada área de estudo, em ordem numérica de acordo com sua suposta qualidade, para que cada instituição ou curso tenha o seu próprio lugar (ranking) por si só, e não seja simplesmente parte de um grupo entre outras instituições em algumas categorias, grupos ou níveis (WEBSTER, 1985).

Outra definição apresenta como “combinações ponderadas de escores gerados por indicadores de desempenho, nos quais a pontuação geral é usada para classificar instituições como escolas, universidades e hospitais” (BOWDEN, 2000).

Sobre os rankings universitários, duas constatações são evidentes: eles atraem muita atenção quando são divulgados; e eles recebem muitas críticas que procuram apontar as fraquezas metodológicas, as finalidades, a imparcialidade entre outros fatores. O certo é que eles, os rankings, não passam indiferentes na sociedade e, muito menos, na academia. Também é certo que vieram para ficar.

Dados estes fatos, é necessário um comentário sobre os principais interessados e que tipo de informação procuram nos rankings universitários. Também é necessário um comentário sobre os princípios que regem os editores de rankings.

Alguns autores, com pequenas variações, apresentam os grupos de interessados sobre. Segundo Tofallis (2011), é possível identificar três grupos de interessados nos resultados dos rankings universitários: o primeiro grupo é formado pelos estudantes que pretendem ingressar em um curso de graduação. Estes encontram nos rankings um conjunto de informações que ajudam na tomada de decisão quanto ao curso e em qual instituição pleitear uma vaga. O segundo grupo de interessados nos resultados dos rankings é formado pelos recrutadores ou gerentes de recursos humanos (RH) responsáveis pela seleção de candidatos a uma dada função. Nestes casos, os rankings podem influenciar a tomada de decisão dos recrutadores e os candidatos das instituições bem colocadas nos rankings podem largar na frente na conquista de uma vaga.

Por fim, o terceiro grupo é formado por reitores e/ou diretores e pesquisadores de Instituições de Ensino Superior. Este grupo é responsável por fazer as políticas sobre ensino e pesquisa de suas instituições e podem influenciar o destino das políticas públicas na educação Superior. A academia também é responsável por levar a discussão à sociedade através da produção de artigos publicados em revistas e periódicos.

O terceiro grupo também é responsável pela quase totalidade das críticas que apontam problemas como a subjetividade e imparcialidade nos critérios para a seleção de parâmetros que geram a lista final dos rankings. Por outro lado, os mesmos reitores e diretores, em conjunto com os “seus departamentos de marketing acham difícil resistir a citá-los se houver uma mudança para cima em sua classificação” (TOFALLIS, 2011).

Seria conveniente acrescentar um quarto grupo formado gestores governamentais responsáveis pela definição de políticas públicas que orientam e financiam o ensino superior de seus países ou região, conforme informa Webster (1985). Veremos com mais atenção a atuação deste quarto grupo.

Com a popularização, além daqueles que se interessavam pelos resultados, os olhares se voltaram para as agências e editores responsáveis pela organização e divulgação dos rankings. Dada esta tendência, o Centro Europeu para o Ensino Superior da UNESCO (UNESCO-CEPES), em Bucareste, e o Instituto para a Política do Ensino

Superior, em Washington, fundaram em 2004, o International Ranking Expert Group (IREG).

Assim, seria “importante que aqueles que produzem os rankings se responsabilizem pela qualidade em sua própria coleta de dados, metodologia e disseminação” (IREG, 2006), uma vez que os rankings das instituições de ensino superior vêm se tornando, entre outras coisas: parâmetro para a alocação de fundos; forma de identificar as diferenças das IES; indicador de qualidade das IES em complemento ao trabalho das agências públicas e privadas; e parte dos processos de prestação de contas das instituições para com a sociedade.

O IREG, em sua segunda reunião acontecida em maio de 2006 em Berlim, aprovou um conjunto de princípios de qualidade e de boas práticas para os rankings das IES, que ficaram conhecidos como “Os Princípios de Berlim”.

De acordo com IREG (2006), esperava-se que a iniciativa estabelecesse uma estrutura para a elaboração e disseminação dos rankings em todas as instâncias, sejam regionais, nacionais ou globais. Além disso, os Princípios de Berlim, dada a heterogeneidade das metodologias dos rankings, deveriam estabelecer a cultura das boas práticas para a melhoria e avaliação dos rankings.

Assim, foram estabelecidos 16 princípios divididos em 4 grupos, conforme Quadro 1, adaptada de IREG (2006).

**Quadro 1:** Os Princípios de Berlim para os rankings universitários

<b>PRINCÍPIOS DE BERLIM</b>	
Propósitos e metas dos rankings	01) Não ser a única abordagem de avaliação do ensino superior e sim fornecer uma perspectiva baseada no mercado em complementação ao trabalho governamental; 02) Ser claro quanto ao propósito e ao público-alvo. Os indicadores devem ser projetados para atender objetivos específicos; 03) Reconhecer a diversidade de instituições e considerar as diferentes missões e objetivos destas instituições; 04) Garantir a clareza da fonte das informações coletadas de modo a garantir a relevância dos resultados. As fontes de informação devem contemplar os diversos nichos das instituições; 05) Considerar os contextos linguístico, cultural, econômico e histórico das instituições que estão sendo classificadas. Valores e crenças sobre o que significa qualidade podem conter um viés significativo principalmente nos rankings internacionais;
Tipos e pesos dos indicadores	06) Ser transparente quanto à metodologia usada para criar os rankings. A transparência deve incluir o cálculo dos indicadores e origem dos dados; 07) Selecionar os indicadores de acordo com a relevância, que possam representar a qualidade e os pontos fortes da instituição; 08) Considerar dados brutos, pois guardam a sua importância por refletir mais precisamente as condições gerais da instituição;

	09) Considere não alterar os pesos dos indicadores. Tais mudanças dificultam identificar se uma mudança de status na instituição ocorreu devido a uma diferença inerente ou à mudança de metodologia;
Coleta e processamento dos dados	10) Atentar aos padrões éticos e às boas práticas articuladas nestes Princípios. Os responsáveis pelas informações devem ser objetivos e imparciais; 11) Utilizar dados auditáveis e verificáveis. Estes dados devem ser comparáveis e compatíveis entre as instituições; 12) Utilizar dados coletados com procedimentos adequados; 13) Aplicar medidas de qualidade nos processos de classificação dos rankings. Os rankings devem aprender com seus próprios processos de classificação no sentido de aprimorar continuamente sua metodologia; 14) Aplicar medidas que aumentem a credibilidade dos rankings, como a utilização de órgãos consultivos e/ou de supervisão;
Apresentação dos resultados	15) Fornecer aos interessados condições de compreender o desenvolvimento da construção dos rankings até a divulgação do resultado; 16) Compilar e organizar os dados coletados de forma a mitigar possíveis erros. Comunicar aos interessados possíveis erros.

**Fonte:** Construção do autor a partir da International Ranking Expert Group (IREG), 2006.

À luz dos Princípios de Berlim, passamos a analisar os meandros, as metodologias e os indicadores, assim como os pesos atribuídos a cada indicador, de alguns dos principais rankings universitários nacionais e internacionais.

## 6.1 Rankings no Brasil - Uma Breve História

No Brasil, a história dos rankings universitários tem início na década de 1980, por iniciativa da empresa Editora Abril. Segundo Calderon, Matias e Lourenço (2014), a Revista Playboy lançou, em 1981, a primeira versão do ranking Melhores Faculdades. Esta iniciativa pioneira foi publicada até a sua 19ª edição em 2000. A edição nº 302 da Revista Playboy, de setembro de 2000, apresentou a metodologia, com componentes qualitativos e quantitativos, para avaliação das faculdades listadas no ranking:

É a pesquisa mais completa sobre o ensino superior brasileiro. Para chegar aos resultados publicados nas tabelas das próximas páginas, PLAYBOY coletou dados entre milhares de professores, profissionais de recursos humanos de grandes empresas, instituições de ensino e órgãos oficiais de educação do Brasil, como o Ministério da Educação, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e as fundações estaduais de amparo à pesquisa. Neste ano apontamos os 580 melhores cursos em 46 áreas do conhecimento. A classificação final das melhores faculdades brasileiras é resultado de um trabalho que consumiu nove meses e teve início com o envio de 23.000 questionários a professores universitários, chefes de departamento e coordenadores de 219 instituições de ensino, que formam a base da pesquisa. (REVISTA PLAYBOY, Ed. 302, 2000, p. 92-94).

A elaboração e publicação do ranking tinham como objetivo ser “um guia amplo e fidedigno elaborado pela Revista Playboy para facilitar a escolha do estudante brasileiro na hora do vestibular e estimular as escolas na busca de aperfeiçoamento” (CASTILHO, 1996, p. 117).

Em 1984, de acordo com Lourenço (2014), surge o Guia do Estudante (GE) que era veiculado como suplemento do Almanaque Abril - publicação anual no formato de enciclopédia. A partir de 1986 o GE ganhou edição própria e suas informações estavam vinculadas ao ranking da Revista Playboy.

A partir de 1988, a Editora Abril, lança o Guia do Estudante - Melhores Universidades que era um ranking propriamente dito. Segundo Lourenço (2014), a primeira edição do GE resultou de um aprimoramento das metodologias anteriormente empregadas pela Revista Playboy. Esta primeira versão, conforme Lourenço (2014), classificou 4.025 cursos de educação superior utilizando o tradicional sistema de estrelas, variando de uma a cinco estrelas.

Metodologicamente, o GE durante este longo tempo de existência, passou por uma série de aprimoramentos, como informa Lourenço (2014), possibilitados pela experiência acumulada em avaliar o desempenho do ensino superior do Brasil. Em palestra realizada no Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp, Fábio Volpe, editor da revista do GE, destaca que “dentre os 32 mil cursos oferecidos [no Brasil], apenas 17 mil atenderam aos pré-requisitos que os técnicos da revista consideram fundamentais para avaliação dos cursos oferecidos”. Volpe também destaca que uma equipe de jornalistas e analistas são os responsáveis pelas atualizações de 2.116 instituições de ensino superior.

O que é possível observar de comum entre os dois rankings pioneiros, além de ambos serem de iniciativa da Editora Abril, é o fato de serem voltados para estudantes que estão em processo de escolha de um curso de graduação e a respectiva instituição em que pretendem concorrer a uma vaga. Também foi possível identificar situações em que gestores da esfera pública e, principalmente na esfera privada, utilizaram os rankings como forma de promover o marketing de suas instituições.

Os rankings pioneiros também se caracterizaram por ser de iniciativa de empresas privadas. Somente em 1996, por iniciativa do governo Fernando Henrique

Cardoso, foi instituído o primeiro instrumento governamental de avaliação do ensino superior, o “Provão”, apelido do Exame Nacional de Cursos.

Assim, no período de 1996 a 2001, a intenção do MEC com o Provão era “analisar a qualidade e a eficiência das atividades de ensino, pesquisa e extensão, obtendo dados que reflitam a realidade do ensino” (MENEZES, 2001).

O Provão, estabelecido pela Lei nº 9.131/95, basicamente avaliava as capacidades desenvolvidas pelos alunos durante o curso de graduação, e era parte de um instrumento maior que também avaliava outros três aspectos das instituições de ensino superior: a qualificação do corpo docente, a organização didático-pedagógica e a infraestrutura. Tendo como base a avaliação desses quatro itens, o MEC classificava as instituições em conceitos que variavam de A até E.

Atualmente, a avaliação das instituições de ensino superior é gerida pelo Sistema nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), criado pela Lei nº 10.861/2004, e é formado por três componentes principais: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes. Conforme BRASIL (2004), destaca-se que o Sinaes avalia todos os aspectos que giram em torno desses três eixos, principalmente o ensino, a pesquisa, a extensão, a responsabilidade social, o desempenho dos alunos, a gestão da instituição, o corpo docente e as instalações.

A partir de 2012, a empresa Folha de São Paulo (FSP) lançou o Ranking das Universidades Brasileiras (RUF). Segundo informações do sítio da FSP, o RUF utiliza bases de dados nacionais e internacionais, além de duas pesquisas de opinião, que buscam avaliar as instituições considerando-se cinco aspectos: pesquisa, ensino, mercado, internacionalização e inovação. Em 2012, o RUF ranqueou 188 instituições das esferas públicas e privadas e a na edição de 2019 foram avaliadas 197 instituições.

Em 2014, segundo informações do sítio da Universidade de Leiden, na Holanda, o Centrum voor Wetenschap en Technologische Studies (CWTS), instituto dedicado aos estudos de métricas de Ciência e Tecnologia, elaborou uma única versão do Ranking Brasileiro de Pesquisa CWTS Brazilian Research Ranking (CWTS-BRR). O CWTS-BRR listou as organizações de pesquisa (não apenas as universidades) mais produtivas no Brasil em revistas científicas internacionais no período de 2003-2012. Para a avaliação das instituições, o ranking utilizou a base de dados bibliográficos da Web of

Science. O objetivo do ranking era fornecer medidas altamente precisas sobre o impacto científico dessas organizações e sobre seu envolvimento em colaboração científica.

## 6.2 Uma História dos Rankings no Mundo

Como e por que os rankings universitários mundiais se tornaram tão poderosos e influentes para o ensino superior? A resposta a esta questão não é simples, mas é certo que os rankings como conhecemos hoje, tiveram sua gênese em rankings de qualidade do ensino superior nos Estados Unidos. Eram as listas de abrangência nacional.

Nas palavras de Webster (1991) e Myers e Robe (2009), os rankings eram considerados uma invenção do início do século XX, no entanto para (USHER, 2017), “os esforços para tentar comparar as instituições de ensino superior começaram, na verdade, no século XIX” quando o US Bureau of Education, em 1870, começou a emitir relatórios estatísticos que incluíam dados individuais de instituições acadêmicas. As instituições foram divididas e classificadas em três categorias: Universidades/Faculdades, Escolas de Ciência e Escolas Profissionais. Uma nova forma de classificar as instituições ocorreu a partir de 1885, quando foi listado um grupo com treze instituições rotuladas de “as mais conhecidas”, prática que perdurou por mais de uma década.

Várias abordagens podem ser distinguidas ao olharmos para a história dos rankings. É possível identificar, ao longo do tempo, os benefícios que cada ranking prometia. Por outro lado, é impossível não constatar as críticas que os rankings receberam, tanto das instituições de ensino superior listadas nos rankings, quanto dos outros atores que buscavam algum tipo de informação os rankings.

Embora os propósitos e a metodologia dos rankings tenham evoluído e se alterado, desde a sua criação, os rankings universitários preencheram uma forte demanda do consumidor (quaisquer que sejam eles) por qualidade institucional e, como tal, os rankings vieram para ficar.

Para traçar uma história dos rankings, conforme Webster (1991), é preciso considerar o pioneirismo dos Estados Unidos, onde as primeiras publicações com avaliação do ensino superior, propriamente dita, surgiram por volta de 1910. Os esforços para a avaliação do ensino superior partiram de agências, guias e sistemas de

classificação e, cada uma destas entidades expressava as suas classificações de maneira muito diferente.

Para contornar as muitas e diferentes abordagens a respeito da qualidade do ensino superior, utilizou-se que definia que um bom sistema de ranking de qualidade acadêmica:

- a) Deve ser organizado de acordo com algum critério ou conjunto de critérios que o compilador da lista acredita medir ou refletir a qualidade acadêmica; e
- b) Deve ser uma lista das melhores faculdades, universidades ou departamentos em um campo de estudo, em ordem numérica de acordo com sua suposta qualidade, com cada escola ou departamento (curso) tendo sua própria classificação individual, não apenas agrupada com outras escolas em um punhado de classes, grupos ou níveis de qualidade (WEBSTER, 1991).

De acordo com Myers & Robe (2009), os sistemas de ranqueamento que atendiam os critérios do “Academic Quality Rankings”, podiam, ainda, ser diferenciados em outras polaridades. Alguns rankings comparavam cursos individualmente, como sociologia ou economia, dentro de uma faculdade ou universidade, enquanto outros mediam a qualidade das instituições como um todo, sem considerar áreas de concentração fortes ou fracas.

Outros tipos de rankings faziam a classificação somente da graduação ou da pós-graduação das instituições. No entanto, era desejável classificar a instituição como um todo, com a graduação e da pós-graduação sendo avaliada de forma integrada.

Ainda, podia-se identificar outra abordagem sobre a forma que os rankings faziam as classificações. Mais importante do que verificar “o que” os rankings julgavam era verificar “como” eles faziam o julgamento, apontam Myers e Robe (2009). Olhando por esse ângulo, a maioria dos rankings de qualidade acadêmica utilizam duas principais estratégias: avaliação baseada em resultados da instituição ou avaliação baseada em pesquisas de reputação.

Os rankings de reputação são aqueles que são significativamente baseados em pesquisas (surveys) distribuídas a avaliadores solicitados a listar os principais cursos ou instituições. Os avaliadores geralmente são especialistas em seu campo de atuação ou são grupo de pares das instituições avaliadas.



Por sua vez, os rankings que analisam os resultados das instituições, geralmente se preocupam em identificar o “valor agregado” de uma faculdade ou universidade. Na formação das listas são utilizados dados primários referentes a alunos de graduação e pós-graduação. Também são utilizados dados do resultado das pesquisas desenvolvidas na instituição, recursos financeiros, assim por diante. Também são utilizados dados a respeito de ex-alunos que obtiveram algum destaque em suas vidas profissionais, com recebimento de prêmios ou que aparecem em publicações do tipo “Who's Who in America”, por exemplo.

Em relação a estes dois tipos de avaliação do ensino superior, Webster (1991), Myers e Robe (2009); apontam que houve dois grandes períodos nos quais cada método de classificação era ascendente, nos EUA: classificações baseadas em resultados tiveram o auge das publicadas no período entre 1910 e 1950. Por sua vez, os rankings baseados na reputação se tornaram referência a partir de 1958.

### **6.2.1 Pioneirismo americano**

No início do século XX, segundo Usher (2017), foram publicados na Inglaterra dois trabalhos, considerados acadêmicos, no campo da psicologia que tinham como objetivo saber se membros ilustres da sociedade eram produto do ambiente (especialmente a universidade frequentada) ou se eram predestinados à grandeza de forma hereditária.

O primeiro, de 1900, denominado “Where We Get Our Best Men”, buscava informações sobre a vida dos homens ilustres da Inglaterra. O trabalho publicou uma lista de universidades classificadas em ordem pelo número absoluto de homens eminentes que as frequentavam. O segundo, de 1904, compilou uma lista de universidades na ordem de quantos “Gênios” passaram pelas universidades listadas.

Embora nenhum destes trabalhos considerados pioneiros tenha sugerido explicitamente o uso de tais classificações como uma ferramenta para medir a qualidade das universidades, quando os americanos começaram a produzir seus rankings com o objetivo de qualificar o ensino superior, eles usaram metodologias e dados semelhantes aos autores ingleses aponta Usher (2017).

Considerado o pioneiro na publicação de rankings, conforme Webster (1991), James McKeen Cattell, psicólogo interessado no estudo de homens eminentes, publicou

em 1903 o primeiro ranking dos EUA, denominado “American Men of Science: A Biographical Dictionary”.

Na verdade, se tratava de “uma compilação de biografias curtas de quatro mil homens que Cattell considerou ser “cientistas estrelados”, incluindo onde eles haviam obtido seus diplomas, que honras eles ganharam e onde eles tinham sido empregados” (WEBSTER, 1991).

Com a publicação da segunda edição em 1910, Cattell considerava que os rankings representavam um julgamento de qualidade que poderia ser melhorado ao longo do tempo se as instituições tomassem as medidas corretas. Praticamente os mesmos objetivos dos rankings atuais.

A partir das listas pioneiras de Cattell, outras três listas foram publicadas, informam Myers e Robe (2009). Em 1910, a American Association of University (AAU) elaborou uma lista com 344 instituições estratificadas em quatro classes. Apesar de não ser um ranking propriamente dito, a lista foi uma tentativa de o governo federal americano comparar a qualidade acadêmica das instituições.

A University of Indiana, utilizou a edição de 1921 da “American Men of Science”, para elaborar uma lista dos 327 jovens cientistas. A iniciativa classificou 17 instituições utilizando a proporção de jovens cientistas mais “estrelados” pelo total de aluno da instituição. Esta abordagem seria a primeira baseada em resultados ajustados.

A terceira iniciativa declarava explicitamente a busca pela qualidade acadêmica das universidades americanas. Beverly Waugh Kunkel, bióloga do Lafayette College, e Donald B. Prentice, então presidente do Instituto de Tecnologia Rose-Hulman, utilizando metodologia semelhante à de Cattell e da University of Indiana, publicaram seu primeiro estudo em 1930. Prentice e Kunkel acreditavam que “indubitavelmente, a medida mais confiável de uma instituição de ensino superior era a qualidade de seu produto, os alunos” (MYERS e ROBE, 2009). Kunkel e Prentice repetiram essencialmente a mesma metodologia em estudos periódicos de 1930 a 1951.

Os rankings baseados em pesquisa de reputação das instituições de ensino superior, segundo Webster (1991); Myers e Robe (2009); e Usher (2017) se tornariam o método predominante para as classificações de qualidade acadêmica a partir do final dos anos 1950.

Em 1959, foi publicado o “US News and World Report”, com forte componente de avaliação de reputação, o que viria a se tornar o ranking mais popular dos EUA. Conforme apontam Webster (1991) e Myers e Robe (2009), a metodologia foi desenvolvida em 1924 por Raymond Hughes, professor de química da Universidade de Miami, em Oxford, Ohio, que acreditava que a opinião de seus colegas professores era mais confiável do que a metodologia baseada em resultados.

Também em 1959, a Universidade da Pensilvânia, publicou um ranking baseado em reputação cujo objetivo era comparar a pós-graduação e pesquisa em Artes e Ciências da universidade com as outras instituições americanas. Este trabalho, segundo Myers e Robe (2009), marcou o início do declínio dos rankings baseados em resultados.

Pode-se dizer que os avanços metodológicos a respeito dos rankings baseados em reputação apresentaram avanços a partir do trabalho de Allan Cartter<sup>10</sup> em 1966, conforme apontam Myers e Robe (2009). O “Cartter Report” classificou 29 disciplinas em 106 instituições com a finalidade de avaliar a qualidade da pós-graduação. A publicação do ranking de Carter impactou positivamente tanto a academia quanto as autoridades do ensino superior. Revistas com Time e Science elogiaram o trabalho que, quando publicado, se transformou num grande sucesso comercial vendendo 26.000 cópias.

Aproveitando o sucesso do Cartter, Kenneth Roose<sup>11</sup> e Charles Andersen<sup>12</sup> publicaram em 1970 uma classificação dos programas de pós-graduação. O estudo de Roose e Andersen ampliou o número de cursos e instituições avaliados e aumentou significativamente o número de participantes que responderam à pesquisa em relação ao trabalho de Cartter. No entanto, “apesar do escopo ampliado, o estudo de Roose e Andersen não obteve a mesma recepção que o “Cartter Report”, quatro anos antes” (MYERS e ROBE, 2009).

Produzido pela National Academy of Science (NAS) em 1982, a “Avaliação dos Programas de Pesquisa e Doutorado nos EUA” classificou um total de 2.699 programas de 228 instituições, se tornando o maior projeto de classificação acadêmica de qualidade até então realizado. Infelizmente, a apresentação dos resultados colocando as

---

<sup>10</sup> Economista formado pela Universidade de Yale, foi membro do American Council on Education

<sup>11</sup> Economista formado pela Universidade da Califórnia em Los Angeles.

<sup>12</sup> Economista membro do American Council on Education

instituições em ordem alfabética, dificultou a compreensão das muitas informações publicadas.

Outra característica importante acrescentada à publicação da NAS, de acordo com Myers & Robe (2009), foi que das 16 medidas utilizadas para a elaboração da lista, apenas quatro eram reputacionais além de medidas como tamanho do programa, tamanho da biblioteca, características dos egressos, suporte à pesquisa e números de publicações.

Com a mesma abordagem primeiramente apresentada pela NAS, ou seja, de utilizar uma mescla de dados reputacionais e dados brutos, o National Research Council publicou em 1995 o “The Research-Doctorate Programs in the United States: Continuity and Change”. Com um escopo ainda maior do que a publicação da NAS, “foram utilizadas informações de 41 cursos e de 274 instituições resultando em um total de 3.634 programas avaliados” (MYERS e ROBE, 2009).

É possível observar que a abordagem metodológica dos rankings baseados em resultados evoluiu até perder espaço, no final dos anos 1950, para a abordagem dos rankings baseada em reputação. Estes últimos também evoluíram até o início dos anos 1980, quando a NAS passou a utilizar uma abordagem onde a utilização de uma mescla de dados reputacionais e dados brutos das instituições que estavam sendo avaliadas. Esta abordagem metodológica com mescla de informações está sendo amplamente utilizada pelos principais rankings mundiais, como veremos à frente.

### **6.2.2 Rankings no mundo**

Se os rankings nos EUA, pode-se dizer, atingiram o auge a partir dos anos 1980, quando a US News and World Report (USNWR) inovou, conforme aponta Usher (2017), ranqueando as instituições como um todo e utilizando classificações em bases estatísticas, a década de 1980 também foi o momento do surgimento dos rankings e guias fora dos EUA.

Países como Canadá e México, da América Norte; Reino Unido, França, Holanda, Itália, Alemanha e Polônia, da Europa; além de Chile e Brasil na América do Sul, começaram a desenvolver os seus rankings.

Na América do Norte, segundo Usher (1991), a revista canadense Maclean's iniciou em 1991 a produção de um ranking nos moldes do USNWR. A partir da

segunda edição, já com a editora Ann Dowsett-Johnston, o ranking estabeleceu um sistema de classificação para as universidades canadenses. No México, a partir de 2000, foi editado o El Universal Ranking Global de Universidades.

As iniciativas europeias, segundo Usher (2017) se iniciaram com a Polônia e passaram pelo Reino Unido, Holanda, Alemanha, Suíça, Áustria e Itália. Em 1987, a publicação polonesa Sztandar Mlocych, editou o primeiro ranking das escolas secundárias. E em 1998, foi editado pela revista Perspektywy o primeiro ranking universitário. Assim como o canadense, o ranking polonês era um conjunto de tabelas classificatórias multi-indicadores.

Em 1996, no Reino Unido, o ranking editado pelo Times Higher Education Supplement se constituía de tabelas individuais para cada indicador (requisitos de ingresso dos alunos, gastos com bibliografia, percentual de alunos premiados etc.), porém, sem fazer a somatório. A outra iniciativa coube ao jornal Financial Times, que durou até 2004. Atualmente, os jornais The Guardian e The Telegraph editam os seus rankings.

A editora Elsevier na Holanda e o Jornal La Repubblica na Itália publicaram guias com algumas variações metodológicas. No entanto, na França um sofisticado ranking foi produzido em conjunto pela Vie Universitaire e o jornal Le Nouvel Observateur, com 45 indicadores.

Em comum, os rankings e guias europeus, acima citados, tinham o fato de não avaliarem as instituições, mas o programa de estudo. De certa forma, afirma Usher (2017), esta abordagem era um passo atrás em relação aos rankings americanos. Outra característica dos rankings europeus era não oferecer uma pontuação agregada sobre os vários indicadores utilizados. Também começaram a ser incluídos nos rankings indicadores sobre os resultados das pesquisas desenvolvidas pelas instituições.

Em 1998, ocorreu na Alemanha o lançamento dos primeiros rankings Centrum für Hochschulentwicklung or Centre for Higher Education (CHE). Este ranking foi “estabelecido com dinheiro da fundação Bertelsmann e com a missão de ajudar a tornar as universidades alemãs mais diversificadas e capazes de ações autônomas” (USHER, 2017). O fato de a Internet estar disponível em 1998, fez com que os alunos pudessem manipular individualmente cada indicador, dando maior autonomia na interpretação do ranking. Assim, a classificação dos melhores programas ficava nas mãos dos usuários.

Altamente influentes na Europa, os rankings CHE incluíram instituições da Suíça, Austria e Holanda, além da Alemanha. A sua metodologia acabou extrapolando as fronteiras da Europa, quando publicações do Canada e de Taiwan utilizaram a abordagem da publicação alemã.

Por volta dos anos 2000, a onda dos rankings universitários chega à América Latina. A particularidade, no entanto, é que os maiores interessados são as instituições de ensino superior particulares e os rankings são elaborados por editores comerciais.

Segundo Usher (2017), no Chile, o jornal El Mercurio e a revista Que Pasa produzem rankings universitários, enquanto a revista América Económica produziu rankings não apenas para o Chile, mas também para o Peru e México. A principal característica dos rankings do Chile e México é a limitação no número e tipo de indicadores, motivado pelo fato de grande parte das instituições avaliadas serem particulares, sem bases de dados oficiais e sem tradição em pesquisa científica, o que limitava a utilização de dados bibliométricos. Assim, “nesses países os rankings tendem a depender muito mais de indicadores baseados em pesquisas de reputação e, quando possível, em respostas baseadas em pesquisas institucionais” (USHER, 2017).

Na Ásia, as primeiras iniciativas de elaboração de rankings ocorreram no Japão e na China, informa Usher (2017). O modelo metodológico do ranking japonês era fortemente baseado no modelo norte americano e foi editado pela empresa Asahi Shimbun and Recruit, uma empresa de recrutamento de profissionais.

Na China, os primeiros rankings nacionais foram conduzidos pelo Guangdong Institute of Management Science e pelo Wuhan University Center For Science Evaluation. A orientação acadêmica destas instituições explica, em parte, a forte tendência desses rankings em relação aos indicadores de resultados da pesquisa.

A primeira experiência australiana de elaborar um ranking nacional foi motivada pelo lançamento do Shanghai Jiao Tong, chinês. O ranking do Melbourne Institute era uma tabela de multi-indicadores com uma mistura de dados de entrada, saída e baseados reputação.

De volta à Europa, na Rússia e Ucrânia, conforme Usher (2017), os rankings surgiram na segunda metade dos anos 2000. Ambos os países apresentam características

semelhantes tanto na metodologia quanto no tipo de empresas que conduziram os trabalhos.

Na Rússia, a estação de rádio Ekho Moskvy, em parceria com a agência de notícias Interfax, criou um ranking multi-indicador. Na Ucrânia, a mesma abordagem foi utilizada por Dzerkalo Tyzhnia do jornal The Mirror. Em ambos os países, esses rankings foram rapidamente seguidos por concorrentes bastante singulares.

Na Ucrânia, o bilionário Rinat Akhmatov, da holding System Capital Management, patrocinou o "Compass Rankings". O ranking era baseado em pesquisas com ex-alunos e empregadores e consistia em tabelas classificativas de multi-indicadores. A holding nada tinha com a educação superior, mas sim uma forte tendência para questões do mercado de trabalho. Este fato era preponderante no resultado do ranking, que apontava no topo as instituições técnicas, ao contrário do ranking do The Mirror, que trazia no topo as universidades mais tradicionais.

Similarmente na Rússia, o bilionário Oleg Derpaska patrocinou um ranking personalizado feito pela RAExpert, empresa que também não era ligada à educação superior, mas era especializada em classificar produtos de consumo de vários tipos.

Essa onda de rankings nacionais, conclui Usher (2017), consistiu, na maior parte, de rankings com múltiplos indicadores que geralmente eram publicados pela mídia comercial.

### **6.2.3 Rankings oficiais**

Antes de surgirem os rankings internacionais, um novo fenômeno surgiu: os rankings criados por governos ou agências governamentais, adaptando as técnicas de rankings para servir à meta de políticas públicas de melhoria institucional. A finalidade desta modalidade de ranking era, e ainda é, uma forma de prestação de contas à sociedade em relação às verbas públicas aplicada ao ensino superior.

Normalmente utilizados como forma avaliativa, qualitativa e para dar transparência às políticas públicas relacionadas ao ensino superior, esta modalidade de ranking não substituiu os rankings editados por agências comerciais. No geral, a publicação dos resultados destes rankings editados por agências oficiais, tinha a finalidade de estimular o crescimento da qualidade do ensino e da pesquisa.

Em relação à metodologia, os países da comunidade britânica e os europeus continentais, optam por um conjunto de indicadores institucionais e critérios comuns para alcançar um objetivo. Por sua vez, países não membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), optam por uma metodologia semelhante àquela adota pelos rankings comerciais, com indicadores ponderados e somados.

A Nigéria, o Paquistão e a Malásia foram países precursores dos rankings governamentais fora da Europa e EUA, afirma Usher (2017). Em 2001, a Comissão de Universidade classificou as universidades através de um ranking que compunha três tipos de indicadores: indicadores de entrada (qualificação dos docentes, relação de docentes estrangeiros por número de alunos, entre outros); indicadores de produção (pesquisa, doutorado); e indicadores orientados ao processo (percentagem de programas acreditados, estabilidade do calendário das universidades). Mais tarde, foram acrescentados dados de pesquisas com empregadores e com acadêmicos, além de dados bibliométricos.

Em 2006, a Comissão de Educação Superior do Paquistão iniciou a publicação de um ranking com metodologia baseada 40% em pesquisas de opinião e 60% baseada em dados de entrada. A mesma abordagem foi utilizada pela Malásia em 2009. O ranking Setara Ratings foi criado pela Agência de Qualificações da Malásia, por solicitação do Ministério da Educação Superior e continha 82 indicadores que classificavam as universidades em seis categorias.

Embora boa parte dos rankings governamentais estejam na Ásia, a Europa tinha na Roménia uma experiência com rankings governamentais. Apesar de a Romênia ter editado rankings comerciais – o ranking da revista Kapital e o Ad Astra Ranking – o foco era utilizar os rankings como meio de distribuir recursos do governo, conforme Usher (2017).

Os rankings governamentais chegaram aos EUA em 2013, aponta Usher (2017). O presidente Barack Obama propôs um sistema de classificação das instituições educacionais com a finalidade de guiar tanto o público quanto os gestores das políticas públicas. As instituições seriam avaliadas em três indicadores: acessibilidade (percentual de alunos que recebem bolsas Pell, destinadas pelo Governo); acolhimento



(combinação de bolsas de estudos, descontos na mensalidade, auxílio financeiro); e resultados (taxa de formados, média de salário recebido pelo egresso).

Segundo Espinosa, Crandall e Tukibayeva (2014), esperava-se que o resultado da publicação da avaliação americana atrairia mais alunos para as universidades do topo da lista, conseqüentemente, mais recursos. Por outro lado, as universidades de baixo desempenho seriam punidas, por exemplo, negado o acesso ao Title IV Funds (provimento de recursos financeiros para estudantes e servidores de instituições privadas).

De certa forma, os países que optaram por implementar os rankings como forma de transparência, ou como forma de identificar instituições que receberiam recursos, acabaram por abandonar estes rankings, a maioria das vezes por dificuldades técnicas para obter junto às instituições, de forma linear, os dados componentes dos indicadores.

A exceção ficou por conta de um ranking editado pelo governo búlgaro em 2011, conforme aponta Usher (2017). A empreitada foi levada com a contratação das empresas MBMD Social Research Agency, de pesquisa em ciências sociais, e a Sirma Holdin Group, empresa de tecnologia da informação, que criaram um ranking nos moldes do CHE alemão, com indicadores de pesquisa, satisfação do aluno com o ensino, ambiente de aprendizagem, entre outros.

O diferencial deste ranking foi o acesso privilegiado aos dados dos alunos concedido às empresas pelo governo búlgaro, especificamente às bases de dados de seguro social, que permitiram analisar a ligação entre educação e emprego. O ranking procurou mostrar o “valor-agregado” obtido pelo egresso. O sucesso do ranking levou o governo utilizá-lo como de distribuição da totalidade do orçamento da educação superior.

Nos EUA, duas iniciativas similares ocorreram, conforme aponta Usher (2017). A revista Money, contratou Mark Schneider, do American Institute for Research, em 2013. O ranking publicado em 2014 era composto por 21 indicadores e classificou 736 instituições com a finalidade de identificar quais ofereciam o melhor custo-benefício (valor-agregado). A segunda iniciativa ocorreu no final de 2014 publicado pelo Brookings Institute. O relatório denominado Beyond Rankings College classificou centenas de instituições com base em um determinado “valor esperado”, que tinha relação ao tipo de aluno e a cada instituição.

Este último tipo de ranking marcou o estado da arte em termos da evolução metodológica dos rankings nacionais. Os rankings evoluíram para os denominados rankings mundiais.

#### **6.2.4 Rankings internacionais**

Em final dos anos 1990 e início dos anos 2000, os rankings nacionais começaram a evoluir dando um passo em direção aos rankings internacionais. Estava ganhando força a ideia de se estabelecer comparações entre as universidades de forma global. A avaliação teria que ser feita considerando-se todas as ações que estavam ocorrendo dentro dos muros das universidades, ou seja, ensino, pesquisa e extensão.

No entanto, para considerar a abordagem metodológica do USNWR, por exemplo, seria necessário entrar em contato com muitas instituições ao redor do mundo para a obtenção dos dados que comporiam os indicadores do ranking, sem garantia alguma de que os dados fossem confiáveis e comparáveis.

Tentando contornar as dificuldades metodológicas e as formas para a obtenção dos dados, a revista *Asiaweek*, em 1997, lançou o que se tornaria o primeiro ranking internacional. O ranking trazia a lista das 50 principais universidades da Ásia. Segundo Usher (2017), o ranking não tinha a finalidade de estabelecer uma comparação global, mas tinha a clara finalidade de atender a mobilidade estudantil na região. Também não tinha a intenção de listar todas as universidades da região, mas apenas as “Top 50”.

Ainda na Ásia, agora na China, surgiu uma nova abordagem em relação aos rankings para avaliação do ensino superior. Em 1998, o governo chinês avaliou 985 universidades objetivando identificar e prover financiamento extra para as 38 principais universidades do país com a finalidade de torná-las universidades de classe mundial.

Assim, Nian Cai Liu, professora de engenharia da Shanghai Jiaotong University ficou com a tarefa de verificar se as universidades chinesas estavam, realmente, se tornando universidades de classe mundial. “Liu começou com a tarefa de comparar as universidades chinesas com as americanas através de nove indicadores cujos dados eram provenientes de fontes terceirizadas e principalmente, mas não somente, de medidas bibliométricas” (USHER, 2017).

Se por um lado, como não poderia deixar de acontecer, a publicação do ranking em 2001, suscitou desconforto quanto ao viés metodológico adotado. Instituições cuja

missão estava fortemente baseada em pesquisa se saíram melhor do que aquelas que tinham atuação destacadas na atuação social e no ensino. Por outro lado, o ranking obteve grande sucesso e teve prosseguimento.

Ainda com a finalidade de avaliar o grande e rápido desenvolvimento do ensino superior chinês, comparado com as outras universidades do mundo, a iniciativa da Universidade de Shanghai Jiao Tong passou a ser denominado Academic Rankings of World Universities (ARWU), cuja primeira edição foi publicada em 2003.

O pioneirismo da publicação chinesa, conforme apontam Myers & Robe (2009), levou outros países do mundo a começarem a prestar atenção ao ARWU com a finalidade de avaliarem as universidades, particularmente depois de as listas serem publicadas em revistas e jornais respeitados tais como “The Economist”.

No ARWU, a classificação das universidades é determinada por cinco indicadores e mais um sexto que é a normalização do tamanho das instituições. São considerados em cada instituição: o número de ex-alunos ganhadores do Prêmio Nobel e da Medalha Fields de matemática, com o peso de 10%; número de docentes e pesquisadores ganhadores Prêmio Nobel e da Medalha Fields de matemática, com o peso de 20%. Para estes dois indicadores são observados os laureados nos últimos 100 anos, considerando-se uma tabela de proporcionalidade em relação ao tempo, ou seja, prêmios mais recentes têm peso maior.

Os outros indicadores são: número de docentes e pesquisadores altamente citados em artigos científicos, com peso 20%; número de artigos publicados nas revistas Nature e Science, com peso 20%; e o quinto indicador é o número de artigos citados nas bases Science Citation Index-Expanded e no Social Science Citation Index, com peso 20%. Um indicador final ajusta o resultado da pesquisa de acordo com o tamanho da instituição, com peso 10%.

Embora o resultado do ARWU indique “rótulos como Qualidade da Educação e Qualidade da Universidade, o ranking mede essencialmente a qualidade da pesquisa das universidades listadas e tem pouco a dizer sobre outras medidas educacionais” (MYERS & ROBE, 2009).

Em 2005, surgiu na Inglaterra o Times Higher Education (THE). Assim como o ARWU buscava comparar as universidades chinesas com as universidades de classe

mundial, o THE buscava comparar as universidades inglesas com as outras universidades de classe mundial. A metodologia empregada baseava-se em um balanço entre a reputação da instituição, resultado da pesquisa e outros dados quantitativos para determinar a lista das melhores universidades no âmbito global.

A pontuação e classificação do ranking são feitas de forma a considerar duas partes: 50% baseado no levantamento da reputação da instituição e os outros 50% baseado em dados quantitativos. Para a determinação da reputação das universidades era feita pesquisa de opinião entre os pares das instituições com peso de 40%; e os outros 10% era determinado através da realização de pesquisa entre os empregadores, aqueles que contratam os egressos das universidades que estão na lista do ranking.

A outra metade da pontuação era determinada pelo percentual de docentes e pesquisadores internacionais com peso de 5%; percentual de estudantes internacionais com peso de 5%; número de citações em artigos científicos por docentes e pesquisadores com peso de 20%; e a proporção de estudantes por docentes e pesquisadores com peso de 20%.

Sobre a divulgação da lista do THE de 2008, observam Myers & Robe (2009), que o resultado aponta que as principais universidades, as líderes da lista, se caracterizam por ser de língua inglesa, predominantemente americana e inglesa, com algumas australianas e canadenses. Outra característica importante das líderes, é que são universidades independentes do controle governamental, mas com forte aporte financeiro do governo, ou seja, com dependência dos recursos do governo.

No entanto, apesar da predominância das universidades de língua inglesa, Myers & Robe (2009) consideram que o THE é um ranking global por apresentar entre as 200 primeiras classificadas, instituições de 28 países. As seis primeiras edições do ranking THE foram produzidas em parceria com a consultoria Quacquarelli Symmonds e, por esta razão, os rankings eram referidos como THE-QS.

A metodologia adorada pelo THE-QS acabou por incorporar algumas medidas do ranking de Shanghai, como a utilização de indicadores bibliométricos, mas também incorporou medidas do pioneiro ranking da revista Asiaweek, como a obtenção de dados diretamente nas instituições listadas.

Inserido na era dos “rankings modernos”, conforme indicado por Usher (2017), a reputação do THE-QS alcançou um alto nível de legitimidade motivado pelo fato de suas pesquisas terem recebido milhares de respostas de acadêmicos de todo o mundo.

Por cinco anos, o impacto e repercussão da divulgação das listas, tanto do ARWU quanto do THE-QS, aumentaram consideravelmente a partir da publicação em importantes jornais e revistas ao redor do mundo. Até 2009, estes dois rankings dividiram as atenções em todo o mundo, até surgir uma terceira a via, quando o THE decidiu não renovar a parceria com a QS.

A partir de 2010, o QS de forma independente, passou a publicar um ranking com a missão, segundo o site oficial é: “capacitar pessoas motivadas a realizar seu potencial através de conquistas educacionais, mobilidade internacional e desenvolvimento da carreira”.

Evidentemente, a missão aponta diretamente para alunos que estão em busca de excelentes instituições para o seu desenvolvimento acadêmico. Mas os rankings acabam por atender os interesses e necessidades de pelo menos outros quatro diferentes atores: estudantes (e talvez, os pais destes); gestores de universidades; agentes de recursos humanos (empregadores); e gestores públicos.

Para solucionar o desafio de se determinar uma metodologia capaz de classificar um conjunto de universidades de nível mundial, a QS procurou identificar nestas instituições quais seriam as suas missões em quatro parâmetros: qualidade de pesquisa, empregabilidade de pós-graduação, qualidade de ensino e perspectivas internacionais. A QS realizou a tarefa através da consulta direta com muitos reitores das principais universidades do mundo. Ainda, foram realizados seminários presenciais com cerca de 8.000 acadêmicos para a discussão dos quatro parâmetros em questão.

Por fim, para garantir resultados válidos, a QS, segundo o site oficial, contratou técnicos e especialistas em estatística para desenvolver e conduzir uma abordagem precisa e testada. A comprovação das informações prestadas seria aferida pelos pares de cada instituição acerca da qualidade acadêmica de cada instituição.

A criação do ranking QS completou o grupo dos três principais rankings mundiais. No entanto, já havia outras iniciativas, como o Webometrics Ranking of World Universities, que teve a primeira publicação em 2004.

Os rankings vistos até o momento guardam algumas características em comum, além de conterem informações de universidades de todos os continentes. Todos são rankings multi-indicadores que classificam as instituições somando a pontuação dos vários indicadores.

A história dos rankings universitários mostra que tem ocorrido muitas experimentações, tanto na abrangência quanto no formato metodológico. O desenvolvimento dos rankings garantiu que cada vez mais instituições pudessem ser comparadas com outras instituições de ordem mundial, em vários campos do conhecimento e de atividades acadêmicas. Isso, em boa medida, faz com que as instituições sejam estimuladas a melhorar o seu desempenho.

Se por um lado os rankings nacionais e regionais estão, cada vez mais, refinando as suas metodologias e fontes de obtenção de dados, por outro lado, os rankings mundiais não parecem dar pinta de que escaparam dos indicadores com dados bibliométricos e de reputação, colhidos através de entrevistas com empregadores e os pares da academia.

A evolução dos rankings universitários guarda uma relação com o impacto e repercussão que eles causam assim que são divulgados. Também guardam uma relação com a finalidade e objetivo propostos em cada ranking. Assim, as universidades e seus pesquisadores passaram a conhecer potenciais parceiros de pesquisa nas principais universidades do mundo. Governos e articuladores de políticas públicas conseguem avaliar o ensino superior em seus países e definir aportes financeiros. Também facilitou para os estudantes que estão em busca de universidades para fazer a graduação. É certo que para as publicações que não conseguem manter a atenção dos interessados - acadêmicos, gestores, agentes de RH e estudantes - a tendência é o ostracismo, propiciando o nascimento dos novos.

No contexto da evolução dos rankings universitários, é importante lançar um olhar sobre a repercussão e o impacto provocado pela publicação destes nas principais mídias. Como reagem os principais interessados na divulgação das listas? Os prós e os contras dos rankings universitários podem ser vistos por vários ângulos.

### 6.2.5 Repercussão dos rankings universitários

É possível olhar o desenvolvimento histórico dos rankings considerando o impacto e a repercussão que provocam ao redor do mundo. Também é possível ver que “o choque que eles (os rankings) produziram no ensino superior global foi considerável, embora variasse de lugar para lugar” (USHER,2017).

Na América do Norte, houve pouca reação, em grande parte porque suas instituições se saíram bem nas listas. As pessoas tinham o sentimento de que instituições emblemáticas eram mesmo as melhores do mundo. Nos países africanos foi pequena a reação aos rankings porque eles não figuravam nas listas. Na América Latina, a principal reação aos rankings globais foi ver a distância entre as universidades regionais e as da elite global. Na Oceania, mais precisamente na Austrália e Nova Zelândia, os rankings despertaram algum interesse, principalmente porque não havia classificações domésticas regulares.

De um modo geral, foi na Europa e na Ásia que o impacto foi mais intensamente sentido. As reações políticas foram semelhantes, na medida em que as boas ou más classificações de instituições individuais se transformaram em atos positivos ou negativos das políticas nacionais. Em alguns países, tornou-se uma questão de prestígio nacional ter instituições listadas nos rankings mundiais.

Na Europa, os responsáveis pelas políticas públicas estavam focados no objetivo de aumentar a produtividade e competitividade das nações. As boas posições das universidades europeias nos rankings era a forma de se alcançar uma economia mais competitiva e dinâmica baseada no conhecimento. Na Ásia, o importante era ver as universidades da região na companhia das universidades dos países mais desenvolvidos. De qualquer forma, as políticas públicas asiáticas começaram a mudar especificamente para construir campeões nacionais, com exceção da China que estava mirando os campeões mundiais (Usher, 2017).

Quaisquer que sejam as motivações e finalidades, a publicação destes rankings se tornou importante para uma série de atores, como visto anteriormente: estudantes (e talvez, os pais destes); gestores de universidades; agentes de recursos humanos (empregadores); e gestores públicos.

Se no Brasil os rankings surgiram, inicialmente, como ferramentas para estudantes em busca de uma boa faculdade para a realização de seus estudos de graduação, eles também se tornaram importante ferramenta de marketing para as instituições privadas em busca de estudantes para os seus bancos escolares.

Nos EUA, aponta Tobolowsky (2018), a maioria das tentativas de emplacar os rankings repercutiu entre os gestores acadêmicos, agências federais, legisladores estaduais, candidatos a estudantes de pós-graduação e pesquisadores do ensino superior. O interesse do público cresceu substancialmente quando o US News and World Report começou a publicar rankings de instituições de graduação em 1983. No final dos anos 1990, independente do público alvo, havia se tornado um grande negócio para as editoras que publicavam anualmente as listas. Exemplo disso foi os 6,7 milhões de exemplares do ranking US News and World Report vendidos pela revista Money.

Saindo da modalidade dos rankings nacionais, os novos rankings dos Estados Unidos, Europa e Ásia, especificamente na China, estavam focados em entender e posicionar as suas instituições globalmente. A publicação dos rankings se tornou importante para uma série de atores diferentes daqueles interessados em encontrar uma boa instituição para realizar a graduação. Os gestores governamentais responsáveis pela tomada de decisão a respeito de políticas públicas para o ensino superior. Para os dirigentes de universidades em busca da excelência e do reconhecimento de suas instituições no desenvolvimento da pesquisa.

Nesse contexto, Moed (2016) argumenta que a maioria dos países membros da OCDE está interessada em saber como anda a pesquisa apoiada pelo governo. Em vista disso, estes governos estimularam atividades de avaliação em suas instituições acadêmicas com a finalidade de reorientar a alocação de recursos, de modo a garantir o crescimento da pesquisa.

Conforme UNESCO (2016), os rankings deveriam evoluir para fornecer informações que fossem mais pertinentes às necessidades de universidades, estudantes e decisores políticos, e que estivessem de acordo com os contextos locais e contribuíssem para o crescimento de sistemas de ensino superior no âmbito mundial.

Considerando as necessidades dos alunos, Tobolowsky (2018) afirma que os rankings se tornaram um meio das famílias tomarem decisões sólidas em relação à



educação dos filhos, não só em relação ao fator econômico, mas também em relação à possibilidade da descoberta de boas instituições, antes desconhecidas.

Há ainda outras três razões para a popularização dos rankings no meio dos estudantes e suas famílias, segundo Tobolowsky (2018). Primeiro, a falta de confiança nas listas de órgãos oficiais do governo. Em segundo, as famílias tendem a acreditar que o impacto e popularidade do ranking estavam diretamente associados à boa reputação das instituições listadas. Por fim, a alta competitividade por vaga nas universidades incentiva a busca por instrumentos de comparação de dados objetivos.

A repercussão nas instituições listadas ou não nos rankings pode tomar rumos distintos. Mesmo as instituições melhores classificadas nos rankings podem não estar de acordo com alguma abordagem metodológica. Tobolowsky (2018), apresenta uma série de exemplos com críticas de gestores de instituições americanas:

Hoje, as reclamações são veementes. Steven Sample, presidente da University of Southern California, classificou os rankings de "tolos" e "beirando a fraude". Theodore Mitchell, presidente do Occidental College, afirmou que "os rankings são 'uma distorção do caráter de uma instituição e, na pior das hipóteses, uma espécie de ferramenta tirânica para levar as instituições a perseguir uma única visão do que é a boa educação superior'. William Massy, diretor do Stanford Institute for Higher Education Research, e Robert Zemsky, diretor do Institute for Research on Higher Education da University of Pennsylvania, chegaram a dizer que os rankings encorajam "o tipo de competição que coloca a educação superior em risco" (TOBOLOWSKY, 2018).

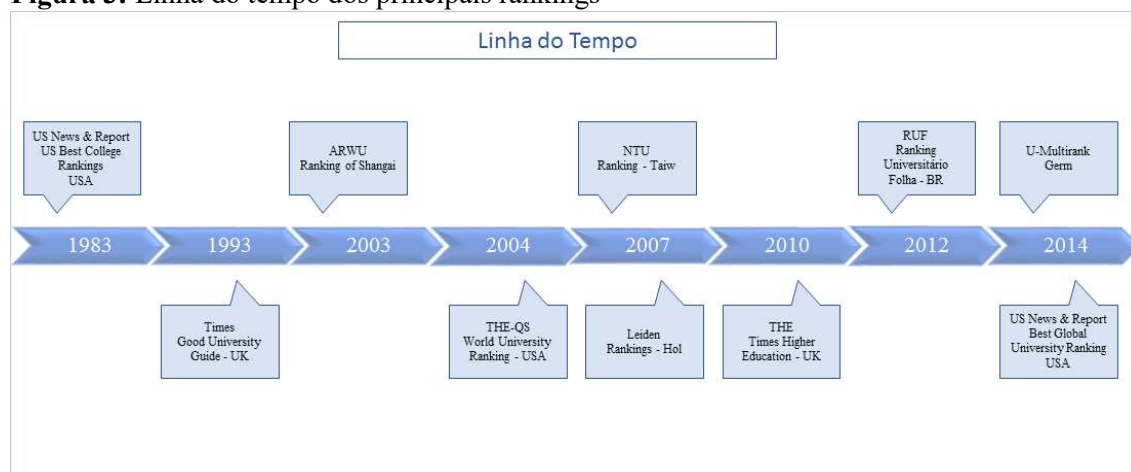
Os gestores das universidades também apontam a falta de consenso sobre como medir a qualidade acadêmica. “A crítica é sobre as abordagens metodológicas que podem não refletir um viés em relação ao tamanho das instituições, os resultados obtidos pelos alunos ou o número de docentes com alto reconhecimento em suas áreas. Isso não significa experiência e qualidade de ensino” (ASTIN, 1991).

Astin (1991) ainda aponta outros quatro problemas com as abordagens metodológicas dos rankings. Primeiro, é preciso considerar o impacto subjetivo dos acadêmicos que respondem as pesquisas de opinião. É certo que estes privilegiam as instituições que mantêm alguma proximidade. Os rankings seriam os mesmos se os avaliadores fossem outros?

Em segundo, Astin (1991) sugere um efeito “halo”, ou seja, áreas muito bem classificadas podem fornecer um brilho suficiente para que outras áreas tenham uma classificação melhor do que a esperada. Em terceiro, os resultados de um ranking podem afetar o resultado seguinte, ou seja, a opinião dos avaliadores pode ser influenciada pelo resultado anterior. Ainda, se os rankings não forem feitos em espaços temporais regulares, mudanças podem não serem detectadas. Por fim, em quarto, os rankings, procurando melhorarem, provocam alterações metodológicas que não permitem uma comparação precisa na linha do tempo.

Apesar das variadas críticas negativas, os gestores das universidades também enxergam os rankings com forma de melhorarem as suas instituições e, por consequência, as suas colocações. Exemplo de mudanças são a diminuição do número de alunos por turma e melhorias na infraestrutura das instalações, que fazem melhor as pesquisas feitas com ex-alunos.

**Figura 3:** Linha do tempo dos principais rankings



**Fonte:** adaptado de Chan - 2016.

### 6.3 Um Ranking do Brasil

Segundo informações do sítio do jornal a Folha de São Paulo, o RUF foi criado em 2012 com a finalidade de fazer a avaliação de instituições e cursos, para assim, apresentar uma visão do ensino superior do Brasil. Em 2019, a partir das dimensões Pesquisa, Internacionalização, Inovação, Ensino e Mercado, o RUF avaliou 197 instituições, entre particulares e públicas. Também em 2019, foram avaliados 40 cursos de graduação.

O critério para a determinação destes cursos avaliados foi o maior número de ingressantes. Os cursos estavam distribuídos em universidades, centros universitários e faculdades isoladas.

### **Coleta de dados**

Os dados que compõem os indicadores de avaliação das dimensões do RUF são coletados por uma equipe da Folha diretamente em bancos de dados oficiais, a saber, segundo informações dos próprios sítios dos bancos de dados:

**Censo da Educação Superior (CenSup):** anualmente realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), é o mais completo instrumento de pesquisa do Brasil as IES que oferecem cursos de graduação, além de informações sobre os alunos e docentes. As estatísticas educacionais produzidas subsidiam o planejamento e a avaliação de políticas públicas e contribuem no cálculo dos indicadores Conceito Preliminar de Curso (CPC) e Índice Geral de Cursos (IGC), que são indicadores de qualidade do ensino superior;

**Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade):** realizado pelo Inep trienalmente para cada área do conhecimento, avalia o rendimento dos alunos dos cursos de graduação (ingressantes e concluintes) em relação aos conteúdos programáticos dos cursos em que estão matriculados;

**Scientific Eletronic Library Online (SciELO):** é uma biblioteca eletrônica cujo objetivo é o desenvolvimento de metodologia para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico;

**Web of Science:** é uma base de dados que dá acesso a cerca de 12.000 periódicos divididos em 5 coleções, onde estão disponíveis ferramentas para análise de citações, referências, índice h que possibilita variadas análises bibliométricas;

**Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI):** é uma autarquia vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior com a finalidade de regulamentar a Propriedade intelectual no Brasil. O INPI mantém um banco de dados com cerca de 20 milhões de documentos onde é possível realizar busca de informações que geram indicadores referentes ao desenvolvimento da ciência e tecnologia no Brasil;

**Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES):** órgão vinculado ao Ministério da Educação, atua na expansão e consolidação da pós-

graduação stricto sensu do Brasil. Mantém um banco de dados com informações relativas à pós-graduação acessíveis através da ferramenta GeoCAPES. Desde 2000, mantém o Portal de Periódicos que contribui para o desenvolvimento da pesquisa brasileira;

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): é um órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação para incentivo à pesquisa no Brasil. O CNPq é responsável pela Plataforma Lattes que é uma base de dados de currículos de estudantes, pesquisadores, grupos de pesquisas e instituições.

O RUF também realiza consultas em diversas agências estaduais de fomento à pesquisa, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Também são realizadas duas pesquisas de opinião, conduzidas pelo Datafolha, com empregadores e com docentes de todo o país.

### **Metodologia**

Para a avaliação das instituições, o RUF optou, metodologicamente, por dois caminhos: quantitativamente, a prospecção de dados em bases de dados e sítios oficiais tais como Inep-MEC, Web of Science, SciELO, Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), Fundações de Apoio (FAPs), CNPq e Capes; e qualitativamente, a realização de entrevistas com gestores de Recursos Humanos de grandes empresas e com avaliadores do MEC, conduzidas e tabuladas pelos técnicos do Datafolha.

O RUF considerou cinco indicadores: Pesquisa Científica; Qualidade do Ensino; Internacionalização; Mercado de Trabalho; e Inovação.

Considerando as dimensões e os componentes da edição de 2019 a metodologia empregada para o levantamento dos dados foi, também segundo informações do sítio do RUF:

Dimensão Pesquisa Científica, com peso 42%: subdividido em nove componentes, conforme apresentado no Quadro 2. As informações sobre as publicações e citações são coletadas nas bases de dados Web of Science e SciELO. Para as publicações, os dados são obtidos retroagindo-se sete anos em relação ao ano da publicação do ranking e, a partir daí, recolhidas as informações de cinco anos. Para as citações, retroage-se dois anos. As informações dos outros componentes são obtidas na

Capes, CNPq e agencias federal de fomento, retroagindo-se dois anos em relação ao ano de publicação do ranking.

**Quadro 2:** Componentes da dimensão Pesquisa Científica do RUF 2019

<b>Componente</b>	<b>%</b>	<b>Descrição</b>	<b>Ano Coleta</b>
Total de Publicações	7	Número de artigos publicados por universidade	2012 - 2016
Publicações por Docentes	7	Média de artigos publicados por docente	2012 - 2016
Publicações Revistas Nacionais	3	Número de artigos publicados em revistas nac.	2012 - 2016
Total de Citações	7	Número de citações em artigos da universidade	2017
Citações por Docentes	7	Média de citações por docente da universidade	2017
Citações por Publicação	4	Média de citações por artigo publicado	2017
Recursos Recebidos por Univ.	3	Valor médio de recursos obtidos por docente	2017
Bolsistas CNPq	2	Percentual de docentes bolsistas CNPq	2017
Teses	2	Números de teses defendidas por docentes	2017

**Fonte:** RUF 2019

Dimensão Qualidade do Ensino, com peso 32%: subdividido em quatro componentes, apresentados no Quadro 3. As informações para esta dimensão são coletadas em três fontes: pesquisa Datafolha, com dados recolhidos nos três anos, incluindo o ano de publicação do ranking; Enade; e Censo da Educação Superior, ambos do MEC, onde os dados são obtidos retroagindo-se quatro anos em relação ao ano da publicação do ranking e, a partir daí, recolhidas as informações de três anos.

**Quadro 3:** Componentes da dimensão Ensino do RUF 2019

<b>Componente</b>	<b>%</b>	<b>Descrição</b>	<b>Ano Coleta</b>
Opinião de Docentes das Univ.	22	Pesquisa junto a docentes de todo o país	2017 - 2019
Docentes Mestres ou Doutores	4	Percentual de docentes mestres ou doutor	2015 - 2017
Docs dedicação exclus ou Parc	4	Percentual de docentes em dedic exclus ou parc	2015 - 2017
Nota no Enade	2	Nota média da universidade no Enade	2015 - 2017

**Fonte:** RUF 2019

Dimensão Mercado de trabalho, com peso 18%: o indicador é obtido através de uma série de entrevistas realizadas pelo Datafolha com a finalidade de conhecer a opinião dos empregadores sobre as suas preferências de contratação. As informações para este indicador são referentes aos três últimos anos, incluindo o ano de publicação do ranking. Assim, para o ranking divulgado em 2019, os dados utilizados foram de 2017 a 2019.

Dimensão Inovação, com peso 4%: subdividido em dois componentes, apresentados no Quadro 4. As informações sobre as patentes foram coletadas na base do INPI, onde os dados são obtidos retroagindo-se onze anos em relação ao ano da publicação do ranking e, a partir daí, recolhidas as informações de dez anos. As

informações sobre os estudos realizados entre as universidades e as empresas foram coletadas na Web of Science, onde os dados são obtidos retroagindo-se sete anos em relação ao ano da publicação do ranking e, a partir daí, recolhidas as informações de cinco anos.

**Quadro 4:** Componentes da dimensão Inovação do RUF 2019

Componente	%	Descrição	Ano Coleta
Patentes	2	Número de patentes pedidas pela universidade	2008 - 2017
Parcerias com empresas	2	Número de estudos da univ com setor produt.	2012 - 2016

Fonte: RUF 2019

Indicador Internacionalização, com peso 4%: subdividido em dois componentes apresentados no Quadro 5. As informações para este indicador são obtidas na base Web of Science. Para as citações internacionais recebidas pelos trabalhos acadêmicos dos docentes, os dados são obtidos retroagindo-se sete anos em relação ao ano da publicação do ranking e, a partir daí, recolhidas as informações de cinco anos. Para as publicações em coautoria internacional, os dados são obtidos retroagindo-se dois anos.

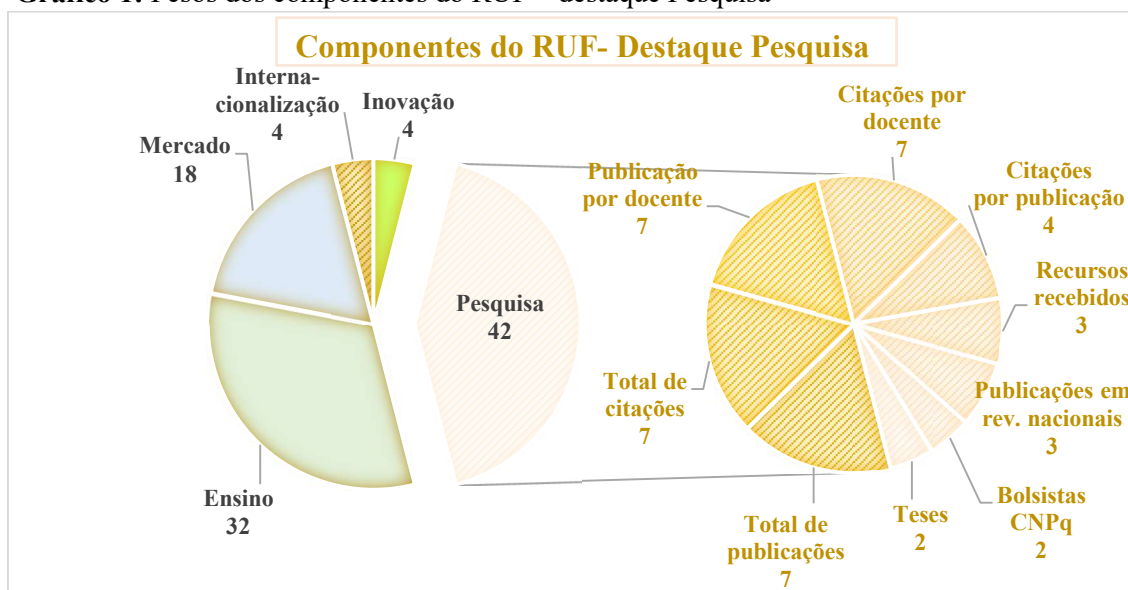
**Quadro 5:** Componentes da dimensão Internacionalização do RUF 2019

Componente	%	Descrição	Ano Coleta
Citações internacionais por doc.	2	Média de citações internacionais por trabalho	2012 - 2016
Publicações em coautoria intern.	2	Percentual de public em parcerias internac.	2017

Fonte: RUF 2019

O Gráfico 1 apresenta a distribuição percentual das dimensões do RUF e detalha os 42% da dimensão Pesquisa

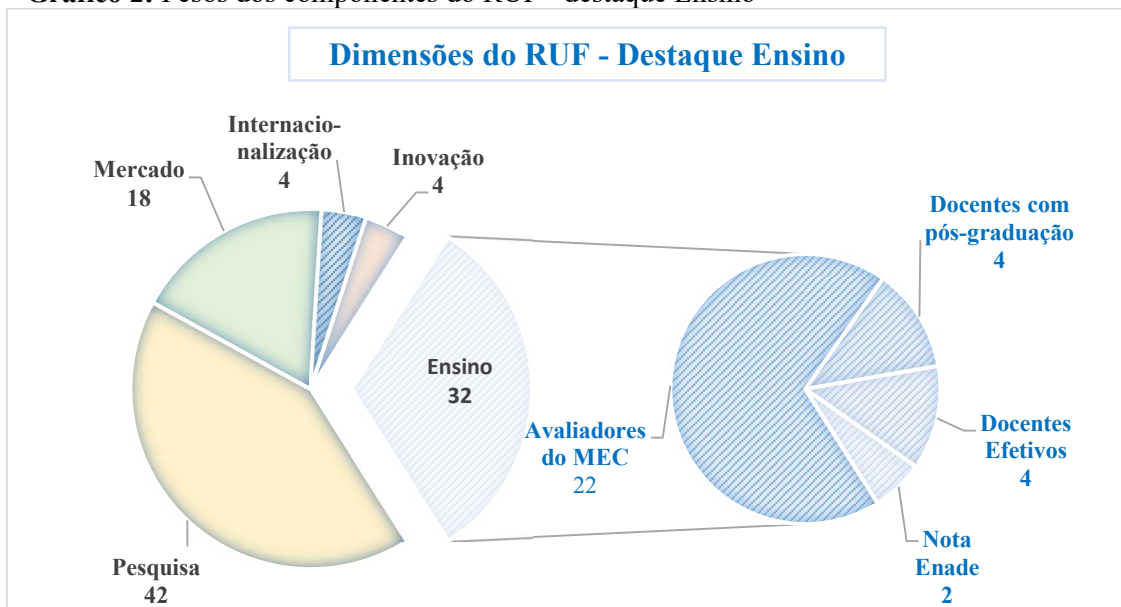
**Gráfico 1:** Pesos dos componentes do RUF – destaque Pesquisa



Fonte: Próprio autor, adaptado do sítio do RUF - 2019.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição percentual dos componentes do RUF e detalha os 32% da dimensão Ensino.

**Gráfico 2:** Pesos dos componentes do RUF - destaque Ensino



Fonte: Próprio autor, adaptado do sítio do RUF - 2019.

A apresentação dos resultados do RUF é mostrada através de uma tabela dinâmica onde é possível classificar as IES pela posição no país ou pela posição de quaisquer dos cinco indicadores que compõem o ranking. A apresentação dos resultados também pode ser filtrada por Estado, Município, Instância (pública ou privada), tamanho da IES ou ano da fundação da IES, conforme pode-se ver na Figura 4. Destaque para a UFSCar no 12º lugar.

**Figura 4:** Apresentação dos resultados do Ranking Universitário RUF – 2019

Universidade	Pública/Privada	Estado	Município	Ano de fundação	Tamanho
1ª USP Universidade de São Paulo	Pública	SP			
2ª UNICAMP Universidade Estadual de Campinas	Pública	SP			
3ª UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro	Pública	RJ			
4ª UFMG Universidade Federal de Minas Gerais	Pública	MG			
5ª UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Pública	RS			
6ª UNESP Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"	Pública	SP			
7ª UFSC Universidade Federal de Santa Catarina	Pública	SC			
8ª UFPR Universidade Federal do Paraná	Pública	PR			
9ª UNB Universidade de Brasília	Pública	DF			
10ª UFPE Universidade Federal de Pernambuco	Pública	PE			
11ª UFC Universidade Federal do Ceará	Pública	CE			
12ª UFSCAR Universidade Federal de São Carlos	Pública	SP			

Fonte: RUF - 2019

## **O ranking dos cursos**

Além do ranking das IES, o RUF também avalia os 40 cursos de graduação que têm o maior número de ingressantes no ano de avaliação. Os cursos avaliados estão vinculados a universidades, centros universitários ou faculdades isoladas.

Os dados que compõem os dois indicadores da avaliação dos cursos são coletados por uma equipe da Folha diretamente no Censo da Educação Superior (CenSup), anualmente realizado pelo Inep. Também, são realizadas duas pesquisas de opinião, conduzidas pelo Datafolha, com empregadores e com docentes de todo o país.

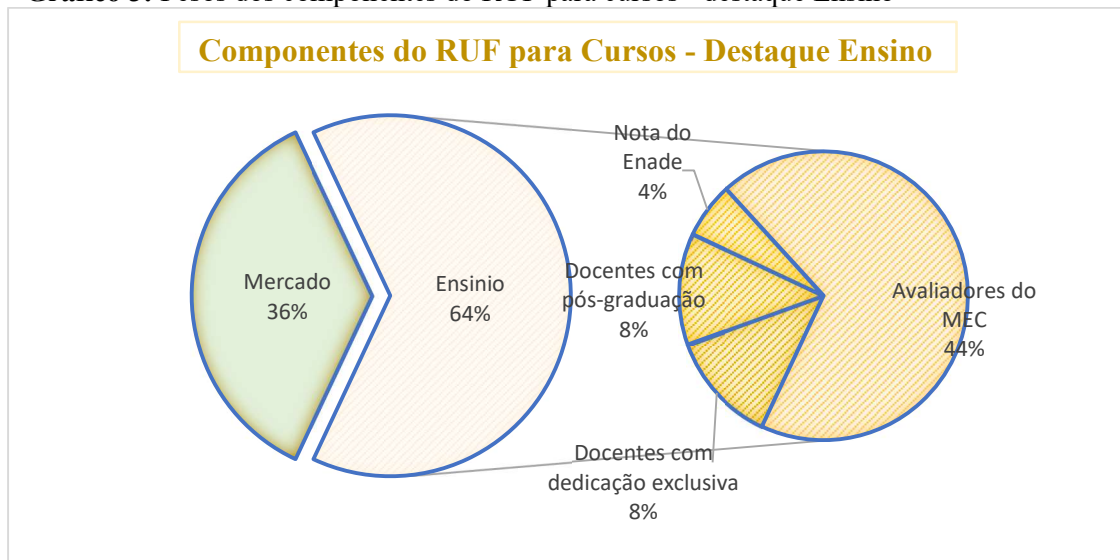
A metodologia utilizada para a classificação dos cursos está baseada em dois indicadores, conforme apresentado no Gráfico 3.

O indicador Mercado corresponde a 36% da nota de cada curso e é determinado através de pesquisa realizada pelo Datafolha com profissionais de RH sobre preferências de contratação das empresas onde atuam. A pesquisa considera entrevistas realizadas no ano da divulgação do ranking e nos dois anos imediatamente anteriores.

Por sua vez, a dimensão Ensino, que corresponde a 64% do total da nota, tem quatro componentes:

1. Avaliadores do MEC (44%): é determinado pela pesquisa feita pelo Datafolha com docentes avaliadores de cursos de graduação do MEC. A pesquisa considera entrevistas realizadas no ano de divulgação do ranking e nos dois anos anteriores à publicação do ranking;
2. Docentes com mestrado e doutorado (8%): corresponde ao percentual de docentes da IES com pós-graduação *stricto sensu*. Os dados são prospectados no CenSup retroagindo-se dois anos em relação à data de divulgação do ranking;
3. Docentes em dedicação integral ou parcial (8%): corresponde ao percentual de docentes da IES que trabalham em dedicação integral ou parcial (docentes efetivos). Os dados são prospectados no CenSup retroagindo-se dois anos em relação à data de divulgação do ranking;
4. Nota do Enade (4%): corresponde à média da nota da IES no Enade. Os dados são prospectados retroagindo-se entre dois e cinco anos, dependendo do ciclo avaliativo de cada curso no MEC.



**Gráfico 3:** Pesos dos componentes do RUF para cursos - destaque Ensino

**Fonte:** Próprio autor, adaptado do sítio do RUF - 2019.

Assim, como na apresentação dos resultados do ranking das IES, para cada curso avaliado é possível consultar a tabela que especifica a posição e a nota de cada um dos componentes avaliados. Em 2019, por exemplo, foram avaliados 1.495 cursos de Administração de todos os Estados do Brasil.

#### 6.4 Três Rankings Mundiais

Os rankings universitários mundiais são lista das melhores IES atualizadas anualmente através da coleta de informações em base de dados oficiais. Segundo Wildavsky (2012), atualmente há em torno de 40 rankings disponíveis pelo mundo, no entanto, os mais conhecidos e consultados são o QS World University Rankings, o Times Higher Education World University Rankings (THE) e o Academic Ranking of World Universities (ARWU), conhecido como o Ranking de Shangai. Há, ainda, outras modalidades de rankings que listam cursos específicos ou são dedicados a áreas do conhecimento específicas. Um bom exemplo de rankings específicos é o Webometrics, que avalia a presença e o impacto das IES online.

Questão importante, senão a mais importante e controversa nos meios que estudam os rankings universitários, é saber como as IES são avaliadas. A diferença metodológica percebida em cada ranking explica e justifica o fato de uma mesma IES figurar em posições diferentes em duas listas distintas.

Metodologicamente, o QS ranking utiliza 6 indicadores de desempenho com diferentes ponderações para a determinação da pontuação geral de uma IES. O THE

World University Ranking utiliza 13 indicadores, alguns equivalentes ao QS. O ranking ARWU foca fortemente no desempenho da pesquisa da IES e nos egressos que receberam premiações como o Nobel ou a Medalha Fields, por exemplo.

Os rankings podem, de fato, ajudar um candidato encontrar vaga num curso de graduação, obter informações de determina universidade ou fazer a comparação entre algumas universidades pré-selecionadas. Assim como também podem dar subsídio a gestores responsáveis pelas políticas da educação superior, tanto no que se refere a políticas governamentais (alguns rankings foram criados com esta finalidade), quanto para o desenvolvimento do ensino e pesquisa dentro das instituições ranqueadas.

Desta forma, apresentamos vamos olhar com mais detalhes as questões metodológicas dos três principais rankings mundiais aqui citados. A maior parte das informações será recolhida nos próprios sítios oficiais dos rankings e, por esta razão, não será apresentada uma discussão sobre as consistências (ou inconsistências) das abordagens metodológicas.

#### **6.4.1 Academic Ranking of World Universities (ARWU) – Ranking de Shanghai**

Considerado um dos pioneiros na classificação das universidades mundiais, o ARWU ou Ranking de Shanghai, foi publicado pela primeira vez em junho de 2003 por iniciativa do Centro de Universidades de Classe Mundial, da Escola Superior de Educação da Universidade Jio Tong de Shanghai, na China.

Embora o objetivo inicial do ARWU fosse encontrar a posição global das universidades chinesas em relação às grandes universidades do mundo, o ranking conseguiu chamar a atenção no âmbito mundial. Universidades importantes ao redor do mundo citam as suas colocações no ranking em relatório e folhetos promocionais; governos e meios de comunicação públicos noticiam a importância do ranking e, estudantes em busca de informações sobre universidades de seus países e do exterior, também são interessados.

Importantes universidades europeias consideram que a metodologia utilizada pelo ARWU é sólida pelo fato de serem considerados indicadores de desempenho de pesquisa e qualificação dos docentes e pesquisadores, com grande peso na constituição da pontuação final. Conforme apresentado no Quadro 6, são quatro os critérios adotados

para a classificação das universidades no ranking: Qualidade da Educação; Qualidade do Corpo Docente; Resultados da Pesquisa; e Desempenho Médio.

**Quadro 6:** Indicadores e os pesos do ARWU Ranking

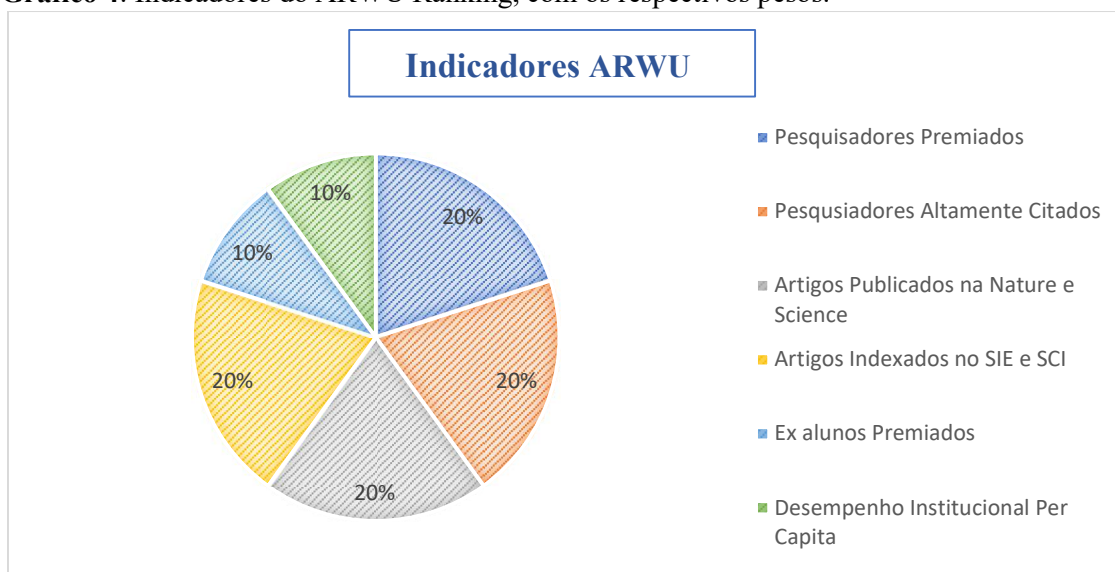
<b>Critério</b>	<b>Indicador</b>	<b>Peso</b>
Qualidade da Educação	Ex-alunos da Instituição vencedores do Prêmio Nobel e da Medalha Fields	10
Qualidade do Corpo Docente 40	Docentes da instituição vencedores do Prêmio Nobel e da Medalha Fields	20
	Pesquisadores da instituição altamente citados em 21 áreas do conhecimento	20
Resultado da Pesquisa 40	Artigos publicados nas revistas Nature e Science*	20
	Artigos indexados nas bases Science Citations Index-Expanded e Social Science Citation Index	20
Desempenho Médio	Desempenho per capita da instituição	10
<b>TOTAL</b>		<b>100</b>

**Fonte:** ARWU Ranking 2019

(\*) Para instituições especializadas em humanidades e ciências sociais, o indicador sobre artigos publicados na Nature e Science não são considerados e o peso deste indicador é realocado para outros indicadores.

Dentro dos critérios, são considerados seis indicadores aqui apresentados com os seus respectivos pesos: ex-alunos da instituição vencedores do Prêmio Nobel e Medalha Fields (10%); docentes da instituição vencedores do Prêmio Nobel e Medalha Fields (20%); pesquisadores da instituição altamente citados em 21 áreas do conhecimento (20%); artigos publicados nas revistas Nature ou Science (20%); artigos indexados nas bases de dados Science Citation Index-Expanded e Social Science Citations Index (20%); e desempenho acadêmico per capita da instituição (10%).

**Gráfico 4:** Indicadores do ARWU Ranking, com os respectivos pesos.



**Fonte:** ARWU Ranking 2019

Para determinação da pontuação das instituições o ARWU utiliza a ponderação percentual. Para cada indicador, a instituição de melhor desempenho recebe a pontuação de 100. A pontuação das outras instituições é calculada como um percentual daquela que recebeu a pontuação máxima.

Os dados de cada indicador são checados para garantir que não ocorra qualquer tipo de distorção. Quando necessário, são aplicadas técnicas estatísticas para ajustar o indicador.

Para a determinação da colocação final de cada instituição, os indicadores são ponderados conforme o peso de cada um dos indicadores. Desta forma, a classificação de uma instituição reflete o número de instituições que se situam acima dela.

Baseado nesses critérios e indicadores o ARWU, para o ano de 2019, classificou mais de 1800 universidades. A partir de 2018, as universidades classificadas entre 501 e 1000 também passaram a figurar na lista efetivamente divulgada.

A definição dos indicadores e a forma como são computados será vista a seguir.

### **Ex-alunos Premiados**

O indicador refere-se ao número total de ex-alunos que receberam o Prêmio Nobel ou a Medalha Fields. Entende-se por ex-alunos aqueles que cursaram graduação, mestrado ou doutorado na instituição. Diferentes pesos são atribuídos de acordo com o período em que as titulações foram obtidas. Assim, o peso é de 100% para ex-alunos que obtiveram diplomas após 2011, 90% para ex-alunos que obtiveram diplomas em 2001-2010, 80% para ex-alunos que obtiveram diplomas em 1991-2000 e assim por diante e, finalmente, 10% para ex-alunos que obtiveram diplomas em 1921-1930. Mesmo se o ex-aluno tenha obtido mais de um grau (graduação e mestrado, por exemplo), na mesma instituição, ela é considerada apenas uma vez. As informações para este indicador são obtidas no sítio do Nobel <http://nobelprize.org/> e da Medalha Fields em <http://mathunion.org/>.

### **Docentes Premiados**

O indicador refere-se ao número total de docentes e pesquisadores que receberam o Prêmio Nobel nas áreas de química, física, medicina e economia ou a Medalha Fields. Os docentes e pesquisadores considerados são aqueles que atuavam na instituição no momento da premiação. Diferentes pesos são atribuídos de acordo com o

período em que os prêmios foram obtidos. Assim, prêmios obtidos após 2011, recebem peso 100%; no período 2001-2010, recebem o peso 90%; no período 1991-2000, recebem 80%; no período 1981-1990, recebem 70%; e assim por diante até os premiados no período de 1921-1930, que recebem o peso 10%.

Se um docente ou pesquisador é afiliado a mais de uma instituição, cada instituição recebe o peso proporcional ao número de instituições em que ele atua. Para os prêmios Nobel, se um prêmio é dividido por mais de uma pessoa, o peso atribuído é proporcional ao número de ganhadores do prêmio. As informações para este indicador são obtidas no sítio do Nobel <http://nobelprize.org/> e da Medalha Fields em <http://mathunion.org/>.

### **Corpo Docente Altamente Citado**

O indicador refere-se ao número de pesquisadores altamente citados selecionados pela agência Clarivate Analytics. A lista dos pesquisadores mais citados é referente ao ano anterior à divulgação do ranking. Apenas a principal instituição que cada pesquisador está vinculado é considerada na contagem desse indicador. As informações para este indicador são obtidas no sítio <https://clarivate.com/hcr/>.

### **Publicações nas Revistas Nature e Science**

O indicador refere-se ao número de artigos publicados na Nature e na Science nos cinco anos anteriores à publicação do ranking. Para distinguir a ordem de afiliação do autor, um peso de 100% é atribuído para a afiliação do autor correspondente, 50% para a afiliação do primeiro autor (afiliação do segundo autor se a afiliação do primeiro autor for igual à afiliação do autor correspondente), 25% para a afiliação do próximo autor e 10% para outras afiliações do autor. Quando houver mais de um endereço do autor correspondente, consideramos o endereço do primeiro autor correspondente como o endereço do autor correspondente e consideramos os outros endereços do autor correspondente como endereço do primeiro autor, endereço do segundo autor etc., seguindo a ordem dos endereços do autor. Somente publicações do tipo 'Artigo' são consideradas.

### **Artigos Indexados**

O indicador refere-se ao número total de artigos indexados nas bases de dados Science Citations Index-Expanded e Social Science Index, sempre do ano anterior ao

ano da publicação do ranking. São consideradas apenas publicações do tipo Artigo. Para calcular o número total de artigos de uma instituição, os artigos indexados na base Social Science Citations Index recebem peso dois. Para as duas partes deste indicador, as informações são obtidas no sítio <http://webofscience.com/>.








### Desempenho Médio Per Capita

Este indicador é a média dos cinco indicadores anteriores pelo número total de docentes e pesquisadores que atuam tempo integral nas suas instituições. Caso o número de docentes e pesquisadores de uma instituição não puder ser obtido, serão utilizadas as pontuações ponderadas dos cinco indicadores. Para países como Estados Unidos, Reino Unido, França, Canada, Japão, Itália, China, Austrália, Holanda, Suécia, Suíça, Bélgica, Coreia do Sul, República Tcheca, Nova Zelândia e Eslovênia, entre outros. As informações para este indicador são obtidas diretamente em agências nacionais como o Ministério da Educação, o Departamento Nacional de Estatística, as Associações Nacionais de Universidades e Faculdades e Conferência Nacional de Reitores.

A figura 5 apresenta o resultado do ranking de 2019. Nota-se que é possível aplicar vários tipos de filtro, como ano, valor de um dado indicar ou por país.

**Figura 5:** Apresentação dos resultados do ARWU Ranking.

#### Academic Ranking of World Universities 2019

Academic Ranking of World Universities 2019						
Top 1000 Methodology Statistics						
World Rank	Institution*	By location		National/Regional Rank	Total Score	Score on Alumni
		All				
1	Harvard University			1	100.0	100.0
2	Stanford University			2	75.1	45.2
3	University of Cambridge			1	72.3	80.7
4	Massachusetts Institute of Technology (MIT)			3	69.0	72.0
5	University of California, Berkeley			4	67.9	67.1
6	Princeton University			5	60.0	59.6
7	University of Oxford			2	59.7	48.9
8	Columbia University			6	59.1	61.4
9	California Institute of Technology			7	58.6	52.3
10	University of Chicago			8	55.1	59.6

Fonte: ARWU Ranking 2019.

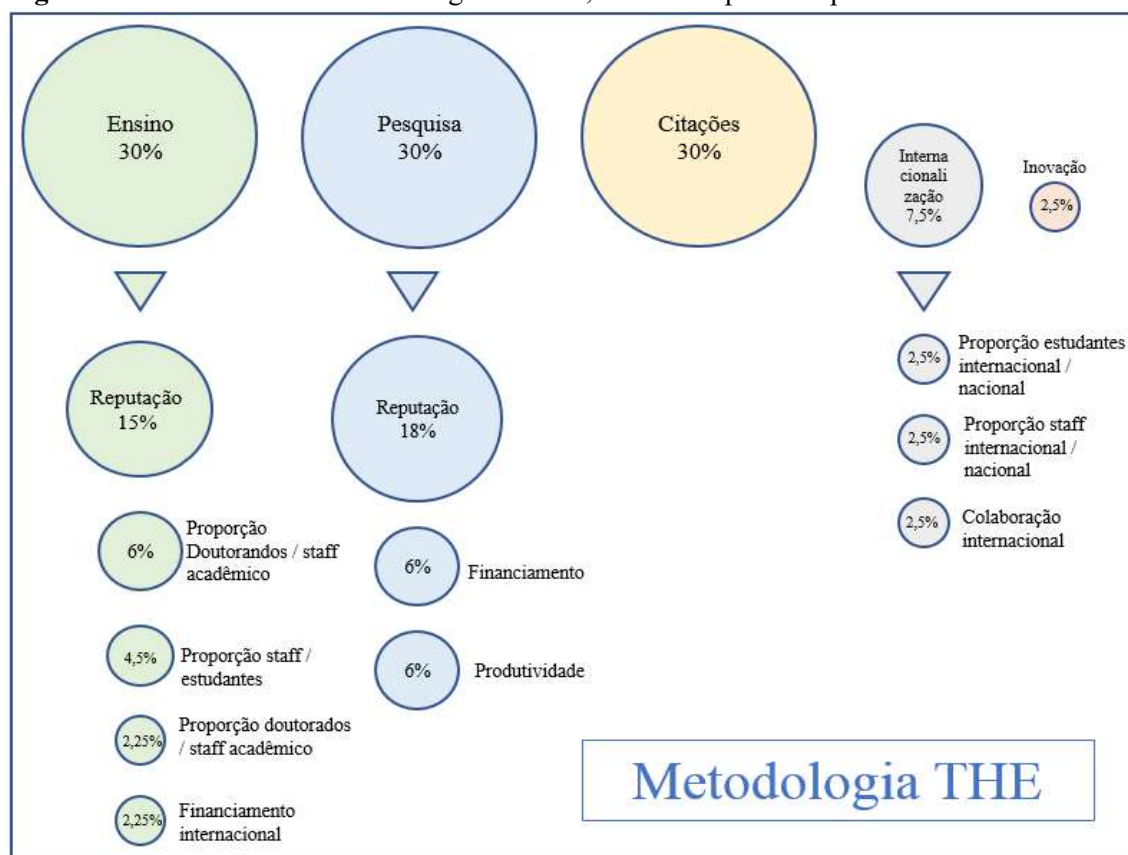
### 6.4.2 Times Higher Education Rankings (THE)

O ranking universitário Times Higher Education World Rankings (THE), apresentou a sua primeira publicação em 2004 em parceria com a Quacquarelli-Symonds (QS), parceria que se manteve até 2009, conforme apresenta Rauhvangers (2013). A partir de 2010, o ranking THE iniciou parceria com a empresa de comunicação canadense Thomson Reuters para se tornar uma das três classificações global de universidades mais influentes no meio.

Importante, a metodologia básica para a apuração dos rankings se mantém sem alterações desde a publicação do ranking de 2011/2012, mas ocorreram importantes mudanças nas fontes de dados subjacentes, principalmente com os dados bibliométricos que agora são recolhidos na base de dados Scopus da Elsevier, desde 2015/2016.

O objetivo do THE é fornecer uma lista definitiva das melhores universidades do mundo utilizando para isso cinco métricas (categorias): ensino; pesquisa; citações (impacto da pesquisa); perspectiva internacional; e inovação (transferência de conhecimento), com valores percentuais (pesos) apresentados na Figura 6.

**Figura 6:** Detalhamento da metodologia do THE, com os respectivos pesos.



Fonte: THE Ranking 2019

A classificação geral é calculada a partir da soma das pontuações de 13 indicadores de desempenho agrupados nas cinco categorias vistas. Para produzir os 13 indicadores para cada universidade, a equipe de dados interna do THE analisa os dados fornecidos pelas universidades (por exemplo, proporção de funcionários por alunos, doutorados concedidos, alunos internacionais e receitas de pesquisa), e os resultados de uma "pesquisa de reputação" enviada para acadêmicos selecionados em todo o mundo, além de informações sobre artigos científicos publicados e citações, usando o banco de dados Scopus da Elsevier. Os indicadores estão detalhados a seguir.

### **Ensino - Ambiente de Aprendizagem**

O ranking tem a convicção de que a qualidade do ensino está atrelada à produção e transferência de conhecimentos proporcionados pela pesquisa da instituição. Dado isso, esta métrica é composta pelos indicadores Pesquisa de Reputação no Ensino - survey (15%); Proporção do Staff por Estudante (4,5%); Proporção de Doutorandos por Estudantes de Graduação ((2,25%); Proporção de Doutorados Concedidos por Staff Acadêmico (6%); e Financiamento Institucional (2,25%), totalizando 30%.

O levantamento da reputação acadêmica em relação ao ensino busca equilibrar a representatividade geograficamente, pesquisando em vários países, e dentro das diversas áreas do conhecimento. Os recursos financeiros são normalizados pelo dispositivo "paridade do poder de compra" (PPP na sigla em inglês). Ainda, o indicador é normalizado para garantir a equidade no que se refere ao tamanho e infraestrutura entre as instituições. Com estes indicadores, acredita-se que os interessados terão uma boa indicação do prestígio, das instalações e do ambiente de ensino.

### **Pesquisa - Volume, Financiamento e Reputação**

O THE considera que a qualidade e o volume das pesquisas em uma instituição são muito relevantes, assim esta métrica é composta pelos indicadores Pesquisa de Reputação na Pesquisa - survey (18%); Financiamento da Pesquisa (6%); e Artigos Científicos (6%), totalizando 30%.

O principal indicador desta métrica, Reputação da Pesquisa, é o responsável por analisar a importância da pesquisa desenvolvida na instituição, avaliada pelos pares. Os recursos financeiros advindos das pesquisas são normalizados pelo PPP para garantir a



paridade de financiamento entre as especificidades das instituições e as diversas áreas do conhecimento.

A produtividade acadêmica é medida pelos artigos publicados em revistas indexadas pelo bando de dados Scopus da Elsevier e normalizada para garantir a equidade entre as diversas áreas do conhecimento.

### **Citações - Pesquisas da Impacto**

A métrica é composta por um único indicador, impacto das citações ponderadas por campo, com peso 30%. O indicador analisa o papel das instituições através da disseminação de novos conhecimentos e ideias que ocorre através dos artigos científicos. O peso deste indicador mostra a importância que o THE dá às atividades de pesquisa.

O indicador avalia o número médio de vezes que o artigo é citado pelos pares. As informações são recolhidas de cerca de 25.000 periódicos indexados na base de dados Scopus da Elsevier, nos últimos seis anos imediatamente anteriores ao ano de publicação do ranking.

Os dados são normalizados para refletir a variação no volume de citações entre as diferentes áreas do conhecimento e suas especificidades. Outra forma de garantir a equidade entre as instituições foi atribuir 5% do peso dos artigos com mais de 1.000 autores.

### **Internacionalização - Staff, Estudantes e Pesquisa**

Atualmente, as universidades não são mais comparadas apenas em sua própria cidade ou em seu próprio país. As universidades líderes mundiais estão competindo globalmente e atraindo estudantes e pesquisadores de todo o mundo. A perspectiva internacional é, portanto, marca de uma instituição de ponta, relevante tanto para estudantes e pesquisadores tanto nacionais quanto internacionais.

Assim, esta métrica é composta pelos indicadores Proporção de Estudantes Internacionais por estudantes domésticos (2,5%); Proporção do Staff Internacional pelo staff doméstico (2,5%); e Publicações em Coautoria Internacional (2,5), totalizando 7,5%.

O indicador Publicações em Coautoria Internacional é obtido calculando a proporção do total de publicações em revistas indexadas, nos cinco anos anteriores ao ano da publicação do ranking, onde pelo menos um dos autores é de instituição estrangeira. Este indicador é normalizado para garantir a equidade entre as diversas áreas do conhecimento.

### **Inovação - Transferência de Conhecimento**

A métrica é composta por um único indicador, financiamento da pesquisa pela indústria e comércio por staff acadêmico com peso 2,5%.

O indicador mede a capacidade de a universidade fornecer à indústria e o comércio inovações, invenções e consultorias, visto que estas atividades se tornaram a missão central das universidades de classe mundial.

Este indicador é medido pelo valor da receita de pesquisa obtida da indústria e comércio, ajustada pelo PPP, proporcional ao staff acadêmico da instituição. O indicador sugere o quanto as empresas estão dispostas a forma parcerias com as universidades e, por outro lado, o quanto as universidades são capazes de atrair investimentos no mercado comercial.

### **Coleta de Dados**

Os dados a serem informados ao THE são coletados de três formas: através do auto envio a um portal previamente determinado pelo THE; os dados bibliométricos de cada instituição são coletados e processados pela empresa Elsevier no banco de dados Scopus; e os dados sobre a reputação das instituições a respeito dos indicadores ensino e pesquisa são coletados através de pesquisas com acadêmicos.

Para os dados auto enviados, um representante de cada universidade fica responsável pelo envio dos dados da instituição via portal disponibilizado pelo THE. O representante deve declarar o conhecimento dos termos e condições do THE e, então, confirmar a veracidade dos dados e autorizar a utilização desses dados no ranking. Antes da submissão dos dados dentro do portal, os dados na forma de rascunho, passam por verificações automáticas de validação revisadas pelo representante nomeado.

Em termos gerais, as instituições devem disponibilizar dados concretizados devem retroagir dois em relação ao ano em que os rankings serão publicados. Assim,

para o ranking publicado em 2019, os dados devem ser referentes à 2017. Evidentemente, os dados devem ser o mais completo possível.

A partir de 2015, os dados referentes às citações são calculados, para cada instituição, pela Elsevier na base de dados Scopus, que substitui a Web of Science nesta tarefa. Assim, a Elsevier fornece a pontuação do indicador Impacto da Citação Campo (FWCI, na sigla em inglês), por assunto e no geral.

A pontuação do indicador FWCI indica como o número de citações recebidas pelas publicações de uma instituição se compara ao número médio de citações recebidas por todas as outras publicações semelhantes. Entende-se por publicações semelhantes as publicações na base de dados Scopus que possuem o mesmo ano de publicação, tipo e disciplina, conforme definido pelo sistema de classificação de periódicos Scopus.

Uma importante observação sobre este indicador é que os trabalhos com mais de 1.000 autores, que estavam excluídos devido ao impacto desproporcional sobre as notas de citação das instituições que tinham este tipo de publicação, desde 2017 esses trabalhos foram reincorporados usando uma abordagem de contagem fracionária para garantir que todas as universidades onde os acadêmicos sejam autores desses trabalhos recebam pelo menos 5% do valor do trabalho. As instituições com autores que fornecem os maiores contribuintes para o artigo recebem uma contribuição proporcionalmente maior.

Também são coletados o número total de publicações de cada instituição, além do número total de publicações com coautoria internacional por instituição, desde que atendam aos critérios estabelecidos pelo THE.

Para as pesquisas de reputação, anualmente, a Elsevier seleciona aleatoriamente uma quantidade de acadêmicos (docentes, pesquisadores) para responder à pesquisa com a finalidade de nomear as principais universidades da área dos respectivos acadêmicos em relação ao ensino e à pesquisa.

Assim, cada acadêmico nomeia as 15 melhores instituições de ensino e as 15 melhores instituições de pesquisa. A determinação da pontuação de cada instituição neste indicador é dada pela soma das menções recebidas nas categorias ensino e pesquisa. Evidentemente, as instituições que não são lembradas ficam com pontuação zero.

Para os dados de referência recebidos via portal, o THE faz a conversão para um padrão que seja comparável para todas as instituições, independente do país desta instituição. Por exemplo, o conjunto de dados referente a receita de pesquisa informada no portal em moeda local da instituição é convertida pela Paridade de Poder de Compra (PPP, na sigla em inglês) do Banco Mundial. O PPP permite que as informações de todos os países sejam compatíveis e comparáveis.

### **Tabulação dos Dados e Exclusões**

Após a coleta dos dados, a tabulação é realizada em quatro etapas: critérios para a inclusão no ranking; critérios para a classificação dos assuntos; ajustes pontuais nos dados; e processamento de dados pré-ranking.

Cada instituição deve cumprir 7 critérios para ser incluída no ranking, conforme detalhamento a seguir, adaptado de THE (2018):

- a) Número de publicações: a instituição deve ter publicado mais de 1000 artigos nos últimos 5 anos e mais de 150 publicações por ano. Outros limites são adotados para o ranqueamento de assuntos específicos;
- b) Alunos de graduação: a instituição para participar do ranking deve ter o ensino no nível de graduação. Assim, instituições somente de pós-graduação não participam do ranking;
- c) Diversidade de áreas: a instituição não deve estar restrita a uma única área do conhecimento ou ter mais de 80% de seus trabalhos em uma área específica;
- d) Apresentação dos dados gerais: a instituição deve fornecer via portal, um conjunto representativo de dados gerais da instituição, sob pena de ser excluído do ranking;
- e) Dados gerais consistentes: a instituição que apresentar dois ou mais dados gerais nulos não participará da lista do ranking. Assim, todos os dados referentes aos indicadores que compõem as cinco áreas de computo do ranking precisam estar disponíveis e válidos. Evidente que valores nulos ou indisponíveis em qualquer indicador que se baseie nestes valores serão nulos;
- f) Informações adicionais: além dos dados gerais, a instituição deve fornecer dados aplicáveis a algum dos indicadores que compõem o ranking. Esta informação é necessária para a não desqualificação da instituição no ranking.

g) Lista de exclusões: farão parte do ranking instituições que solicitaram a não participação do ranking ou aquelas que não tenham sido eliminadas por algum dos motivos vistos nos itens anteriores.

Há critérios de elegibilidade para publicação. Para cada uma das onze grandes áreas do conhecimento listadas no Quadro 11, há um limite mínimo que a instituição deve apresentar em relação ao total de publicações. Para as áreas com alto volume de publicações, é necessário um mínimo de 500 trabalhos e para as áreas com baixo volume de publicações, é necessário um mínimo de 250 trabalhos nos 5 anos anteriores à publicação do ranking. Além disso, a instituição precisa tem no geral um mínimo de 150 trabalhos por ano.

Há também os critérios de elegibilidade para os acadêmicos (docentes e pesquisadores). Espera-se que cada uma das áreas da Tabela 5 tenha uma determinada proporção de docentes em cada área do conhecimento em relação ao total de docentes e pesquisadores da instituição.

**Tabela 5:** Número mínimo de publicações no período de 5 anos, por área de conhecimento.

Área do Conhecimento	Número Mínimo de Artigos	Proporção do Staff por Área
Artes e Humanidades	250	5%
Clínica & Saúde	500	5%
Engenharia & Tecnologia	500	4%
Ciência da Computação	500	1%
Ciências da Vida	500	5%
Ciências Físicas	500	5%
Negócios & Economia	200	5%
Ciências Sociais	200	4%
Psicologia	150	1%
Direito	100	1%
Educação	100	1%
Geral	150	

**Fonte:** THE Ranking 2019, adaptado pelo autor.

Terminado o prazo para as instituições enviarem dos dados pelo Portal, o THE revisa e aprova, se for o caso, todos os dados das instituições. O THE verifica a adequação e precisão dos dados, com base nos valores do ano anterior. Esta verificação considera dois fatores: ausência de dados para algum indicador e a duplicação de dados.

Os dados fornecidos pelas instituições para informação financeira são convertidos para dólares americanos, utilizando taxas de câmbio internacionais de PPP do Banco Mundial para uso nos cálculos dos indicadores.

Os dados bibliométricos das instituições e o levantamento da reputação das instituições realizados pela Elsevier utilizam o ID da instituição fornecido pelo THE.

### **Ranking, Pontuação e Revisão dos Resultados**

O ranqueamento e os pontos são determinados por análise de distribuição e reponderação a classificação diferenciada por grande área de conhecimento. Os 13 indicadores combinados nas 5 categorias são ponderados de acordo com sua importância relativa.

Uma vez determinado o conjunto final de instituições que farão parte do ranking e seus respectivos indicadores devidamente conferidos e preparados, os rankings são gerados pela ponderação dos indicadores, de acordo com as seguintes partições percentuais, de acordo com THE (2018).

O levantamento de Reputação do Ensino (executado anualmente) que serve de base a esta categoria combina dados de dois anos anteriores ao ano que será publicado o ranking. A pesquisa é realizada entre janeiro e março de cada ano. Este indicador examina o prestígio percebido das instituições no ensino. As respostas consideram o fator geográfico e as diferentes áreas do conhecimento.

Os indicadores que mostram as proporções staff por estudantes; doutorados concedidos por estudantes graduados; e doutorados concedidos por staff, além de dar uma ideia de como uma instituição está empenhada na formação da próxima geração de acadêmicos, uma alta proporção de estudantes de pesquisa de pós-graduação também sugere a oferta de ensino no alto nível. Este indicador é normalizado de modo a considerar a especificidade de cada instituição em relação ao conjunto de áreas de conhecimento da instituição, refletindo que o volume de doutorados concedidos varia por disciplina.

O indicador financiamento institucional por pessoal acadêmico relaciona renda institucional pelo o número do staff e é normalizada pelo PPP do Banco Mundial. Indica o status geral de uma instituição e dá uma ideia ampla da infraestrutura e das instalações disponíveis para alunos e staff.

A reputação da pesquisa, medida que olha para excelência da pesquisa de uma instituição conferida entre seus pares, é o principal indicador Pesquisa. Este indicador é

dado pela combinação das respostas dos questionários dos dois anos imediatamente anteriores ao ano de publicação do ranking.

O indicador financiamento da pesquisa é dado pela relação do total dos recursos investidos na pesquisa pelo número de staff acadêmicos e ajustada pela paridade do poder de compra (PPP).

Este é um indicador controverso por ser fortemente influenciado pelo cenário político e econômico. O financiamento é crucial para o desenvolvimento de pesquisas de impacto mundial e, como grande parte da distribuição dos recursos está nas mãos dos pares, o financiamento da pesquisa pode conter um viés em relação à distribuição entre as áreas do conhecimento.

Por esta razão, este indicador é normalizado para levar em conta o perfil distinto de cada instituição, refletindo o fato de que os subsídios para pesquisa em disciplinas científicas são frequentemente maiores do que aqueles concedidos para a pesquisa de ciências sociais, artes e humanidades da mais alta qualidade.

O indicador publicações por staff acadêmico é dado pelo número de artigos publicados nos periódicos acadêmicos indexados pelo banco de dados Scopus da Elsevier em relação ao staff acadêmico, dimensionados para tamanho institucional e normalizados por assunto. Isso dá uma idéia da capacidade da instituição de produzir trabalhos publicados em periódicos de qualidade revisados por pares. Há uma metodologia para creditar trabalhos interdisciplinares, uma vez que a normalização é feita considerando-se a área do conhecimento.

A métrica Citações – Prestígio analisa o papel das universidades na disseminação de novos conhecimentos. A influência da pesquisa é dada pelo número de vezes que o trabalho publicado de uma universidade é citado por acadêmicos globalmente. A Elsevier, que fornece os dados bibliométricos, examinou por volta de 62 milhões de citações para mais de 12,4 milhões de artigos de periódicos, resenhas de artigos, anais de congressos e livros publicados ao longo de cinco anos. Os dados incluem cerca de 25.000 revistas acadêmicas indexadas pelo banco de dados Scopus da Elsevier.

A utilização das citações tem por objetivo mostrar o quanto cada universidade está contribuindo para a soma do conhecimento humano. As citações apontam quais

pesquisas se destacaram na comunidade acadêmica e que foram capazes de ampliar os limites do conhecimento, independente da área do conhecimento.

Os dados são normalizados para refletir variações no volume de citações entre diferentes áreas do conhecimento. Em outras palavras, a normalização tem a finalidade evitar que instituições com altos níveis de atividade de pesquisa em áreas que tradicionalmente apresentam grandes números de citações, não obtêm uma vantagem injusta.

A métrica Internacionalização - staff, estudantes e pesquisadores, é composta pelos indicadores proporção de estudantes internacionais; e proporção de staff internacionais.

Estes indicadores medem a capacidade de uma instituição atrair estudantes de graduação e pós-graduandos e, também professores de outros países que garantam o sucesso e a visibilidade da instituição no cenário mundial.

O indicador coautoria internacional calcula a proporção do total de publicações de uma instituição que tem pelo menos um coautor internacional. Este indicador é normalizado de acordo com as áreas do conhecimento da instituição.

O Financiamento proporcionado pela indústria e comércio - transferência de conhecimento indica a capacidade de uma instituição de ajudar a indústria com inovações, invenções e consultoria tornou-se uma missão central da academia global contemporânea. Esse indicador busca identificar a atividade de transferência de conhecimento observando a receita de pesquisa que uma instituição recebe da indústria (ajustada pelo PPP do Banco Mundial), proporcionalmente ao número do staff acadêmicos da instituição.

A categoria apura basicamente dois pontos: disposição das empresas financiarem a pesquisa desenvolvida dentro das universidades; e, por outro lado, a capacidade da universidade atrair financiamento no mercado comercial.

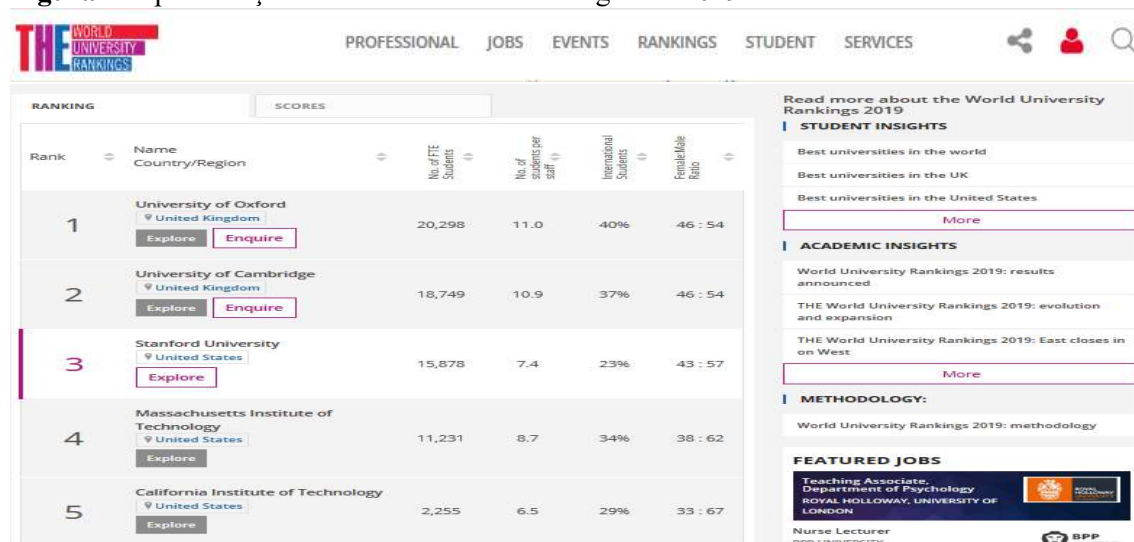
O levantamento dos dados, o cálculo dos indicadores e, por fim, a determinação da pontuação total da instituição exige esforço no tratamento dos dados. Nesse sentido, o THE utiliza uma abordagem de padronização para cada indicador e, para o resultado, faz a combinação dos indicadores nas proporções indicadas.



A abordagem de padronização que usamos baseia-se na distribuição de dados dentro de um determinado indicador, onde calculamos uma função de probabilidade cumulativa e avaliamos onde o indicador de uma instituição específica fica dentro dessa função. Um escore de probabilidade cumulativa de X, em essência, nos diz que uma instituição com valores aleatórios para aquele indicador ficaria abaixo daquela pontuação X por cento do tempo.

Para todos os indicadores, exceto o Levantamento de Reputação Acadêmica, calculamos a função de probabilidade acumulada usando uma versão de pontuação Z. A distribuição dos dados no Levantamento de Reputação Acadêmica exige que usemos um componente exponencial. Uma vez que os indicadores individuais tenham sido criados para cada instituição, os resultados são combinados nos rankings gerais de acordo com suas ponderações relativas - estes são os Rankings Gerais.

**Figura 7:** Apresentação dos resultados do Ranking THE 2019.



**Fonte:** THE Ranking 2019.

A Figura 7 apresenta a classificação geral do ranking THE de 2019. No entanto, é possível filtrar e apresentar a lista por qualquer uma das cinco categorias detalhadas na Figura 6. As outras possibilidades de apresentação dos resultados são por região ou países, ou ainda, por áreas do conhecimento, conforme Tabela 5, com suas subdivisões.

O ranking por área de conhecimento toma a metodologia geral cuidadosamente recalibrada, com as ponderações alteradas para se adequarem aos campos individuais. Em particular, os dados dos indicadores de pesquisa foram alterados para se adequar à cultura de pesquisa em cada área do conhecimento, refletindo diferenças nos perfis de

publicação nas artes e humanidades, por exemplo, onde os trabalhos se diferem dos artigos publicados nas ciências e tecnologia.

O THE World University Ranking ainda apresenta outras quatro listas: Japan University Rankings; US College Rankings; Europe Teaching Rankings; e Impact Rankings. Este último com 17 possibilidades de filtro, como por exemplo, bem estar e boa saúde; educação de qualidade, inovação e infraestrutura da indústria etc.

### **6.4.3 QS World University Rankings**

Considerado um dos principais rankings no cenário mundial, o QS World University Ranking, da Grã-Bretanha, teve a sua primeira edição em 2004. No final de 2003, durante a revisão do convênio de colaboração universidade-indústria do Reino Unido, o ministro das finanças Richard Lambert, recomendou a criação de um ranking internacional de universidades que, segundo o ministro, ajudaria o Reino Unido a avaliar a posição global de suas universidades.

A partir de 2004, a editora Quacquarelli Symonds (QS), em parceria com a Times Higher Education (THE), iniciou a divulgação de uma tabela de classificação das principais universidades de mundo. Desta forma, surgiu o QS World University Ranking, que ainda continuaria divulgando a classificação das principais universidades do mundo até 2009, quando se encerrou a parceria com o THE.

A partir de 2010, agora de forma independente, o QS se tornaria uma das três mais bem-conceituadas e consideradas classificações universitárias, juntamente com o THE e o Ranking de Shanghai (ARWU). Atualmente, o QS apresenta com metodologias diferentes, tabelas de classificação das universidades de forma global, regional ou por área de conhecimento.

Mas por que elaborar mais uma lista das melhores instituições universitárias? Segundo o site oficial do ranking QS, a missão é: “capacitar pessoas motivadas a realizar seu potencial através de conquistas educacionais, mobilidade internacional e desenvolvimento da carreira”.

Evidentemente, a missão aponta diretamente para alunos que estão em busca de excelentes instituições para o seu desenvolvimento acadêmico. Mas os rankings acabam por atender os interesses e necessidades de pelo menos outros quatro diferentes atores.

Pode-se considerar que os principais interessados nos resultados dos rankings sejam estudantes (e talvez os pais destes) que estão em busca de uma boa universidade para fazer a graduação e posteriormente, a pós-graduação, em seu próprio país ou no exterior, uma vez que o QS fornece informações de mais de 500 universidades de 40 países.

Gestores de universidades podem utilizar os resultados para a avaliação de desempenho das metas de seus planejamentos estratégicos. Importante para os gestores também é o reconhecimento e a reputação de suas instituições em relação às outras instituições no mundo.

Se considerarmos, de certa forma, os rankings como uma medida objetiva do sistema universitário do país, a divulgação das listas pode ser utilizada como ferramenta para a tomada de decisão dos formadores de políticas públicas. Também se tornaram uma base confiável para empregadores e os agentes de Recursos Humanos para as campanhas de recrutamento entre as universidades.

Para solucionar o desafio de se determinar uma metodologia capaz de classificar um conjunto de universidades de nível mundial, e atender todos os atores interessados, a QS procurou identificar nas instituições de ensino superior quais seriam as suas missões em quatro parâmetros: qualidade de pesquisa; empregabilidade de pós-graduação; qualidade de ensino; e perspectivas internacionais. A QS realizou a tarefa através da consulta direta com reitores das principais universidades do mundo. Ainda, foram realizados seminários presenciais com cerca de 8000 acadêmicos para a discussão dos quatro parâmetros em questão.

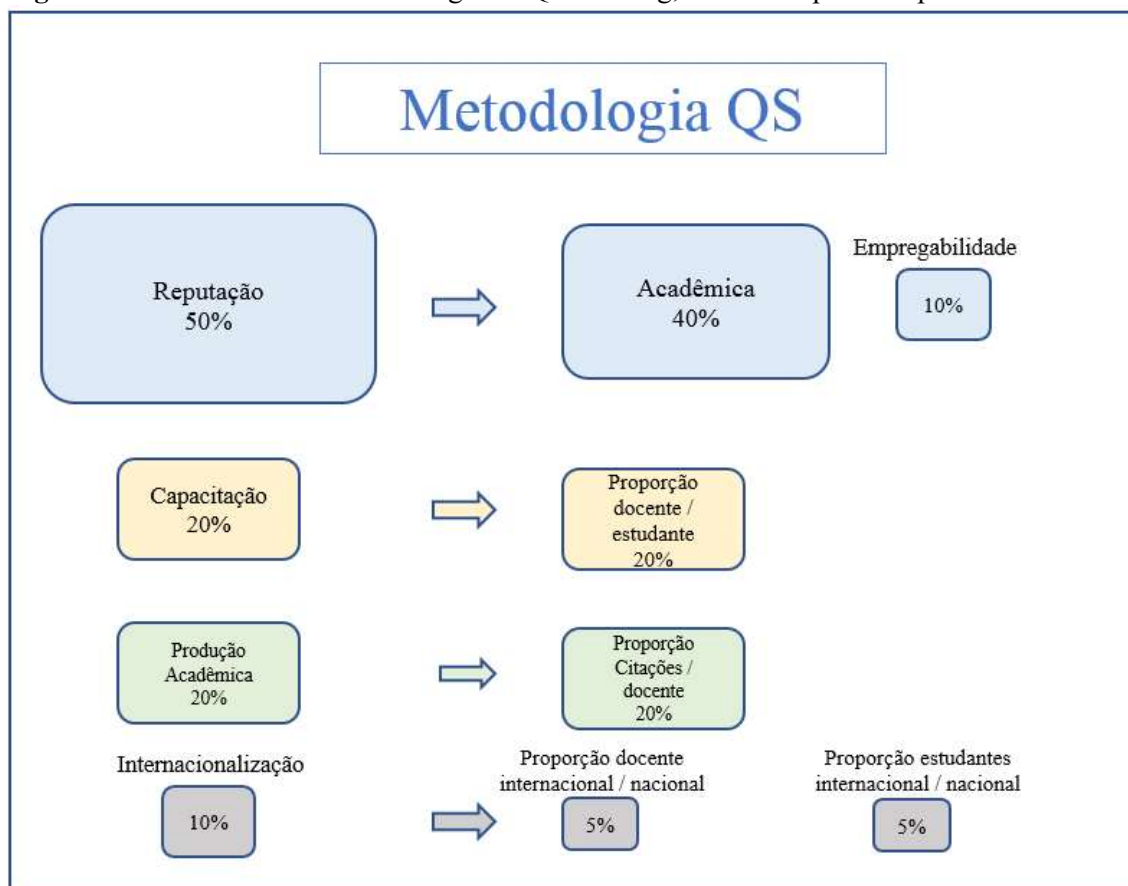
Por fim, para garantir resultados válidos, a QS, segundo o site oficial, contratou técnicos e especialistas em estatística para desenvolver e conduzir uma abordagem precisa e testada. A comprovação das informações prestadas seria aferida pelos pares de cada instituição acerca da qualidade acadêmica de cada instituição.

A abordagem metodológica empregada pelo QS ranking está balizada em conjunto de seis indicadores simples, divididos em quatro categorias, conforme Figura 8. A partir de 2015 foi empregada a normalização do corpo docente por área do conhecimento para garantir que as instituições especializadas em ciências da vida e ciências naturais não fossem beneficiadas. Também, a manutenção da metodologia inalterada garante a precisão na comparação ano a ano.

O detalhamento dos 6 indicadores distribuídos pelos quatro critérios é dado a seguir.

Reputação Acadêmica, peso 40%: é o indicador com o maior peso, reúne pesquisa de opinião (survey) de cerca de 100 mil especialistas em relação à qualidade do ensino superior e da pesquisa nas universidades do mundo. Considerada a maior pesquisa do gênero para a medida do sentimento da comunidade acadêmica.

**Figura 8:** Detalhamento da metodologia do QS Ranking, com os respectivos pesos.



Fonte: QS Ranking 2019.

Reputação de Empregabilidade, peso 10%: dado que a educação universitária é essencial para o mercado de trabalho, segue-se que a instituição escolhida deve ser bem-sucedida em preparar o seu principal público alvo que é a comunidade estudantil. Este indicador está baseado nas respostas de pesquisas de opinião cerca mais de 50 mil empregadores responsáveis por encontrar para suas empresas os graduados mais competentes e inovadores. Também é considerada a maior pesquisa do gênero no mundo.

Proporção Docente / estudante, peso 20%: a qualidade do ensino é o indicador mais importante citado pelos alunos quando se compara instituições utilizando o

ranking. O indicador avalia até que ponto a instituição é capaz de fornecer aos alunos, acesso ao corpo docentes e tutores. O indicador também reconhece que um bom número de docentes reduz a carga de ensino individual de cada acadêmico.

Proporção Citações / Docente, peso 20%: assim como o ensino, o resultado da pesquisa é um dos pilares da missão de uma instituição. O cálculo deste indicador é feito considerando-se o número de citações nos últimos cinco anos, dividido pelo número total de docentes da instituição.

Para dar conta das especificidades de cada área, as citações são normalizadas para garantir que uma citação recebida em um artigo da Filosofia, por exemplo, tenha o mesmo peso de um artigo recebido em um artigo sobre Fisiologia ou Anatomia.

Para o ranking publicado em 2019 buscou-se dados do período entre 2014 – 2019, tendo sido avaliados cerca de 81 milhões de citações de 13,9 milhões de artigos científicos, excluídas as autocitações, diretamente do banco de dados Scopus da Elsevier.

Proporção estudantes internacionais / nacionais, peso 5%: bom número de parcerias com outras instituições internacionais é uma via de mão dupla. As instituições tanto adquirem quanto conferem uma série de vantagens. Assim, demonstrar capacidade de atrair estudantes de todo o mundo indica que a instituição possui uma marca internacional forte. Os empregadores, cada vez mais, consideram valiosos os estudantes com consciência global.

Proporção docentes internacionais / nacionais, peso 5%: também a capacidade de atrair docentes do exterior, confere um ambiente multinacional que proporciona as melhores práticas em seus afazeres.

Em relação às dificuldades e limitações que poderiam causar desvios no cálculo dos indicadores, a QS utiliza ajustes para contornar estas situações:

Tamanho da instituição: a metodologia apresenta mecanismos para ajustar os indicadores que envolvam dados brutos (quantitativos) conforme o tamanho das universidades, para que não ocorra favorecimento para as grandes universidades. A respeito dos dados qualitativos, os questionários de pesquisa (surveys) enviados aos entrevistados (docentes, pesquisadores e recrutadores) são desenhados para considerarem as universidades independentemente do tamanho.

Viés que favorece as ciências naturais e da vida: indicadores de citação são normalizados para que instituições com forte pesquisa nas áreas médicas e ciências naturais não se sobressaiam em relação às universidades que têm ênfase nas ciências humanas. Uma revisão das informações prestadas pelas universidades é feita pelos pares e considera cinco grandes áreas para fazer a normalização, a saber: Ciências da Vida; Ciências Naturais; Tecnologia da Informação e Engenharia; Ciências Sociais e Artes; e Humanidades. A normalização garante que universidades que são fortes em ciências humanas e ciências sociais, tenham condições de competir com universidades que são fortes nas ciências.

Viés anglo-saxão: uma vez que a maioria dos artigos científicos registrados em bancos de dados bibliométricos estão em língua inglesa e que, culturalmente, pesquisadores de língua inglesa fazem citações de trabalhos que são escritos em inglês, desconsiderando os trabalhos escritos em outro idioma, isso provoca um viés no indicador de contagem de artigos e citações. Para não favorecer as universidades de língua inglesa no indicador de citações, a utilização do banco de dados da Scopus da Elsevier que mantém em seu acervo trabalhos escritos em outros idiomas.

Os dados brutos são coletados diretamente com as universidades através de um sistema que registra a entrada dos dados e o responsável pelo envio. Os dados são verificados em bases de estatísticas governamentais. Quaisquer inconsistências são checadas diretamente com os responsáveis pelo envio dos dados.

Após a coleta dos dados, utiliza-se um sistema que classifica as universidades através de doze medidas diferentes, levando em consideração o fato de a instituição ser uma universidade especializada, ser uma universidade generalista, no sentido de possuir cursos em todas as áreas do conhecimento, e/ou ser uma faculdade isolada.

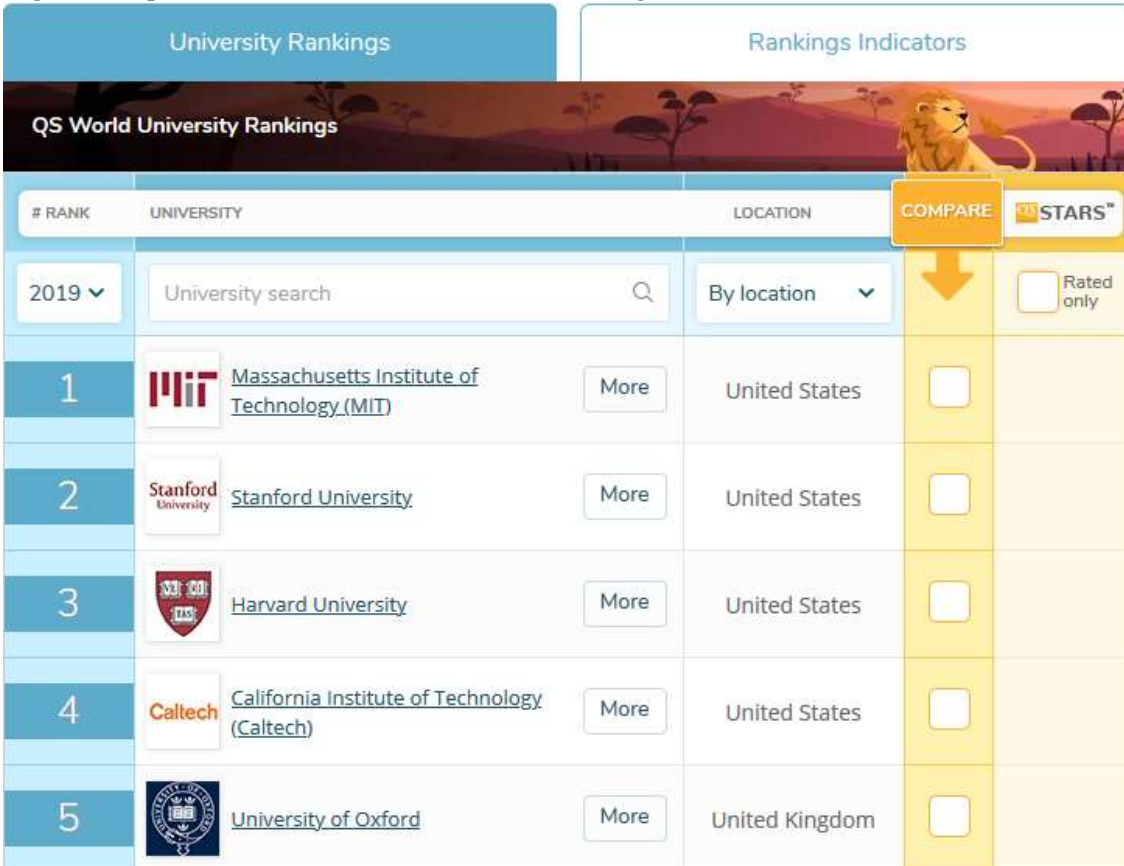
Esta medida possibilita a criação de sub-rankings que podem dar a classificação em categorias diversas, com as regionais. A QS também publica sub-rankings baseado nas cinco áreas do conhecimento definidas anteriormente: Ciências da Vida; Ciências Naturais; Tecnologia da Informação e Engenharia; Ciências Sociais e Artes; e Humanidades.






Para garantir a transparência das informações coletas, os dados brutos são publicados no sítio da QS em diferentes formatos. Para os dados qualitativos, organiza

seminários com os docentes, pesquisadores e recrutadores de recursos humanos que responderão os questionários (surveys).

A Figura 9 apresenta o resultado do ranking para as universidades de classe mundial. Observa-se que é possível filtrar e apresentar as listas por indicadores e por localização, tanto por países quanto por regiões.

**Figura 9:** Apresentação dos resultados do QS Ranking - 2019



# RANK	UNIVERSITY	LOCATION	COMPARE	STARS™
2019 ▾	University search <input type="text"/>	By location ▾	↓	<input type="checkbox"/> Rated only
1	 <a href="#">Massachusetts Institute of Technology (MIT)</a> <input type="button" value="More"/>	United States	<input type="checkbox"/>	
2	 <a href="#">Stanford University</a> <input type="button" value="More"/>	United States	<input type="checkbox"/>	
3	 <a href="#">Harvard University</a> <input type="button" value="More"/>	United States	<input type="checkbox"/>	
4	 <a href="#">California Institute of Technology (Caltech)</a> <input type="button" value="More"/>	United States	<input type="checkbox"/>	
5	 <a href="#">University of Oxford</a> <input type="button" value="More"/>	United Kingdom	<input type="checkbox"/>	

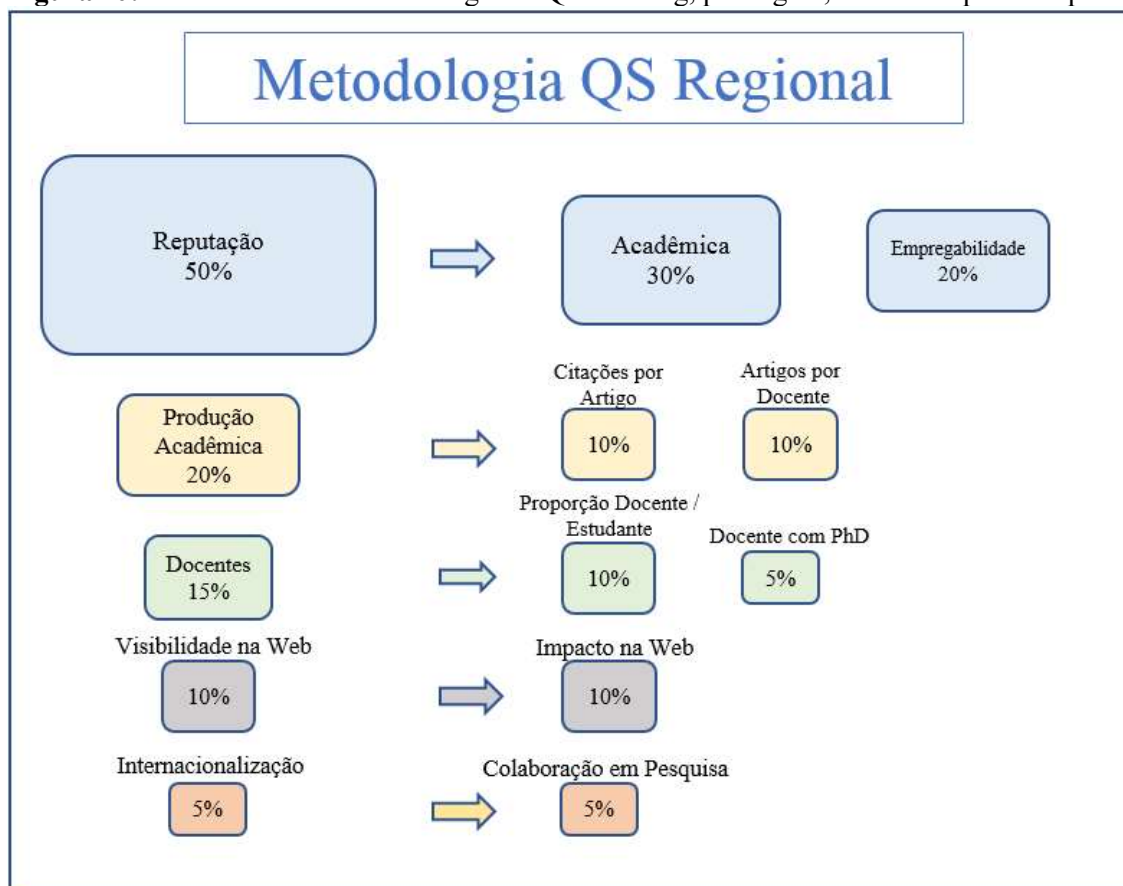
Fonte: QS Ranking 2019

A metodologia da QS considera que atende os diferentes interesses dos diferentes atores que buscam o resultado do ranking: Gestores das universidades; recrutadores de recursos humanos; estudantes; governo e formadores de políticas públicas; e acadêmicos.

Além dos rankings de universidades, a QS apresenta uma série outras modalidades de rankings, como QS Global MBA Ranking, QS Graduate Employability e QS University Ranking by Location. A QS também oferece algumas facilidades para os diversos interessados, porém estas facilidades são pagas.

Sobre o QS University Ranking by Location, é possível selecionar o ranking entre as regiões dos BRICS, Ásia, Países Árabes, Países Emergentes da Europa e Ásia Central. A abordagem metodológica utiliza cinco critérios básicos: impacto e produtividade da pesquisa, compromisso de ensino, empregabilidade, impacto on-line e, desde a edição 2016/17, a internacionalização. O método mantém os principais indicadores do ranking global, como Reputação Acadêmica, Reputação do Empregador e Proporção Docente-aluno, mas também considera um conjunto de indicadores de desempenho adaptados para a região. Assim, no ranking por região, as universidades são avaliadas por 8 indicadores divididos em 5 categorias, conforme apresentado na Figura 10.

**Figura 10:** Detalhamento da metodologia do QS Ranking, por região, com os respectivos pesos



Fonte: QS Rankings 2019

Na edição de 2019 do ranking da América Latina, 2 universidades do Brasil estavam entre as 5 primeiras posições, conforme Figura 11. A UFSCar apareceu na 34ª posição.



**Figura 11:** Apresentação dos resultados do QS Ranking América Latina - 2019

# RANK	UNIVERSITY	LOCATION	COMPARE	STARS™
2019	University search	By location	↓	<input type="checkbox"/> Rated only
1	Pontificia Universidad Católica de Chile (UC) <a href="#">More</a>	Chile	<input type="checkbox"/>	
2	Universidade de São Paulo <a href="#">More</a>	Brazil	<input type="checkbox"/>	
3	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) <a href="#">More</a>	Brazil	<input type="checkbox"/>	
4	Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) <a href="#">More</a>	Mexico	<input type="checkbox"/>	
5	Universidad de los Andes <a href="#">More</a>	Colombia	<input type="checkbox"/>	<b>5★</b> RATING

Fonte: QS Ranking 2019.

#### 6.4.4 Uma comparação dos rankings mundiais

Os rankings utilizam muitas informações complexas de acordo com várias combinações de várias categorias e indicadores. Vimos que existem algumas similaridades entre os critérios e os indicadores usados por cada ranking, mas os pesos às vezes são muito diferentes, de acordo com Adina (2015).

Assim, torna-se importante fazer uma comparação metodológica dos rankings ARWU, QS e THE, certamente os três mais conhecidos, influentes e amplamente observados rankings universitários internacionais. A comparação pode ajudar a entender por que somente 3% das universidades do mundo figuram nas listas destes grandes.

Sabe-se que as metodologias destes três rankings globais, com algumas especificidades, tendem a se concentrar mais na área de pesquisa e menos no ambiente de ensino e aprendizagem. Assim, para as universidades, pequenas ou grandes, a comparação pode ajudar a melhorar as práticas que as tornarão mais fortes, afirma Adina (2015).

Para o ARWU, o critério predominante (40%) é sobre o resultado da pesquisa e trabalhos publicados nos periódicos Nature e Science e para artigos indexados no Science Index-Expanded e no Social Science Citation Index. Para o QS, o maior percentual (40%) é dado a uma pesquisa global sobre a reputação acadêmica (survey) de uma instituição de ensino superior. E, para o THE, os percentuais são igualmente divididos entre o ambiente de ensino e aprendizagem, pesquisa e reputação e citações com (30%) para cada uma dessas categorias.

Uma semelhança entre esses rankings globais em relação aos seus critérios é o indicador referente às citações. Para o ARWU - Pesquisadores altamente citados (20%), para o QS, as citações de impacto da pesquisa (20%) e para o THE as citações em pesquisas influentes (30%).

A diversidade e internacionalização de uma universidade é medida por dois indicadores no ranking de QS: proporção de estudantes internacionais (5%) e staff internacional (5%); e por três indicadores no THE (2,5% cada, totalizando 7,5%): proporção staff internacional pelo doméstico; proporção de estudantes internacionais pelos nacionais; e coautoria internacional. O ARWU não tem indicador para a internacionalização. Mas, por outro lado, a ARWU dá um grande destaque aos prêmios Nobel e para Medalha Fields conquistados pelos ex-alunos ou pelo staff.

Para a divulgação da edição de 2019, os três rankings globais tiveram vencedores diferentes, embora a maioria das dez principais universidades possa ser encontrada também nos outros rankings, mas em outra posição, como mostrado na Tabela 6.

Harvard University, por exemplo, Harvard ficou em primeiro lugar no ARWU, mas no THE ficou com o sexto lugar e com o terceiro lugar no QS. Para o QS, no primeiro lugar ficou o Massachusetts Institute of Technology (MIT), que ocupou a quarta posição no ARWU e também no THE.

Para o THE, a University of Oxford ocupou o primeiro lugar, enquanto no ARWU ficou na sétima posição e na quinta posição no QS, embora as metodologias de QS e THE sejam semelhantes. Nenhuma uma universidade ocupou a mesma posição nos três rankings globais, embora a University of Chicago tenha ficado em décimo lugar no ARWU e no THE.

As diferenças a serem consideradas entre as dez melhores universidades de cada um dos três rankings são: o Imperial College of London ocupa o oitavo lugar no QS, o nono lugar no THE, mas somente a vigésima terceira posição no ARWU; e a University of California – Berkeley aparece na quinta posição no ARWU, mas somente na décima quinta posição no THE e na vigésima sétima posição no QS.

**Tabela 6:** Top 10 das universidades nos rankings de classe mundial - 2019

Principais Rankings Mundiais	Posição nos Rankings		
	ARWU	QS	THE
Harvard University	1	3	6
Stanford University	2	2	3
University of Cambridge	3	6	2
Massachusetts Institute of Technology (MIT)	4	1	4
University of California – Berkeley	5		
Princeton University	6		7
University of Oxford	7	5	1
Columbia University	8		
California Institute of Technology	9	4	5
University of Chicago	10	9	10
Yale University – University of California Los Angeles	11		8
⋮			
University College London	15	10	
⋮			
ETH Zurich – Swiss Federal Institute of Technology	19	7	
⋮			
Imperial College of London	22	8	9

**Fonte:** ARWU, QS, THE rankings 2019.

Em relação aos países que aparecem nas listas, considerando-se as vinte melhor colocadas, temos a seguinte configuração, conforme Tabela 7. O QS contém o maior número de universidades da Europa, com cinco universidades do Reino Unido e uma da Suíça, além de três universidades da Ásia, com duas de Singapura e uma da China. Se analisarmos as dez melhores universidades, no ARWU estão duas universidades do Reino Unido e oito dos EUA, no THE aparecem três universidades do Reino Unido e sete dos EUA, e no QS são quatro universidades do Reino Unido, uma da Suíça e cinco dos EUA.

**Tabela 7:** Top 20 nos rankings ARWU, QS e THE, por países - 2019

Universidades de Classe Mundial - Top 20	ARWU	QS	THE
Estados Unidos	16	11	15
Reino Unido	3	5	4
Suíça - Swiss Federal Institute of Technology Zurich	1	1	1
Singapura	-	2	-
China - Tsinghua University	-	1	-

**Fonte:** adaptado de Adina 2019.

Os rankings do ARWU usam medidas que refletem elementos de qualidade acadêmica, incluindo quantos ex-alunos de uma instituição ganharam um prêmio Nobel e quantos professores e pesquisadores ganharam prêmios Nobel como resultado do trabalho feito na universidade.

A importância dos resultados da pesquisa é medida examinando onde e com que frequência o corpo docente e pesquisadores e em quais periódicos estão publicando. Essa metodologia altamente quantitativa produz uma lista de classificação que representa alguns resultados educacionais e de pesquisa muito importante, mas de uma perspectiva restrita, segundo Adina (2015).

Em uma última análise, os rankings QS e THE são mais abrangentes e incluem indicadores mais diversos, como medições do número de alunos, diversidade de professores e alunos etc., mas são significativamente influenciados por uma pesquisa de opinião de docentes e pesquisadores em todo o mundo sobre o que eles sabem sobre os pontos fortes de pesquisa de outras instituições.

### **6.5 Rankings Como Avaliação da Educação Superior**

Com o crescente interesse do tema rankings universitários, é quase natural o crescimento da produção de trabalhos expressando a opinião de autores sobre temas como políticas educacionais, políticas sobre a avaliação da educação superior, metodologias utilizadas nos rankings educacionais, entre outros temas.

Olhando para o Brasil, conforme apontam Calderón e França (2018), e tomando como referência a produção de artigos científicos, a questão em torno dos rankings passou por três momentos distintos: o ranqueamento das universidades brasileiras; ranqueamento nas políticas públicas de avaliação da educação superior brasileira; e o surgimento dos rankings internacionais.

Em um primeiro momento os artigos apontavam a “emergência de estudos que subsidiassem a construção de métodos que permitissem ranquear as universidades brasileira, tendo como objetivo a busca pelo aprimoramento da qualidade do ensino superior no país” (CALDERÓN e FRANÇA, 2018).

Neste primeiro momento identificado como as iniciativas pioneiras na construção de ranqueamentos para as universidades brasileiras (1995-1997), Schwartzman (1995) propõe a construção de ranking de qualidade para as universidades brasileiras a partir de informações do “Guia do Estudante” da Editora Abril, para os cursos de graduação e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para as informações dos cursos de pós-graduação. Também, Schwartzman e Oliveira Júnior (1997), apontam uma primeira experiência de ranking

com metodologia de avaliação de cursos de graduação desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (IPEAD), vinculado à UFMG.

O segundo momento que marca a produção de artigos acadêmicos, denominado ranqueamento no âmbito das políticas públicas, está compreendido entre 2003 e 2011. Os artigos deste período informam Calderón e França (2018), se encaixam em três subgrupos. No primeiro subgrupo estão os artigos que analisam os rankings como fenômeno negativo, relacionado a uma dimensão mercadológica do ensino superior. Entende-se a dimensão mercadológica tanto por parte das instituições que utilizam os rankings para traçar uma política de marketing em busca de novos alunos, quanto às próprias agências responsáveis pela manutenção e divulgação dos rankings.

No segundo subgrupo aparecem os artigos publicados a partir de 2008, conforme Calderón e França (2018), que compartilham uma visão crítica em relação aos processos de ranqueamento das IES estabelecidos pelo Sistema Nacional da Educação Superior (SINAES), conduzido pelo Ministério da Educação. É preciso destacar o Índice Geral de Cursos (IGC) e o Conceito Preliminar de Cursos (CPC), dois indicadores importantes indicadores que, somado ao SINAES, caracterizam o ranqueamento oficial da educação superior brasileira.

Completando, o terceiro subgrupo abarca artigos que abordam os rankings “a partir de uma ótica mais sistêmica, distante de um enfoque essencialmente teórico-crítico, revelando aspectos positivos do ranqueamento e da concorrência entre as IES” (CALDERÓN e FRANÇA, 2018).

Neste terceiro subgrupo da produção de artigos acadêmicos, segundo (CALDERÓN e FRANÇA, 2018), “os rankings vieram a ganhar crescente respeito e legitimidade no seio de governos com projetos políticos distintos, o que permite considerá-los parte de uma política de Estado”.

Por fim, o terceiro momento marca o fortalecimento dos rankings das chamadas Universidade de Classe Mundial (UCM) entre os anos de 2008 e 2013. O termo UCM popularizado com o lançamento do Ranking de Xangai, da Universidade Jiao Tong, refere-se às instituições com alta capacidade de produção científica, excelência docente e com habilidade para competir no mercado global da educação superior.

Olhar os momentos da produção de trabalhos voltados aos rankings universitários no Brasil permite entender qual a finalidade das classificações na educação superior. Nesse sentido, os rankings são:

fato que não pode ser menosprezado na compreensão da complexidade da educação superior. Trata-se de um cenário no qual se configuram instrumentos de avaliação voltados a mensurar a qualidade educativa, em uma perspectiva classificatória, sustentados no princípio da competitividade, como forma de distinção entre as IES que atuam na educação superior. Nesta ótica, os rankings do setor privado estariam direcionados para o esclarecimento e a transparência de informações para os futuros alunos, agora também chamados de cidadãos-consumidores, os quais teriam maiores elementos para realizarem suas escolhas no mercado educacional. Por sua vez, os rankings estatais estariam direcionados para a regulação da educação superior, imprimindo parâmetros de qualidade, possibilitando a responsabilização em termos de transparência da qualidade dos serviços públicos como mecanismo de controle social, podendo potencialmente subsidiar as escolhas dos futuros estudantes universitários. (CALDERÓN e LOURENÇO, 2017).

Se “a experiência brasileira pode ser considerada incipiente tendo em vista as interrupções e descontinuidades das políticas públicas, o que não permitiu o enraizamento dos rankings na cultura brasileira”, com afirmam (CALDERÓN e LOURENÇO, 2017), a utilização dos rankings por órgãos governamentais brasileiros poderia tomar um rumo diferente.

Thakur (2007) reporta estratégias governamentais em prover financiamento vinculado ao posicionamento obtido em rankings internacionais. Como exemplo dessa iniciativa temos o governo da Nova Zelândia com o Performance-based Research Fund, o Research Assessment Exercise do Reino Unido e o governo chinês com incentivos às universidades que alcançarem padrões de excelência comparados às universidades europeias e norte americanas.

Há que se destacar também as dificuldades metodológicas enfrentadas pelas instituições brasileiras. A utilização de dimensões e indicadores baseados em reputação, obtidas através de questionários e indicadores de citações obtidos em bases de dados tais como a ISI-Thomson Reuters e a Scopus, que privilegiam trabalhos publicados em inglês, não são favoráveis às universidades brasileiras. Ainda, indicadores que envolvem métricas de internacionalização das instituições, podem dificultar a competição.

A discussão sobre métricas utilizadas pelos rankings também são questionadas por entidades internacionais. Conforme destacam Cabello, et al (2019), órgãos como a Comissão Europeia, que propõe políticas e programas de ação ao Parlamento Europeu, fazem críticas pesadas aos rankings por darem ênfase à “hard science” em detrimento as ações de ensino e extensão.

Mesmo com dificuldades em competir com universidades da Europa e dos EUA, Cabello, et al (2019) apontam que no período compreendido entre 2016 e 2019, ocorreu um aumento de instituições brasileiras, notadamente as públicas, classificadas nos rankings QS e THE.

Os autores também sugerem que apesar de as universidades brasileiras ainda aparecerem em faixas de classificação que não permitem a classificação individual (patamares de classificação), o aumento do número de aparições é o resultado do esforço das instituições em reportar informações mais precisas e em participar de forma crescente nos rankings.

Importante destacar a iniciativa das editoras mantenedoras dos rankings em lançar novas classificações com caráter regional ou de grupo específico, tais como o ranking da América Latina, dos Brics e dos Mercados emergente. Essas modalidades permitem a classificação individual e a comparação com instituições especificidades com maior possibilidade de comparação. No entanto, as instituições brasileiras necessitam caminhar em direção a iniciativas que permitam um melhor nível de comparação em relação as universidades de classe mundial. É necessário, também, contar com iniciativas que levem a esse objetivo.

É certo que se faz necessário investigar em que medida os rankings acadêmicos se aproximam ou se afastam das políticas públicas educacionais brasileiras e das metas estabelecidas por cada IES, possibilitando avaliar tais avaliações (RUDÁ e SILVA, 2019).

Mas também devemos destacar iniciativas de políticas que podem beneficiar as instituições nacionais. Uma primeira iniciativa, o Programa Future-se, mesmo que timidamente e controverso, no seu eixo de política de internacionalização do conhecimento, pretende assegurar “o fluxo contínuo de intercâmbio de professores, fomentando a pesquisa e uma melhor colocação nos índices e rankings internacionais”

(BRASIL, 2019). Essa iniciativa governamental fala explicitamente na melhoria da colocação dos rankings das instituições brasileiras.

A segunda iniciativa a se destacar é o Projeto Métricas Fapesp “que contempla o esforço tríplex conduzido, inédito no Brasil, para construir uma política pública em busca de melhores índices de excelência e novos espaços nas comparações externas” (MARCOVITCH, 2019). Conforme aponta o autor, o Projeto mira acompanhar as metodologias dos rankings globais, compreendê-las e, se estas metodologias não sobrepujarem os projetos internos das IES, utilizá-las para o reconhecimento internacional.

O importante Projeto elenca cinco diretrizes para levar as universidades estaduais de São Paulo a um patamar efetivamente competitivo na cena global:

1. Tornar mais acessível o conhecimento público sobre metodologia e métricas relacionadas a comparações internacionais;
2. Elencar processos de monitoramento e internalização dos indicadores adotados em comparações universitárias internacionais;
3. Identificar os componentes de uma política pública sobre indicadores de desempenho nas universidades para efeito de comparações internacionais;
4. Delinear as atribuições de uma Unidade de Inteligência responsável pelos indicadores para efeito de monitoramento e de comparações internacionais;
5. Aprimorar a governança das instituições, de modo a projetar a ciência brasileira no cenário nacional e internacional em benefício da sociedade como um todo (MARCOVITCH, 2018).

Iniciativa como esta desenvolvida pelas universidades públicas paulistas poderia ser o fio da meada a ser puxado por outras instituições brasileiras, notadamente as IFES, que serão parte deste trabalho de pesquisa. O melhor posicionamento nos rankings internacionais proporcionado por este tipo de iniciativa, certamente traria um maior reconhecimento internacional e os frutos advindos deste reconhecimento.



## **7 RESULTADOS**

A seguir, são apresentados os resultados obtidos no desenvolvimento da pesquisa. Primeiramente será apresentado o resultado referente ao RUF e, na sequência, os resultados referentes aos rankings internacionais.

### **7.1. Prospecção de notícias sobre o ranking do Brasil**

A pesquisa para a prospecção das notícias sobre o principal ranking universitário do Brasil, o Ranking Universitário da Folha, foi realizada através do buscador Google. Para cada ano da pesquisa, entre 2017 e 2019, foi lançada uma expressão de busca específica. O detalhamento quantitativo, ou seja, o número de links retornados, a análise temporal, ou seja, o levantamento das datas das manifestações e o detalhamento qualitativo, ou seja, a análise do teor das notícias está apresentada na sequência.

#### **RUF 2017**

Para a pesquisa em busca de notícias referentes à divulgação do resultado do ranking RUF em 2017, foi utilizada no Google a expressão de busca “ranking universitário Folha 2017” posteriormente filtrada na aba Ferramenta: pesquisar páginas em português; e período personalizado: 01/01/2017 a 31/12/2017. Esta busca teve o objetivo de levantar todas as notícias referentes ao RUF veiculadas em sítios do Brasil em 2017, e retornou 147 links.

Das 147 notícias retornadas na busca, 19 faziam referências à rankings, sem, no entanto, estar diretamente ligada ao RUF. Das 128 restantes, 49 eram notícias sobre o ranking, mas sem referências diretas a alguma instituição. As 79 notícias com referências diretas a alguma instituição, estavam divididas conforme apresentado no Gráfico 5: 36,7% eram referentes às IFES; as notícias sobre as universidades estaduais de São Paulo foram somente 3,8%; e a maioria absoluta das notícias fazia referência às instituições particulares, às municipais e às outras estaduais, com 59,5% do total das notícias.

**Gráfico 5:** Total de notícias prospectadas no Google 2017

**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

Na parte qualitativa, uma primeira análise sobre os resultados da busca, considerando-se apenas as públicas federais, mostrou que apenas 26 das 65 IFES do Brasil repercutiram, em seus próprios sítios, os resultados do RUF. Esse resultado indica que 60% das IFES não entendem os rankings como uma oportunidade de divulgar as suas respectivas instituições, ou seja, não utilizam os rankings como uma forma de marketing de oportunidade ou como forma de expressar suas ações.

Entre as IFES em que os seus gestores repercutiram os resultados do RUF em seus sítios ou foram citadas em portais de notícias é possível destacar dois tipos de manifestação: as instituições que, independentemente da classificação geral no ranking, reportaram algum destaque, seja na região ou pelo tamanho da instituição; e as instituições que destacam seus cursos e/ou o desempenho isolado de alguma dimensão ou indicador que compõem o RUF.

Na primeira modalidade, a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), mesmo caindo sete posições, ocupa a oitava posição entre as instituições da região Nordeste. Ranking mostra a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como a melhor universidade do Estado. A Universidade Federal do Ceará (UFC) é a segunda melhor instituição do Nordeste.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é a melhor universidade de porte médio do Nordeste, na sétima posição. A Universidade Federal do Espírito Santo

(UFES) ficou entre as vinte melhor federais do país. Mesmo com a queda na posição geral do ranking, a Universidade Federal de Goiás (UFG) continua na primeira posição do Estado.

A Universidade Federal do Maranhão (UFMA) é a melhor universidade do Estado por dois anos consecutivos. Mais uma vez a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) obteve a primeira colocação no Estado entre as instituições de ensino superior.

A Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) registrou avanços sólidos e, com as notas obtidas, a Instituição manteve o terceiro lugar entre todas as universidades públicas da região Centro-Oeste.

A Universidade Federal do Pará (UFPA) aparece como a universidade mais bem avaliada na região Norte. Além disso, nesta colocação, a UFPA está à frente de dezenas de universidades de todas as regiões do Brasil. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) está classificada como a melhor do Norte-Nordeste.

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) mantém-se na quarta posição entre as universidades gaúchas. A Universidade Federal do Paraná (UFPR) ocupa o primeiro lugar, entre as instituições do Paraná, em todos os cinco indicadores considerados pelo Ranking Universitário Folha para atribuir a nota geral.

O resultado do trabalho que vem sendo feito pela instituição é reconhecido e a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) sobe no ranking e chega à segunda posição do Estado do Pará e a quarta posição no norte do Brasil.

Entre as federais do Brasil, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é a quarta colocada, e a segunda melhor universidade da Região Sul. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e segunda melhor do Rio Grande do Sul.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) é a segunda melhor universidade de Minas Gerais. Outro dado que vale destacar é que, entre as 20 primeiras instituições de ensino superior, somente a UFV está localizada no interior mineiro.

Na segunda modalidade, onde o destaque é o desempenho de algum curso da instituição e/ou o desempenho isolado de alguma dimensão ou indicador que compõem o RUF, aparecem tanto as pequenas quanto as grandes instituições.

A Universidade Federal do Acre (UFAC) tem como destaque os cursos de Comunicação Social/Jornalismo, Medicina Veterinária e Filosofia, que estão entre os 100 melhores do país.

A UFAM, na classificação das dimensões, tem a melhor colocação na dimensão Inovação, na trigésima sexta posição. Em Pesquisa, fica na quinquagésima nona posição, em Ensino, fica na quinquagésima quinta posição, em Mercado, fica na quadragésima oitava posição. Por fim, em Internacionalização, fica na septuagésima segunda posição. As dimensões Ensino e Mercado apresentaram o maior crescimento.

A UFC possui o segundo melhor Curso de Moda do país entre 53 avaliados. Outros três cursos se destacaram entre os dez melhores do país: Física, oitavo colocado e Geografia e Letras, ambos na décima posição. Além desses, a UFC possui outros dezoito cursos entre os vinte melhores.

A UFC se destaca particularmente na dimensão Internacionalização, que ocupa sexta posição nacional. Nas dimensões Pesquisa e Mercado, a UFC ficou na décima primeira posição. Em Inovação, ficou na décima segunda posição e, por fim, em Ensino, ficou na décima oitava posição.

Dos trinta e dois cursos ofertados pela UFCG, vinte e oito estão entre os 100 melhores do país. Engenharia Elétrica e Computação estão entre os 15 mais bem pontuados no país. Entre os 50 melhores aparecem treze cursos da instituição.

A UFES registrou melhora na pontuação de dez cursos. Cinco cursos ficaram entre os cinquenta melhores do país, mas o destaque ficou para o curso de Agronomia que ficou na décima sétima posição.

A UFMA cresceu nas dimensões Ensino para a sexagésima sétima posição, em Inovação para trigésima sétima posição e em Internacionalização para centésima décima posição no ranking. Entre os vinte e oito cursos avaliados, vinte e sete estão entre os melhores do Maranhão. Destaque para os cursos de Serviço Social, Letras, Matemática, Educação Física, Geografia e Física, todos entre os cinquenta melhores do país.

Pela quarta vez consecutiva, a dimensão ensino da UFMG é classificado como o melhor do país entre as 195 universidades, públicas e privadas, avaliadas no RUF. A UFMG aparece bem posicionada em todas as dimensões, em especial Mercado, segundo lugar, Inovação, terceiro lugar e Pesquisa, sexto lugar. Em Internacionalização,

aparece em oitavo lugar. Sobre os quarenta cursos de graduação avaliados, a UFMG tem sete na primeira posição: Administração; Arquitetura e Urbanismo; Direito; Enfermagem; Farmácia; Fisioterapia; e Propaganda e Marketing, sendo que quase todos os outros nas cinco primeiras colocações.

Dentre os cursos avaliados na UFMS, Agronomia teve a melhor colocação, na décima oitava posição. Enfermagem ficou na vigésima segunda posição e Medicina veterinária na vigésima quarta posição. Outros trinta e um cursos da UFMS também apareceram no ranking.

Nas cinco dimensões avaliadas, a UFMT avançou em quatro: Ensino; Mercado; Inovação; e Internacionalização. Os cursos mais bem avaliados foram: Direito; vigésima sétima posição, Engenharia Ambiental; vigésima oitava posição; Farmácia, trigésima posição; Medicina, vigésima primeira posição; Publicidade e Propaganda, vigésima terceira posição; e Nutrição, décima oitava posição.

As principais dimensões que ajudaram a elevar a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) no ranking são: a Pesquisa, septuagésima sexta posição; a Inovação, centésima décima terceira posição; e a Internacionalização, quadragésima sexta posição.

Considerando os indicadores separadamente, no que refere à dimensão qualidade do Ensino oferecido, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) é a sétima melhor universidade brasileira; e a nona melhor no que se refere às atividades de Pesquisa e de produção do conhecimento científico.

A UFPE ficou na nona posição na dimensão Mercado, décima primeira posição nas dimensões Ensino e Inovação, na décima sétima posição em Pesquisa e na vigésima sexta posição em Internacionalização. A UFRA sobe no ranking e ocupa o centésimo décimo sétimo lugar na dimensão Pesquisa. No curso de Medicina Veterinária, a UFRA ocupa o primeiro lugar do estado.

A UFPR está entre as dez melhores universidades do país nas dimensões Inovação, quarto lugar; Ensino, oitavo lugar; e Pesquisa, décimo lugar. Dos trinta e sete cursos de graduação da UFPR avaliados pelo Ranking, dezessete estão entre os dez melhores do país. Trinta e seis ocupam o primeiro lugar no Estado e as outras seis estão entre as dois ou três melhores.

Em relação ao desempenho em cada dimensão, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ficou em quarto lugar em Ensino, quinto lugar em Pesquisa e Inovação. Na avaliação das dimensões Mercado e Internacionalização, ficou em décimo quarto lugar. Na avaliação por curso, todas as graduações da UFRGS foram avaliadas entre as 10 melhores do País.

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) ficou em sexagésimo oitavo lugar na dimensão Ensino; na Quinquagésima segunda posição na dimensão Internacionalização; na quadragésima oitava posição na dimensão Mercado; e na quadragésima segunda posição na dimensão Pesquisa. O destaque ficou para a dimensão Inovação, na décima quinta posição. Nos cursos, os destaques ficaram O curso de Filosofia, na décima oitava posição e o curso de Computação, na vigésima primeira posição.

Em relação as dimensões avaliadas na UFSC, Pesquisa e Inovação, ficaram na oitava posição, Internacionalização ficou na décima primeira posição e Mercado ficou na vigésima segunda posição. A melhor colocação ficou para a dimensão Ensino, na sexta colocação. A UFSC teve trinta e seis cursos avaliados.

Considerando-se a avaliação nas dimensões, a UFSM ficou na décima quarta posição em Ensino, na décima oitava posição em Pesquisa, na vigésima posição em Inovação, na trigésima sétima posição em Internacionalização e na quadragésima oitava posição em Mercado.

As melhores classificações da UFV foram na dimensão Ensino, décimo segundo lugar, em Pesquisa, décimo terceiro lugar e em Inovação, décimo quarto lugar. Na avaliação da graduação, o curso de Agronomia, mais uma vez, foi considerado o melhor do país. Também se destacaram os cursos de Medicina Veterinária em quarto lugar, Nutrição em oitavo lugar e Engenharia Ambiental em nono lugar.

O melhor desempenho da Universidade de Brasília (UnB) foi na dimensão Ensino, na quinta posição. Em Inovação ficou na décima posição. Nas dimensões Mercado e Internacionalização, a universidade ganhou duas posições. Em relação à avaliação dos cursos da UnB entre as instituições federais participantes, 21 deles ocupam as cinco primeiras posições. Já na posição geral do RUF, o curso mais bem avaliado da UnB é o de Relações Internacionais, na quarta posição, seguido de Fisioterapia e Psicologia, na quinta posição, Biologia, Direito, Nutrição, Ciências Contábeis e Serviço Social na sexta posição.

A Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), a dimensão Pesquisa ficou na centésima vigésima quarta posição; em Ensino, na centésima sexagésima segunda posição; em Internacionalização, na centésima vigésima segunda posição; em Mercado, na centésima sexagésima nona posição. A dimensão Inovação não alcançou avaliação. A UNIFAP teve vinte e dois cursos avaliados.

A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) ficou na frente de apenas outras quatro instituições. Nas dimensões ficou nas seguintes posições: Mercado não obteve classificação; Pesquisa na centésima nonagésima segunda colocação; Internacionalização na centésima nonagésima primeira colocação; Ensino na centésima quinquagésima quinta colocação; e a dimensão mais bem colocada foi Inovação, na centésima décima terceira colocação.

Sobre as declarações de gestores com elogios, críticas e lamentos, temos vários exemplos. O Pró-Reitor de Planejamento e Administração da UFC, décima segunda colocada, destaca que "O Ranking da Folha tem evoluído, é um levantamento com maturidade e experiência. A posição da UFC em torno das 10 melhores universidades do País tem se consolidado nos últimos anos". Sobre a dimensão Internacionalização, o Pró-Reitor frisou que "A internacionalização é um vetor no qual já somos reconhecidos nas avaliações desse tipo. Antes da Pró-Reitoria já tinha uma coordenadoria que cuidava desse tema, e os professores, no dia a dia dos cursos, também já estão inseridos na lógica da internacionalização".

O Reitor, sobre a posição da UFES, vigésima oitava colocada no ranking, destacou que "[...] é nesse contexto de desenvolvimento da ciência e tecnologia no Espírito Santo que a UFES se consolida como referência".

"A UFMG, quarta colocada, se notabiliza por encarar o ensino de graduação como prioridade em sua estruturação institucional. Assim, o fato de ela ser, de maneira recorrente, a primeira colocada nesse item reflete uma política de longo prazo, que vem sendo cumprida há décadas", avalia o Pró-Reitor de Graduação, sobre a primeira colocação na dimensão Ensino.

A Reitora da UFMT, trigésima terceira colocada, destacou que "O ranking da Folha de São Paulo, demonstra que a UFMT está no caminho certo. A cada avaliação aumenta sua posição e muda, principalmente, fatores, e itens que a Universidade entende como desafio, que é o caso da inovação, da internacionalização, mantendo o

avanço do ensino”. E completa “Vemos esse indicador como uma notícia muito boa porque representa a UFMT como a terceira instituição da região Centro-Oeste, atrás apenas da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal de Goiás (UFG)”.

O Vice-Reitor da UFOPA, centésima trigésima sexta colocada, enfatizou que “o salto numérico verificado é muito significativo e expressa o resultado de esforços coletivos, impulsionados pelo apoio e pela decisão política da Administração Superior em aplicar os recursos, mesmo que insuficientes, para garantir melhoria nas atividades de ensino, extensão e pesquisa”. Ele também destacou que, “para compor este ranking, a Folha faz consulta a profissionais e empresas, fator que de alguma forma interfere no resultado de instituições como a UFOPA, ainda pouco conhecida no cenário nacional”.

De acordo com o Pró-Reitor de Ensino de Graduação da UFPA, vigésima sétima coloca, “o RUF utiliza metodologia interessante, com a busca por indicadores de qualidade diversificados, diferente da metodologia utilizada em outros classificadores, como o próprio Enade (INEP/MEC) e o Guia do Estudante, da Editora Abril”. Ainda, completa que “o resultado permite visualizar aspectos em que a Instituição pode melhorar o seu resultado”. Para o Reitor da UFPA, “os rankings de universidades têm limitações e seus resultados não são precisos; porém, no conjunto, oferecem uma referência valiosa do desenvolvimento das instituições”. E conclui que “Precisamos, agora, consolidar esses avanços e investir para que tenhamos um novo salto de qualidade no nosso desempenho acadêmico e científico”.

O Reitor avalia de maneira muito positiva o resultado obtido pela UFPE no RUF. “Retomamos a décima primeira posição, o que nos permite lutar para melhorar, mas que significa a estabilidade na pesquisa. O ranking foca a produção científica, a imagem que a Universidade tem em relação aos seus egressos e aspectos da internacionalização, que também tem a ver a com a pesquisa”. Ele se mostrou satisfeito em ver a UFPE como a melhor do Norte-Nordeste, colocação que se transforma em motivação para que “possamos melhorar, num contexto de restrição orçamentária, de dificuldades financeiras por que passa o país”.

A Vice-Reitora da UFRA reconhece a importância da pesquisa como forma de avaliação da instituição, “É excelente para a Universidade ter esse reconhecimento, e não é à toa que a gestão está trabalhando para que essas evoluções aconteçam. Estamos



felizes com o segundo lugar [na região], mas procuraremos trabalhar cada vez mais para atingirmos a excelência no ensino superior paraense”.

O Reitor da UFRJ, primeira colocada, avaliou que “Estamos muito orgulhosos com o fato de que, em meio a tantas adversidades, a comunidade da UFRJ tenha demonstrado força, determinação, consciência cívica, compromisso com os problemas do país e tenha lutado tanto para manter a instituição funcionando”. Ainda, destacou problemas como “cortes orçamentários, crise na Faperj e redução dos recursos do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações a um terço do que era há dois anos”. Também avaliou que “O ranking é um termômetro que, neste momento, afere uma tendência importante. As universidades públicas estão pulsando, trabalhando de forma intensa e, sobretudo, a crise não as está esmorecendo”. Por fim, inferiu que mesmo com a crise, a instituição mantém “vivacidade acadêmica” e “É um mérito da instituição e de seu corpo social”.

O Coordenador de Planejamento e Avaliação Acadêmica da UFS, trigésima oitava colocada, avaliou que “As universidades federais trabalham de acordo com normas estabelecidas pelo MEC. Os indicadores que são produzidos pelas universidades são enviados para o MEC, que computa uma série de indicadores em que o principal deles é o índice geral de cursos. Esse ranking da Folha é uma iniciativa bastante interessante e é bom que tenha publicações desse tipo, mas eles não são indicadores oficiais, embora eles utilizem os dados da Capes”. E concluiu que “apesar de o ranking não ser um instrumento oficial de avaliação das instituições, ele é importante”. Sobre a boa colocação dos cursos, o Coordenador do curso Filosofia ressaltou que “Isso é resultado de um trabalho duro por parte dos docentes, que têm se empenhado para aumentar a qualidade do curso”. O Coordenador do curso de Computação destacou que “Isso faz parte da dedicação dos professores e técnicos e do empenho dos estudantes”.

Para a Reitora em Exercício da UFSC, sexta colocada, “o resultado de mais esta avaliação para a UFSC reforça que a instituição vai superar este momento grave e delicado, pela sua pujança e por sua trajetória nestes 57 anos. Os fatos serão devidamente apurados. A posição que alcançamos revela a força da UFSC e o reconhecimento de sua qualidade e responsabilidade com uma gestão responsável e exemplar [...]”.

Sobre a classificação da UFV, décima terceira colocada, a Reitora avaliou que "Esse resultado se deve à melhoria das ações acadêmicas, à dedicação e compromisso de toda a comunidade universitária nos três campi, bem como ao investimento contínuo em infraestrutura".

A Diretora de Avaliação e Informações Gerenciais do Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional da UnB, nona colocada, aponta que "Iniciamos nesta gestão o Programa Avalia UnB com o objetivo de envolver a comunidade na reflexão sobre os indicadores acadêmicos e promover ações para a melhoria da qualidade institucional. Entendemos que os resultados do RUF têm demonstrado uma tendência de crescimento e apontam para o reconhecimento de que as universidades públicas têm potencial para superar as dificuldades, mesmo em contexto econômico adverso".

Para a Reitora da UNIFAP, centésima quinquagésima nona colocada, "É preciso entender que o RUF é feito com dados de dois anos atrás, então não consta, por exemplo, o registro de patentes e a qualificação dos nossos cursos de graduação. Esse processo é lento e não se reflete de maneira imediata, mas, ainda sim, a gente já acompanha que a UNIFAP vem em uma ascensão constante. Nossa expectativa é que no ano que vem, quando dados mais recentes forem levados em consideração, estar entre as cem universidades mais bem qualificadas no RUF".

Sobre a dimensão pesquisa, a Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-/graduação, informou que "Estamos em um processo de evolução ano a ano. Em 2015 estávamos na 147ª posição, em 2016 passamos para 128ª e agora somos 124ª do país no ranking. Acreditamos que a cultura da pesquisa, com crescimento da produção, recebimento de prêmios nacionais e ampliação dos projetos com financiamento externo, definitivamente já é realidade em nossa Instituição e vem se consolidando. Isso nos incentiva a continuar "uma política voltada para a pesquisa e para o pesquisador da UNIFAP, especialmente os editais de apoio que temos divulgado nos últimos anos".

Na dimensão Ensino, a Pró-Reitora explicou que "Outro elemento que reflete no ensino é a atualização dos projetos pedagógicos, em consonância com as novas diretrizes e também trazendo inovações pedagógicas. Todo esse processo de melhoria na qualidade de ensino acontece de maneira mais gradual, não se reflete de uma hora para outra".

Em Internacionalização e Mercado, a Pró-Reitora concluiu que "É preciso levar em consideração, e nisso o RUF se torna cruel com universidades que atuam em regiões como a nossa onde a industrialização é frágil, que a nossa intersecção no mercado se dá principalmente com prestadores de serviços, dentre eles o próprio estado. Temos alunos aprovados em inúmeros concursos, no entanto o RUF não considera isso como inserção no mercado, mas, em um estado como o nosso, com 70% de toda a renda movimentada por salários públicos, não considerar essa mão de obra que se emprega no serviço público e na prestação de serviços nos prejudica quando análise é feita com base no mercado".

Na UNIFESSPA, centésima nonagésima segunda colocada, uma das universidades mais jovem do país, o Reitor, comentou sobre as dimensões avaliadas. Em Pesquisa, aponta que "Quando analisamos o elemento Pesquisa - total das publicações e citações por publicações - a maioria dos nossos docentes é recém ingressa e as publicações porventura são originárias na instituição de origem. As citações ainda se referem à instituição em que fizeram o doutorado. Neste caso, esse indicador só vai subir em dois anos, quando os pesquisadores começarem a registrar ela nossa instituição",

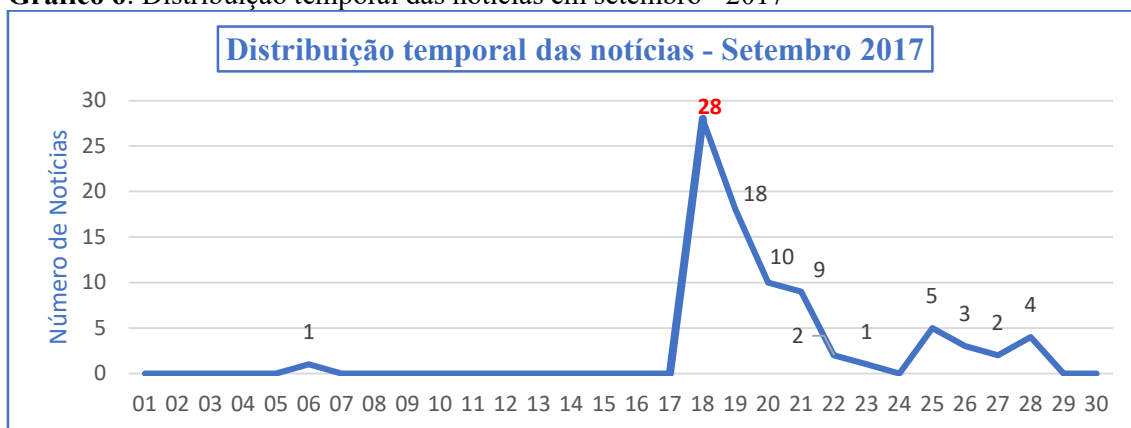
Sobre a Internacionalização, comentou que "A citação é por docente e temos de vários colegas, mas que entraram publicando pela instituição de origem no doutorado. Temos mais de 200 doutores contratados recentemente. Por honestidade, ainda terão que fazer as publicações por um tempo pela instituição de origem". Em Educação, comentou que "Neste ano, as notas dos cursos estão aumentando, nossas avaliações são recentes e estes cursos ainda não tinham avaliação. De três meses para cá [as avaliações] estão sendo feitas e a posição vai subir ainda mais rápido nesse indicador nos próximos anos".

Sobre a dimensão Mercado, que não obteve nota, o Reitor comentou que "Temos mais de 5 mil alunos ainda saindo para o mercado, estamos formando alunos. Isso com o passar do tempo, com 5 mil titulados, também vai melhorar. E finalizou "Estamos construindo uma universidade muito sólida e que vai contribuir muito para a região. Quero dizer que a nossa universidade prima pela qualidade de ensino, pesquisa e extensão. Em curto e médio prazo os indicadores vão começar a captar essas questões".

A divulgação da edição do RUF de 2017 ocorreu em 18 de setembro. Conforme apresentado no Gráfico 6, os três primeiros dias após a divulgação concentraram a maior quantidade de notícias tanto nos sítios noticiosos, quanto nos sítios da IFES, sendo que no dia da publicação ocorreu o pico com 28 notícias, do total de 128. A divulgação dos vestibulares nas instituições particulares foi a responsável por um novo pico de notícias ocorrido entre outubro e novembro.

A utilização de informações do RUF para a divulgação dos vestibulares das particulares indica que é necessário acrescentar um novo ator interessado nos rankings: gestores das instituições particulares.

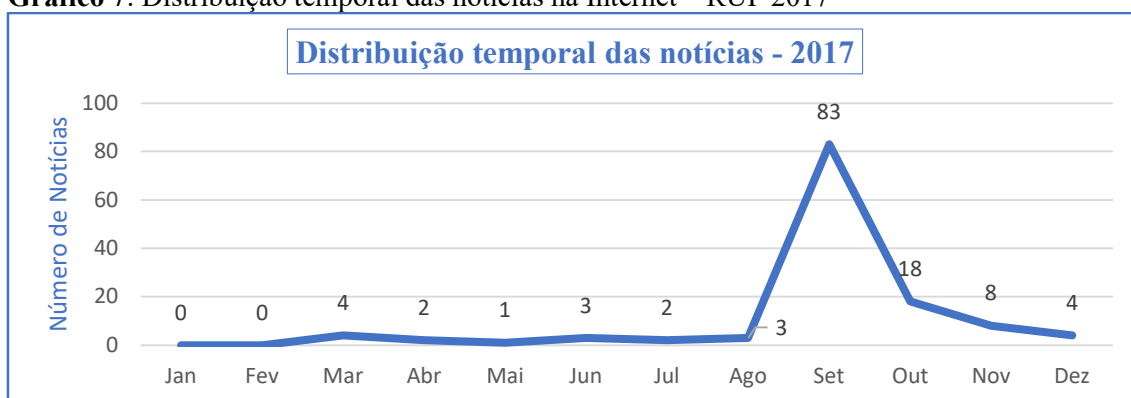
**Gráfico 6:** Distribuição temporal das notícias em setembro - 2017



**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

O Gráfico 7 apresenta a distribuição das notícias durante o ano de 2017.

**Gráfico 7:** Distribuição temporal das notícias na Internet – RUF 2017



**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

## RUF 2018

Para a pesquisa em busca de notícias referentes à divulgação do resultado do ranking RUF em 2018, foi utilizada no Google a expressão de busca “ranking

universitário Folha 2018” posteriormente filtrada na aba Ferramenta: pesquisar páginas em português; e período personalizado: 01/01/2018 a 31/12/2018. Esta busca teve o objetivo de levantar todas as notícias referentes ao RUF veiculadas em sítios do Brasil em 2018, e retornou 150 links.

Das 150 notícias retornadas na busca, 33 eram notícias sobre o ranking, mas sem referências diretas a alguma instituição. As 117 notícias com referências diretas a alguma instituição, estavam divididas conforme apresentado no Gráfico 8, 35,9% eram referentes às IFES; as notícias sobre as universidades estaduais de São Paulo foram somente 2,6%; e a maioria absoluta das notícias fazia referência às instituições particulares, às municipais e às outras estaduais, com 61,5% do total das notícias. O gráfico também representa a proporcionalidade entre o número de instituições.

**Gráfico 8:** Total de notícias prospectadas no Google 2018



**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

Na parte qualitativa, uma primeira análise sobre os resultados da busca, considerando-se apenas as públicas federais, mostrou que apenas 25 das 65 IFES repercutiram, em seus próprios sítios, ou foram citados por agências de notícias, os resultados do RUF. Esse resultado indica que 62% das IFES não entendem os rankings como uma oportunidade de divulgar as suas respectivas instituições, ou seja, não utilizam os rankings como uma forma de marketing de oportunidade ou como forma de expressar as suas ações.

Entre as IFES em que os seus gestores repercutiram os resultados do RUF em seus sítios ou em portais de notícias é possível destacar dois tipos de manifestação: as

instituições que, independentemente da classificação geral no ranking, reportam algum destaque, seja na região ou pelo tamanho da instituição; e as instituições que destacam seus cursos e/ou o desempenho isolado de alguma dimensão ou indicador que compõem o RUF.

Na primeira modalidade temos a Universidade Federal do Ceará (UFC) é a segunda melhor da região Norte/Nordeste. A Universidade Federal de Sergipe (UFS), manteve a sexta posição entre as universidades do Nordeste.

A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) é a terceira melhor universidade do Estado de Minas Gerais. A Universidade Federal de Lavras (UFLA) é a quinta colocada do Estado de Minas Gerais. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apesar de ser a sexta colocada no Brasil, destacou que é a quarta entre as federais e a segunda colocada da região Sul.

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) ocupa a terceira colocação no Estado do Rio Grande do Sul e é a décima nona colocada entre as instituições públicas. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é a única da região Norte/Nordeste a figurar entre as dez mais bem colocadas. A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) é a segunda melhor instituição da região Norte.

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) é a melhor universidade do Estado pelo sétimo ano consecutivo. A Universidade Federal do Maranhão (UFMA) é a melhor instituição do Estado do Maranhão pela terceira vez consecutiva.

A Universidade Federal de Goiás (UFG) é a primeira colocada no Estado de Goiás, bem à frente das demais universidades do Estado. A Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) ocupar a décima primeira posição dentre as 23 instituições públicas do Estado de Minas Gerais.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é a melhor universidade da região Norte entre as instituições de porte médio e a sétima do país, nesta categoria. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) é a quarta melhor de toda a região Nordeste.

Na segunda modalidade, onde o destaque é o desempenho de algum curso da instituição e/ou o desempenho isolado de alguma dimensão ou indicador que compõem o RUF, aparecem tanto as pequenas quanto as grandes instituições.

Nesta categoria, na UFAM também merece destaque o curso de Computação, décimo oitavo colocado na área. Na modalidade Inovação, a UFAM ocupa a trigésima sétima posição. Na UFPR, dos 37 cursos avaliados da instituição, 34 ocupam o primeiro lugar de qualidade do Estado e 23 estão entre os dez melhores do Brasil.

A UFC destaca que é a primeira na dimensão Pesquisa na região Norte/Nordeste. Também, oito cursos da instituição figuram entre os dez melhores do país, sendo que os destaques foram o curso de Modas, o segundo mais bem avaliado, o curso de Enfermagem, o nono mais bem avaliado.

A UFJF comemora a oitava posição na dimensão Internacionalização. Também, destaca que dos 33 cursos da instituição que foram avaliados, 17 subiram de posição, com destaque para o curso de Pedagogia que está na décima segunda posição e para o curso de Filosofia que melhorou 33 posições.

A UFLA obteve melhorias nas posições de quatro dimensões: Pesquisa; Inovação; Ensino; e Internacionalização. Também ocupa, dentro do estado, a terceira posição na dimensão de Pesquisa; a terceira posição na dimensão Ensino; a quarta posição na dimensão Inovação e a sétima posição na dimensão Internacionalização.

A UFSM destacou o fato de 17 cursos de a instituição terem subido de posição, sendo que seis cursos ficam entre os vinte melhores em suas respectivas áreas, com destaque para o curso de Agronomia, que ficou na quinta posição no país e o curso de Nutrição, que é o segundo do Rio Grande do Sul e o décimo sétimo do país.

Em relação aos cursos da UFPE, 14 estão entre os dez melhores do país, ou seja, 40% dos 35 cursos da instituição que foram avaliados. A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) aponta que é digno de nota o fato de aparecer na décima sexta posição na dimensão Inovação. Também destaca o fato de a instituição ter subido seis posições no ranking nos últimos anos.

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a presença de 24 cursos da entre os três primeiros colocados em suas respectivas áreas. Também foram destaque as boas classificações nas dimensões Mercado, segunda colocação; Inovação, quarta colocação; Internacionalização, sexta colocação; e Pesquisa, sétima colocação.

A UFMA teve 29 cursos avaliados, sendo que 26 deles foram os melhores do Estado. Ainda, as dimensões Internacionalização e Inovação, ganharam posições em

relação ao ano anterior. A UFG destaca que os cursos mais bem colocados no ranking são Agronomia, Enfermagem e Medicina Veterinária, sem, no entanto, informar a posição de cada curso.

A UFCG informa que 27 dos cursos da instituição estão entre os 100 mais bem colocados do país. Aponta também que nove cursos estão entre os 50 melhores de suas áreas, com destaque para os cursos Física, Filosofia e Medicina Veterinária.

A UNIFAL registra as posições nas cinco Dimensões: Ensino, Pesquisa, Inovação, Mercado e Internacionalização. Na avaliação dos cursos da instituição, os destaques ficaram com o curso de Farmácia, no décimo segundo lugar e o curso de Fisioterapia, na trigésima segunda posição.

Os cursos do Instituto de Matemática (bacharelado e licenciatura) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) avançam no ranking e ocupam a quadragésima segunda posição. A Universidade Federal de Viçosa (UFV) recebe com imensa alegria a notícia de que o seu curso de Agronomia é, novamente, o primeiro colocado do Brasil.

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) encontram-se bem classificados os cursos de Arquitetura, Comunicação e Administração. A Universidade Federal do Piauí (UFPI) avançou quatro posições no ranking graças a boa atuação na Dimensão Mercado, com a trigésima segunda posição.

Na Universidade Federal do Tocantins (UFT) o destaque é o curso de Agronomia que foi o mais bem colocado nas regiões Norte/Nordeste. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) destacou o curso de Fisioterapia, sétimo colocado do país e quarto colocado, se for considerada apenas a região Sudeste.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) destacou que cinco dos seus cursos estão entre os vinte melhores do Brasil em suas áreas: Engenharia Elétrica, Agronomia, Engenharia de Controle e Automação, Computação e Engenharia de produção.

Sobre as declarações de gestores com elogios, críticas e lamentos, temos vários exemplos. Na Universidade de Brasília (UnB), nona colocada, a diretora do Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional destacou sobre a categoria Pesquisa, que “a maioria dos rankings coloca um grande peso nesse aspecto, porque as



organizações avaliadoras consideram que, se existe pesquisa de ponta, isso acaba se refletindo no ensino”. Ainda, sobre a queda na categoria Inovação, aponta que “as universidades federais, de maneira geral, têm dificuldades para registrar patentes, devido à burocracia envolvida no processo. Faltam incentivos institucionais no país para a inovação”. De toda forma, a reitora destacou que “os rankings, nacionais e internacionais, apresentam visões sobre o desempenho das universidades. Nos ajudam a acompanhar a nossa evolução de acordo com os critérios que cada um mede. Também pontuou que “a comunidade está de parabéns por mais este resultado. Fazemos muito mais e temos muito a avançar”.

Na UFC, décima segunda colocada, o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, apontou que “a participação no PRINT será fundamental para o avanço no número de publicações com parceiros internacionais, um dos itens mensurados na dimensão da internacionalização”. Ainda, “continuamos sendo a primeira universidade do Norte/Nordeste na categoria Pesquisa. Esse fato coaduna com o avanço na pós-graduação, com o aumento do número de bolsistas de produtividade”. Para o Reitor, “é grande a satisfação de ver a UFC consolidada entre as melhores universidades do País, com destaque para os cursos de Design-Moda e Design, os melhores do Norte-Nordeste”.

O Pró-Reitor de Graduação da UFS, trigésima oitava colocada, avalia que, “[...] não ter tido uma queda brusca no ranking, no contexto em que estamos vivendo, já é uma ótima notícia”, mas sobre a metodologia do RUF aponta que se “o melhor curso de Direito do Brasil, pela ordem que normatiza a ação profissional dos advogados, é considerado pela performance dos alunos, [e] esse mesmo curso está em 50º lugar, conforme os critérios da Folha. Isso nos revela que o ranking da Folha precisa, sempre, ser relativizado e, em alguns casos, necessita de uma análise cuidadosa”. O Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, explica que “se você olha para o cenário atual de cortes reais para a ciência e tecnologia, que estão acontecendo nos últimos três anos, a posição da UFS em 38º é muito importante, porque ela ficou na frente de várias instituições que tiveram muito mais aporte de recursos. [...] Isso mostra que a UFS consegue fazer muito com pouco recurso por possuir um caráter empreendedor”. Por fim, salienta que “este resultado não é surpreendente. Há muito trabalho e muita dedicação para que a universidade continue sendo competitiva, inclusiva, socialmente justa e de qualidade”.

Para a de Relações Internacionais da UFJF, vigésima terceira colocada, o sucesso na categoria Internacionalização está relacionado “aos projetos todos de parceria que têm aberto as portas da UFJF para professores estrangeiros, por meio de editais e a todos os programas de internacionalização que incentivam os professores e pesquisadores a colaborar com parceiros de fora do país”. Ainda sobre a internacionalização, desta o “lançamento de edital de revisão de artigos em inglês, espanhol, alemão e francês”. Por meio do edital, a UFJF terá condições de oferecer revisão de textos escritos em língua estrangeira, para que eles sejam enviados às publicações. Isso vai aumentar o número de publicações no exterior”.

O Reitor da UFLA, vigésima nona colocada, avalia que “as classificações situam a UFLA entre instituições de ensino superior de grande porte, localizadas nas principais regiões metropolitanas do país. Este é um feito enorme para uma instituição de porte médio do interior, que só atesta o compromisso e a seriedade com que realizamos nosso trabalho”.

Na UFSC, sexta colocada, o Reitor destacou que “mais uma vez a UFSC demonstra sua capacidade de superar os desafios que lhe são impostos todos os dias. Mesmo com redução de recursos, com ameaças à autonomia, com crises criadas de fora para dentro, a cada nova avaliação, a instituição mantém e amplia sua importância. Isso revela a força da comunidade de docentes, técnicos e estudantes e seriedade de uma gestão responsável”.

Para o Coordenador de Planejamento Informacional da Pró-Reitoria de Planejamento da UFSM, vigésima primeira colocada, “a posição da UFSM no ranking reflete as mudanças na metodologia de avaliação utilizada pela Folha de São Paulo, principalmente nos itens Internacionalização e Inovação”, comentando sobre o recuo de quatro posições no ranking. Por sua vez, a Coordenadora do curso de Nutrição, do Campus Palmeira das Missões, comemora a boa classificação do curso e pontua “que a classificação do Curso de Nutrição como o 2º melhor do estado pode estar associada ao Projeto Pedagógico do nosso curso que oportuniza ao nosso aluno uma intensa vivência em aulas práticas. Além disso, o Curso de Nutrição da UFSM conta com excelentes laboratórios e um corpo docente super qualificado”.

O Reitor da UFPE, décima colocada, afirma que “em meio a um cenário de grandes dificuldades financeiras nos últimos anos, nosso corpo docente e técnico tem

trabalhado intensamente para estarmos entre as dez melhores do Brasil”. Por sua vez, a Diretora da Avaliação Institucional explica que “a UFPE manteve a posição nas categorias de Pesquisa (17º) e Mercado (9º), perdeu uma posição em Ensino (12º) e ganhou três posições em Internacionalização (23º) e duas em Inovação (9º)”, sobre o resultado da instituição no ranking.

Na UFMG, terceira colocada, a Reitora comenta que "é uma satisfação constatar que estamos aparecendo sistematicamente bem posicionados nesse levantamento. Ele confirma o cuidado especial que temos com o ensino de graduação". Também afirma que rankings proporcionam "reconhecimento e visibilidade", mas ressalva que a "missão da UFMG não é balizada por eles". Completa afirmando que "vale registrar ainda que os rankings não medem outras dimensões, como o impacto social da atuação da universidade. O RUF e as autoavaliações indicam que estamos no caminho certo como instituição de qualidade, de referência e relevante para o país". Os cursos de graduação também foram destacados pela Reitora, "isso mostra a qualidade homogênea de nossa graduação e a sua distribuição uniforme pelas diversas áreas do conhecimento".

Para o Procurador Institucional da UFMA, quinquagésima oitava posição, e a primeira do Maranhão, “a UFMA foi melhor em cinco indicadores, ficando em uma posição muito superior à segunda colocada. Além disso, 100% dos nossos cursos estão avaliados como o melhor do estado, ou como o segundo melhor”, explicou.

O Diretor do Parque Tecnológico da UFRJ, segunda posição, aposta no que chama de “diversidade de inovação” para explicar o primeiro lugar na dimensão Inovação. Afirma que “temos atuação de excelência associadas às engenharias, mas precisamos instigar gente de todos os segmentos a criar”.

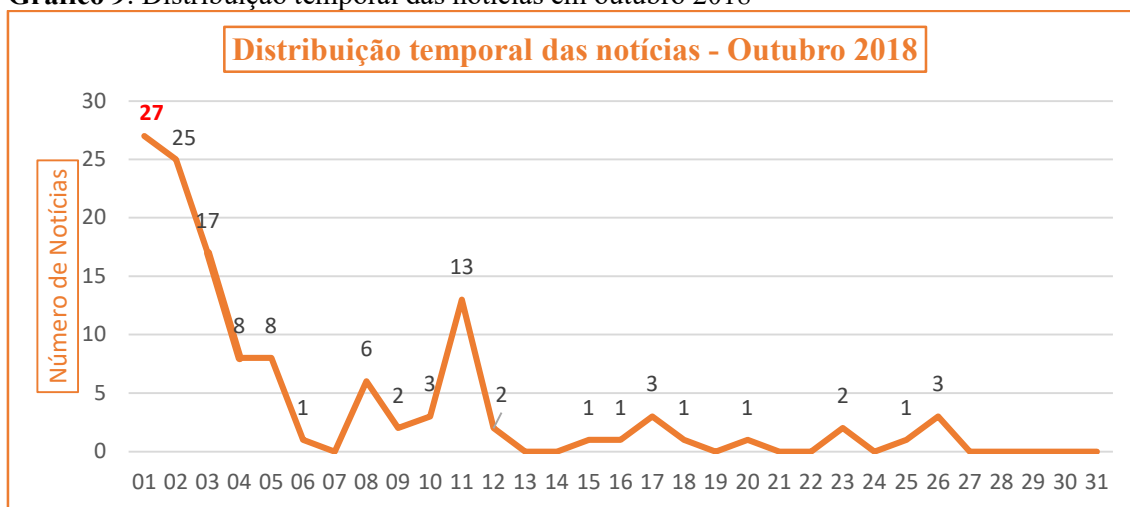
Para o Coordenador do Curso de Agronomia da UFV, décima quinta posição, a notícia do primeiro lugar obtido pelo curso “traz muito orgulho para UFV e também uma enorme responsabilidade para a comunidade acadêmica Esaviana: a de continuar na vanguarda do ensino, pesquisa e extensão na área de ciências agrárias de um país que tem o agronegócio como mola motriz da economia...”.

Na UFT, vigésima colocada, o destaque também ficou com o curso de Agronomia. O Coordenador do curso avaliou que “o esforço coletivo que vem sendo feito das gestões anteriores e a atual, do corpo docente – muito empenhado em passar o

conteúdo para os alunos por meio de aulas práticas – da estrutura da universidade, bem como às provas do Enade e o corpo técnico extremamente qualificado”. Ainda, afirmou que “todo o colegiado está empenhado em levar o curso para o cenário nacional”. O Diretor do Campus de Gurupi, também frisou o esforço coletivo declarando que “é o resultado do trabalho em ensino, pesquisa e extensão, empreendedorismo e também do reflexo do mercado”. Destaca também “o apoio da Reitoria e pró-reitorias no sentido de proporcionar as condições para as aulas práticas e também de todos os setores envolvidos, para que o ensino seja da melhor qualidade, juntamente com a pesquisa”.

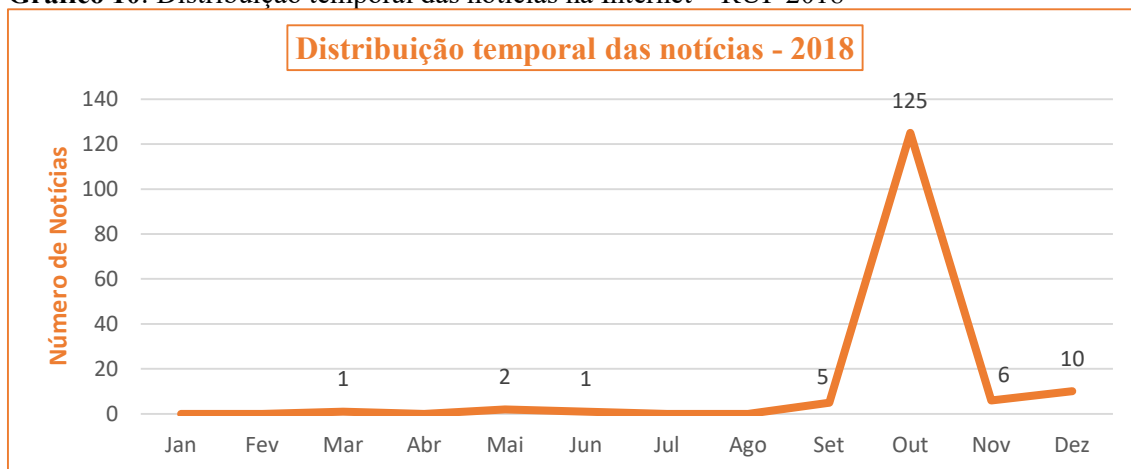
A divulgação da edição do RUF de 2018 ocorreu em 01 de outubro. Conforme apresentado no Gráfico 9, os três primeiros dias após a divulgação concentraram a maior quantidade de notícias tanto nos sítios noticiosos, quanto nos sítios da IFES, sendo que no dia da publicação ocorreu o pico com 27 notícias, do total de 150. Assim como ocorreu em 2017, a divulgação dos vestibulares nas instituições particulares provoca um crescimento no número de notícias a partir do final de outubro e entre outubro e novembro.

**Gráfico 9:** Distribuição temporal das notícias em outubro 2018



**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

O Gráfico 10 apresenta a distribuição das notícias durante o ano de 2018.

**Gráfico 10:** Distribuição temporal das notícias na Internet – RUF 2018

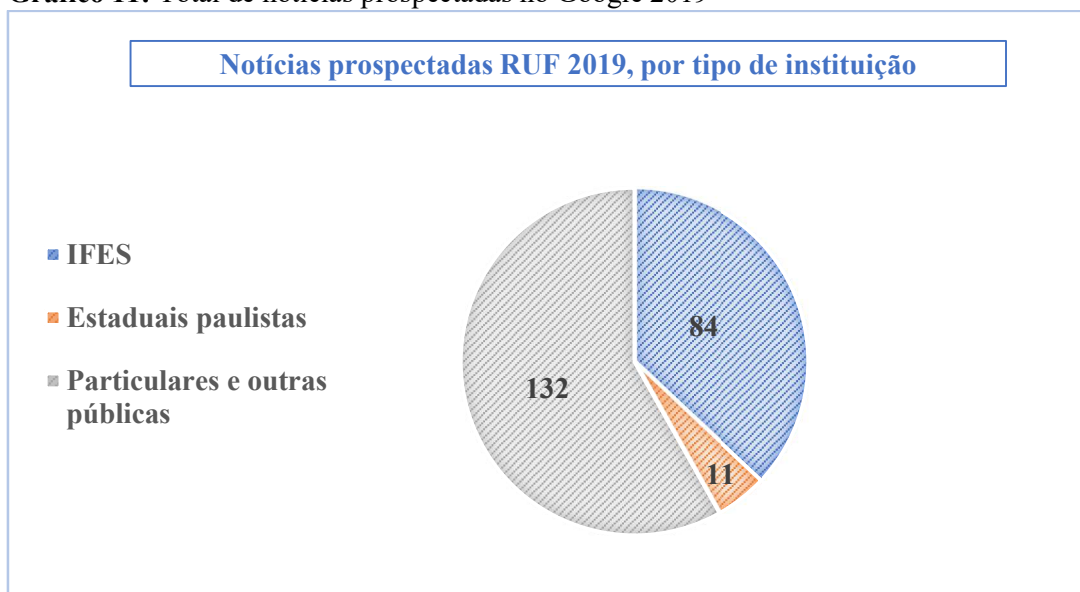
**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

## RUF 2019

Para a pesquisa em busca de notícias referentes à divulgação do resultado do ranking RUF em 2019, foi utilizada no Google a expressão de busca “ranking universitário Folha 2019” posteriormente filtrada na aba Ferramenta: pesquisar páginas em português; e período personalizado: 01/01/2019 a 31/12/2019. Esta busca teve o objetivo de levantar todas as notícias referentes ao RUF veiculadas em sítios do Brasil em 2019.

A pesquisa retornou 318 links com informações sendo que 91 faziam referências a outras edições do RUF ou de outros rankings. As 227 notícias restantes ficaram assim divididas: 28 IFES produziram ou receberam 84 notícias; do total, 11 eram notícias das estaduais paulistas; e as instituições particulares, mais municipais e outras estaduais, produziram ou receberam 132 notícias.

O Gráfico 11 apresenta a distribuição dos links que traziam notícias de instituições de ensino superior, por tipo.

**Gráfico 11:** Total de notícias prospectadas no Google 2019

**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

Uma primeira análise sobre os resultados da busca, considerando-se apenas as públicas federais, mostrou que apenas 28 das 65 IFES do Brasil repercutiram, em seus próprios sítios, os resultados do RUF. Esse resultado pode indicar que 57% das IFES não entendem os rankings como uma oportunidade de divulgar as suas respectivas instituições, ou seja, não utilizam os rankings como uma forma de marketing de oportunidade.

Entre as IFES em que os seus gestores repercutiram os resultados do RUF em seus sítios ou em portais de notícias é possível destacar dois tipos de manifestação: as instituições que, independentemente da classificação geral no ranking, reportam algum destaque, seja na região ou pelo tamanho da instituição; e as instituições que destacam seus cursos e/ou o desempenho isolado de alguma dimensão ou indicador que compõem o RUF.

Na primeira modalidade temos a UFPR que é a primeira do Estado, considerando as instituições públicas ou privadas. A UFRJ é a melhor instituição federal do país. A UFRGS é a terceira instituição federal do país. A UnB, considerando-se apenas as universidades federais, é a sexta melhor do país. A UFSM é a segunda melhor universidade pública do Rio Grande do Sul.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) é a quarta melhor universidade da região Nordeste. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), a melhor do estado e a quarta da região Centro-Oeste. A Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), a sexta mais bem colocada entre as universidades de mesmo porte no país e a décima primeira melhor de Minas Gerais.

A Universidade de Brasília (UnB), a sexta melhor, considerando-se apenas as federais. A Universidade Federal do Ceará (UFC), a melhor do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), se mantém entre as Top 5 das melhores universidades do Nordeste.

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) é quarta melhor instituição do Rio Grande do Sul. A UFMA alcançou o título de melhor universidade do Estado do Maranhão. A Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) manteve o terceiro lugar entre todas as instituições da região Centro-Oeste.

A UFS mantém a sexta posição entre as universidades do Nordeste. A UFV permanece como a segunda melhor universidade pública do país. A UFV é a segunda melhor universidade de Minas Gerais. A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) aparece em sexto lugar entre as universidades federais de Minas Gerais. A UFCG é a melhor universidade de porte médio do Nordeste e a décima primeira do país e, ainda, manteve a posição de sétima melhor do Nordeste no geral.

Na segunda modalidade, onde o destaque é o desempenho de algum curso da instituição e/ou o desempenho isolado de alguma dimensão ou indicador que compõem o RUF, aparecem tanto as pequenas quanto as grandes instituições.

Na UFMG, trinta e seis dos trinta e nove cursos avaliados figuram entre os quatro melhores do país: Ciências Contábeis, Enfermagem, Engenharia Ambiental, Propaganda e Marketing (que, na UFMG, tem o nome de Publicidade), Pedagogia e Psicologia. Também destaca a dimensão Ensino que, pela sexta vez consecutiva, é a melhor do país entre as universidades públicas e privadas, devido à alta qualificação do corpo docente da instituição. Ainda, na dimensão Mercado é a segunda, em Inovação é a quinta colocada, em Pesquisa é a sétima colocada e em Internacionalização é a décima primeira.

A UFRJ aponta a quinta colocação na dimensão Pesquisa, a quarta colocação nas dimensões Ensino, Mercado e Internacionalização, mas o destaque ficou para a dimensão Inovação, que pelo segundo ano consecutivo, ficou na primeira posição.

Na UFRGS destacou o terceiro lugar das dimensões Ensino e Pesquisa. As dimensões Internacionalização, Mercado e Inovação ficaram em décimo, décimo segundo e décimo quarto lugares, respectivamente. Em relação aos cursos, o destaque ficou para o curso de Comunicação, primeiro colocado. O curso de Design ficou em segundo lugar e os cursos de Computação e Administração ficaram com a terceira colocação.

A UFSC aponta que é a oitava colocada nas dimensões Internacionalização, Ensino e Pesquisa; é a décima sexta na dimensão Inovação e a vigésima quinta na dimensão Mercado.

A UFES destaca as boas colocações dos cursos Engenharia Civil, Engenharia Ambiental, Engenharia Elétrica e Engenharia Física, todos entre os vinte melhores do país em suas respectivas áreas. Também destaca que subiu quatro posições na dimensão Inovação e agora ocupa a décima segunda posição. Na dimensão Ensino, ficou na quadragésima terceira posição, em Mercado, vigésima nona posição, em Pesquisa, trigésima posição e em Internacionalização, trigésima quinta posição.

A UFC deu um salto em duas das dimensões avaliadas: em Inovação ganhou sete posições ficando em vigésimo oitavo lugar, mas o destaque é a Internacionalização, dimensão em que ganhou 15 posições, ficando em sétimo lugar. Na dimensão Pesquisa é a décima do país, mas é a melhor se considerada as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Em relação à avaliação dos cursos, a UFC destaca que sete cursos da instituição estão entre os dez melhores do país, com destaque para o curso de Design-Moda, mais uma vez o segundo melhor entre os 52 analisados. Também no top 10 estão dos cursos de Engenharia Química, Física, Engenharia Ambiental, Química, Ciências Contábeis e Design.

Em relação à avaliação dos cursos, a UnB tem 22 cursos as dez primeiras posições, com destaque para os cursos de Relações Internacionais, na segunda posição, Psicologia e Pedagogia, na terceira posição, Direito, na quarta posição e Arquitetura e Urbanismo, na quinta posição.



UFSM destaca a boa colocação na dimensão Ensino, onde aparece na décima quinta posição. Em relação aos cursos, os destaques ficaram para Agronomia, quinta colocação, Medicina Veterinária e Zootecnia, ambos na sexta colocação e Engenharia Sanitária e Ambiental, na décima posição.

Na UFPel, os melhores resultados ocorreram nas dimensões Pesquisa, na décima quinta posição no país e segunda no Estado, e em Ensino, onde ficou na vigésima quarta posição no país, mas em terceiro no Estado. Em Internacionalização ficou na trigésima primeira posição, em Inovação ficou na quadragésima posição e em Mercado, pior desempenho, ficou na centésima trigésima oitava posição.

No caso da UFPE, o destaque é a dimensão Mercado, na sétima posição. Nas demais dimensões, a instituição ficou na décima segunda em Ensino, na décima terceira posição em Inovação, na décima sétima posição em Pesquisa e na vigésima terceira posição em Internacionalização. Na UFPE, dos 31 cursos avaliados, quatorze figuram em posição top 10 do Brasil, com destaque para os cursos de Turismo, terceiro melhor do Brasil, Serviço Social, quarta colocação, Ciência/Sistemas de Informação/Engenharia da Computação, quinta colocação, Biomedicina, sexta colocação e Direito na sétima colocação.

A UFMA aponta que o investimento nas ações de internacionalização e o incentivo à produção científica refletiram no crescimento das dimensões Internacionalização e Pesquisa. Também informa que das 40 carreiras analisadas no RUF, a UFMA oferta 31 e, em 30 delas é a melhor do Estado.

Os melhores desempenhos da UFG foram registrados nas dimensões Pesquisa e Ensino. Dos cursos da instituição, quinze estão classificados entre os vinte melhores do país, com destaque para o curso de Agronomia, na décima posição.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) informa que suas melhores colocações foram na dimensão Inovação, na vigésima terceira colocação e na dimensão Ensino, na trigésima primeira colocação. Também foram destaques no ranking alguns cursos de graduação, dos 20 avaliados. O curso de Engenharia de Controle e Automação ficou no décimo lugar, Engenharia Elétrica em décimo primeiro, Computação em décimo quarto, Agronomia em décimo sexto, Engenharia de Produção em vigésimo primeiro, Engenharia Mecânica em vigésimo terceiro e Zootecnia em vigésimo quarto.

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMT) informa que teve melhora na pontuação de três dimensões: Inovação; Internacionalização; e Pesquisa.

A UFSCar destaca o curso de Engenharia Elétrica que é o nono do Brasil. Dentre os vinte e cinco cursos avaliados da UFOP, os destaques são os cursos de Farmácia em nono lugar, e de Nutrição e Engenharia Ambiental, ambos em décimo nono lugar. A UFMT teve avanços nas dimensões Pesquisa e Inovação. Em relação aos 33 cursos avaliados da UFMT, quinze subiram de posição e outros dois cursos mantiveram a posição em relação ao ano anterior.

Entre as cinco dimensões avaliadas, a de Inovação foi o destaque da UFS, que subiu 23 posições. Em Pesquisa, ficou em trigésimo oitavo, em Mercado ficou em quadragésimo no, em Internacionalização ficou em quinquagésimo segundo, e em Ensino ficou em sexagésimo sétimo lugar. Dos 37 cursos avaliados da UFS, seis ficaram entre os trinta mais bem colocados.

A UFRN aponta que na dimensão Internacionalização é a décima oitava em âmbito nacional e a segunda na região Nordeste. Em Mercado, subiu três posições atingindo a vigésima nona colocação. Na avaliação dos cursos, Serviço Social e Fisioterapia aparecem na décima segunda e nona posição, respectivamente.

A UFPR ocupa boas posições em todas as dimensões, alcançando a nona posição em Ensino, a décima segunda em Pesquisa e Mercado, e a vigésima nona em Internacionalização. Mas o destaque fica para a dimensão Inovação, que alcançou o terceiro lugar.

Nas dimensões, a UFV obteve destaque em Inovação, no quarto lugar, Ensino no décimo primeiro lugar, e Pesquisa em décimo quarto lugar. A dimensão Mercado saltou duas posições e ficou em quinquagésimo sexto lugar. No quesito mercado, ela saltou do 59º lugar para o 56º. Sobre os cursos da UFV, dos 28 avaliados, treze ficaram entre os “Top 20” do país. Os destaques ficaram para Agronomia na segunda posição, Zootecnia na terceira posição, Medicina Veterinária na quarta posição, Nutrição na quinta posição, e Educação Física na oitava posição.

Nas dimensões avaliadas, a UNIFAL-MG alcançou a quinquagésima quarta posição em Ensino e Pesquisa, a centésima quinquagésima terceira posição em Mercado, a centésima posição em Inovação e a centésima quarta posição em

Internacionalização. Dos cursos avaliados, dois cursos da instituição ficaram entre os 30 melhores do país: Farmácia, na décima sétima colocação, e Odontologia, na trigésima colocação.

Dos 31 cursos avaliados na UFCG, 26 estão entre os 100 melhores na sua área no país. Ciências da Computação, na décima terceira posição e Engenharia Elétrica, na décima segunda posição configuram entre os quinze melhores do Brasil. Além deles, outros oito cursos que estão entre os cinquenta melhores.

Dos 125 cursos da UFPB, foram avaliados 36. Os principais destaques no cenário nacional são os cursos de Relações Internacionais na décima quarta posição, Turismo na décima quinta posição e História na vigésima terceira posição.

Sobre as declarações de gestores com elogios, críticas e lamentos, temos vários exemplos. O Reitor da UFC, décima primeira colocada, analisou o resultado do ranking. “Mostra-se claramente que a UFC está no caminho certo. Evoluímos notadamente no que é fundamental, no que é a marca da nova UFC. É por isso que estamos criando a Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional, que terá como prioridade o empreendedorismo, a internacionalização e a inovação. A UFC, cada vez mais, consolida sua posição. E vamos evoluir. Vamos competir com as universidades do Sul e Sudeste, porque temos um corpo docente, discente e técnico-administrativo que nos autoriza essa projeção”, afirmou.

Sobre os cursos da UFC, a Coordenadora do curso Design-Moda comentou que “o ponto principal é a possibilidade de abordarmos temas sociais, culturais e políticos do ponto de vista da moda, pois a moda está inserida em um contexto mais amplo, não é apenas uma questão estética. Então nossos alunos desenvolvem essa visão crítica”. O Coordenador do curso de Engenharia Ambiental declarou que “...ponto importante é que tentamos acolher os alunos da melhor forma possível, até para que eles possam se comunicar e se expressar melhor, algo que muitas vezes é um problema nos cursos de Engenharia” e completa “Nos enche de orgulho saber que estamos formando muito bem os nossos alunos. Além do reconhecimento do ENADE, tivemos agora também esse reconhecimento do RUF”.

A Secretária de Avaliação Institucional da UFES, vigésima sétima colocada, sobre o resultado da instituição, enfatiza que “a gente corta o ar-condicionado (medida anunciada pela UFES após o corte de verba do Ministério da Educação), mas não

deixamos de investir no tripé que baseia a universidade, que é o ensino, a pesquisa e a extensão”.

O Secretário de Internacionalização da UFRN avalia que o resultado é bom, mas critica os critérios utilizados no ranking para dimensão Internacionalização. “No caso da internacionalização, a lista se baseia apenas no número de citações internacionais por docente e no número de publicações em coautoria internacional, enquanto outros levantamentos consideram o número de alunos e professores estrangeiros, além do relacionamento com outras instituições”.

A UFMG, quarta colocada, comemorou o resultado do ranking. A Reitora avaliou que “Esse resultado é motivo de muita satisfação, pois mostra que estamos cumprindo bem a nossa missão”, e completa, “Trabalhamos, sim, para continuarmos sendo cada vez mais referência em ensino, pesquisa e extensão”.

Na UFRJ, terceira colocada, onde o destaque ficou para a dimensão Inovação, a Pró-Reitora de Pesquisa afirmou que “A história da inovação na UFRJ confunde-se com a própria história da Universidade. Atualmente, contamos com um Parque Tecnológico – referenciado como um dos melhores do mundo – uma incubadora de empresas, uma incubadora tecnológica de cooperativas populares, uma agência de inovação (Núcleo de Inovação Tecnológica e Social) e diversas outras microestruturas, tais como os laboratórios de pesquisa e as atividades de fomento à inovação e ao empreendedorismo hospedadas nas unidades acadêmicas e que possuem efetiva interação com o mercado e a sociedade. Essas ações refletem os elevados índices obtidos no ranking de inovação” e completa “A UFRJ constituiu um comitê de inovação, com professores e funcionários especialistas nessa área, oriundos de diferentes campos do saber, com o propósito de construir a política de inovação da UFRJ em conformidade com o Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação. Iremos fomentar e organizar atividades de inovação e empreendedorismo e estimular a criação de novas estruturas dentro do ecossistema, assim como dar suporte técnico-científico às decisões da Agência de Inovação”. Para a Reitora, com o resultado do ranking, “A UFRJ continua entre as melhores instituições de ensino superior do país. Somos a instituição mais inovadora, o que muito nos orgulha. A UFRJ atua com excelência na transformação da sociedade brasileira, rompendo barreiras e contribuindo para diminuir a desigualdade social”, porém, afirma que “Precisamos melhorar na área de ensino, pesquisa e internacionalização para retornarmos ao primeiro lugar. Vamos avançar!”.

Em relação ao resultado do ranking, para o Vice-Reitor da UnB, nona colocada, “Este é mais um motivo para nos orgulharmos da UnB, tanto nós, docentes, estudantes e técnicos, quanto a sociedade brasileira”, e completa comentando que “O RUF é o ranking nacional mais importante do país e, ao lado das avaliações oficiais do Ministério da Educação, ajuda a atestar a qualidade de nosso ensino, pesquisa e extensão”. Comentando o impacto do ranking, a Diretora de Avaliação e Informações Gerenciais do Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional destacou que o “Nosso desempenho no RUF relaciona-se com o resultado em Pesquisa, já evidenciado em outros rankings. Ganhamos três posições nesse quesito, principalmente em relação ao volume e impacto de nossas pesquisas no Brasil e no exterior”.

Para o Vice-Reitor da UFSM, décima quinta colocada, a classificação “[...] se deve ao trabalho dos docentes, técnico-administrativos em educação e, principalmente, à dedicação dos estudantes, que fazem a diferença e contribuem com o crescimento da universidade e com a constante melhora da posição em rankings nacionais e internacionais”.

A UFPE, décima colocada, nas palavras do Reitor ressaltou que “mesmo com os cortes, a Universidade se manteve bem avaliada em razão do reposicionamento de gestão diante do quadro financeiro e da qualidade dos seus profissionais”.

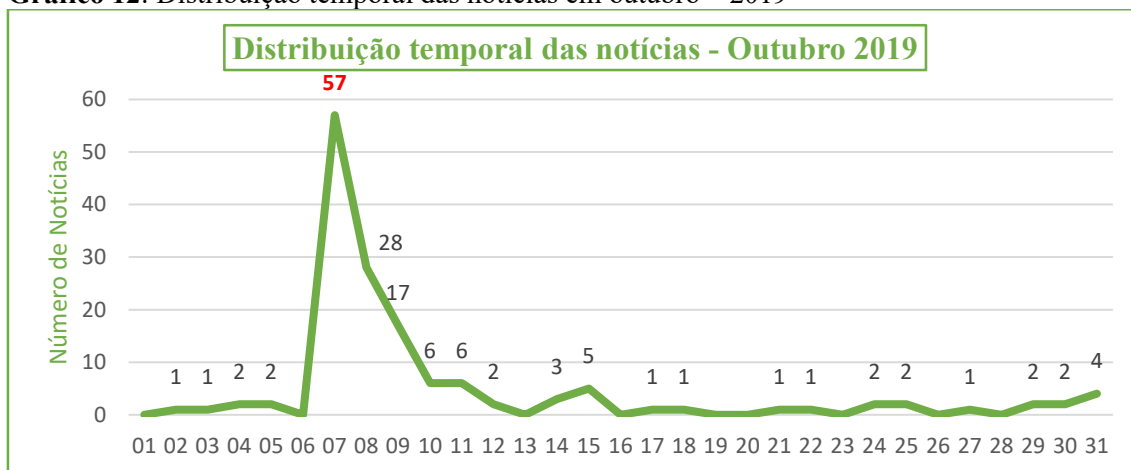
O Procurador Institucional da UFMA, quinquagésima primeira, declara que “O RUF é um indicador importante para a Universidade, uma oportunidade de comemorarmos os resultados positivos, mas, também, de analisarmos nossas fragilidades, propondo políticas e estratégias para superá-las, desafios que fazem parte da sistemática da UFMA”. Por sua vez, a Pró-Reitora de Ensino, aponta que “análises avaliativas como o RUF abrangem a complexidade da universidade e servem como bússola, que, no caso da UFMA, tem indicado que estamos, degrau a degrau, aperfeiçoando processos e direcionando eficazmente nossas práticas educativas”.

O Reitor da UFV, décima quinta colocada, avalia que “os indicadores ajudam a UFV a planejar possíveis melhorias e aperfeiçoamentos, visto que o cenário de dificuldades deve ser enfrentado, para que a Universidade possa cumprir suas missões perante a sociedade”.

A divulgação da edição do RUF de 2019 ocorreu em 07 de outubro. Conforme apresentado no Gráfico 12, os três primeiros dias após a divulgação concentraram a

maior quantidade de notícias tanto nos sítios noticiosos, quanto nos sítios da IFES, sendo que no dia da publicação ocorreu o pico com 57 notícias, das 147 do mês de outubro. Assim como ocorreu em 2017 e 2018, a divulgação dos vestibulares nas instituições particulares provoca um crescimento no número de notícias a partir do final de outubro e entre outubro e novembro.

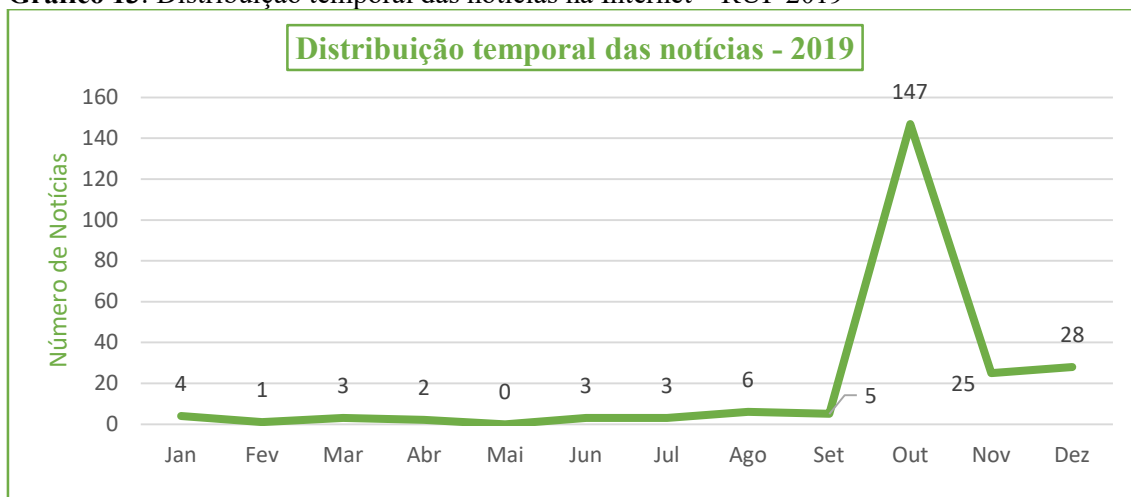
**Gráfico 12:** Distribuição temporal das notícias em outubro – 2019



**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

O Gráfico 13 apresenta a distribuição das notícias durante o ano de 2019.

**Gráfico 13:** Distribuição temporal das notícias na Internet – RUF 2019



**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

Um resumo das manifestações recolhidas na internet a respeito da divulgação do RUF no período compreendido entre 2017 e 2019 é apresentado na Tabela 8.

**Tabela 8:** Resumo das manifestações das IFES

TIPO	2017	2018	2019	Totais
Desempenho Regional	17	14	18	49
Desempenho de Curso e/ou Dimensão	22	19	23	64

Declarações de representantes das IFES	15	11	9	35
<b>Totais de manifestações</b>	<b>54</b>	<b>44</b>	<b>50</b>	<b>148</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

Ocorreram 49 registros destacando o desempenho regional das instituições, independentemente do posicionamento geral no ranking. Ocorreram outros 64 registros destacando o bom desempenho em algumas das cinco dimensões ou da boa posição de algum curso da instituição. No entanto, ocorreram poucas declarações vindas de gestores das IFES sejam nas figuras de reitores, pró-reitores, coordenadores de cursos, diretores, entre outros, foram 35 manifestações abordando algum aspecto do ranking.

A Tabela 9 apresenta um resumo dos tipos de declarações manifestadas pelos gestores e outros representantes das IFES.

**Tabela 9:** Resumo das declarações dos gestores das IFES

<b>TIPO</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>Totais</b>
Crítica ao Ranking	1	-	-	1
Crítica à Metodologia / Dimensões	4	3	-	7
Elogio ao Ranking	11	6	8	25
Elogio à Metodologia / Dimensões	8	9	4	21
Referência ao Planejamento	5	1	5	11
<b>Total de Declarações</b>	<b>29</b>	<b>19</b>	<b>17</b>	<b>65</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

No período analisado, entre 2017 e 2019, ocorreram 65 manifestações das IFES. A Tabela 9, detalha o tipo de manifestação apresentada pelos gestores das IFES, é importante destacar a ocorrência de uma única crítica direta ao ranking e mais sete registros criticando algum aspecto da metodologia ou de alguma das cinco dimensões que fazem a classificação geral do ranking.

Se ocorreram poucas críticas, por outro lado, foram 25 ocorrências com elogios diretos ao ranking e mais 21 elogios à abrangência metodológica ou à escolha das dimensões do ranking. Por fim, apenas 11 declarações, ou seja, 17% do total faziam referência a ações estratégicas diretamente voltadas ao desempenho no ranking ou que utilizam o resultado do ranking como forma de planejar as ações da instituição.

De modo geral, a pouca repercussão para a maioria das IFES é um sintoma de que os gestores destas instituições não estão atentos ao fato de que os rankings podem se tornar um subsídio para a inteligência organizacional. Através das declarações dos gestores, foi possível constatar que poucos viram no resultado dos rankings uma forma

de utilização dos indicadores para atuação na busca de melhorias nas dimensões avaliadas.

Por outro lado, foi possível identificar uma forte utilização dos rankings pelas instituições particulares, na divulgação dos seus cursos em momentos que antecedem seus vestibulares. Assim, podemos acrescentar na lista de interessados nos rankings, anteriormente apresentadas, os gestores das instituições particulares.

## 7.2 Prospecção de notícias sobre os rankings internacionais

A metodologia de pesquisa para a prospecção das notícias sobre os rankings internacionais foi ligeiramente alterada em relação à prospecção das notícias do ranking RUF. Assim, a busca foi realizada diretamente nos sítios das 65 IFES brasileiras. A tabulação e análise das notícias recolhidas foram separadas por ranking (ARWU, QS e THE) e por ano. O resultado abaixo apresentado.

### ARWU Academic Ranking of World Universities - 2019

Para o ARWU, foram encontradas somente nove manifestações na internet, sendo todas no ano de 2019. Apenas duas instituições, através de seus gestores ou representantes, fizeram comentários e/ou deram alguma declaração a respeito divulgação dos resultados do ranking. Considerando-se os temas abordados nas declarações, temos: uma, comemorando a instituição no ranking; três, comentando o desempenho de alguma dimensão ou indicador do ranking; uma, indicando ações de planejamento; e nenhuma crítica ao ranking.

A Tabela 10 apresenta a data da divulgação do ranking e as datas das manifestações das IFES na Internet. Destaca-se que 44,4% das manifestações ocorreram na data de divulgação do ranking ou próximo a ela. Destacado em vermelho as coincidências.

**Tabela 10:** Distribuição temporal das notícias na Internet – ARWU 2019

Divulgação do ranking ARWU	Datas das Manifestações			
	Março	Junho	Julho	Agosto
Internacional 15/08/2019	29/03/2019	28/06/2019	04/07/2019 05/07/2019 17/07/2019	15/08/2019 15/08/2019 20/08/2018 22/08/2019

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet



Segue o teor das declarações dos gestores feitas por apenas duas IFES. Para o Reitor da UFG, sobre a boa colocação no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), “Sinaliza que, mesmo diante de um cenário interno de muitos desafios para o sistema de universidades federais brasileiras, os nossos esforços estão valendo a pena e os resultados, estão sendo vistos no ocidente e no oriente”.

O Diretor de Avaliação e Informações Gerenciais do Decanato de Planejamento e Orçamento da UnB, “Os rankings globais classificam as principais instituições universitárias internacionais de forma comparativa, permitindo que possamos contextualizar o nível de excelência da UnB e de outras instituições brasileiras frente às melhores do mundo”. E sobre o planejamento comenta que “As ações do DPO focam principalmente em melhorar nossos indicadores acadêmicos, até porque o posicionamento nas avaliações é uma consequência de nossa excelência”.

Para a Reitora da UnB, "Os rankings acompanhados pelo DPO mostram que estamos em uma trajetória crescente de excelência acadêmica, com melhoria em diversas áreas – ensino, pesquisa, relação com o setor produtivo, entre outras”. E complementa informando que “Esse reconhecimento mostra que fazemos pesquisa de qualidade e de referência para pesquisadores de todo o mundo – algo muito importante no momento em que vivemos, com tantos questionamentos ao papel das universidades públicas."

### **QS World University Rankings – 2017**

Para o QS em 2017, foram encontradas oito manifestações, sendo que seis IFES fizeram declarações e/ou comentários através de seus representantes. Considerando-se os temas abordados nas declarações, temos: quatro, comemorando a instituição no ranking; seis, comentando o desempenho de alguma dimensão ou indicador do ranking; nenhuma indicação de ação do planejamento; e uma crítica a algum aspecto do ranking.

A Tabela 11 apresenta as datas de divulgação dos rankings e as datas das manifestações das IFES na Internet. Destaca-se que 75% das manifestações ocorreram nas datas de divulgação dos rankings, ou próximo a elas. As coincidências estão destacadas em vermelho.

**Tabela 11:** Distribuição temporal das notícias na Internet – QS 2017

Data de divulgação dos rankings QS	Datas das Manifestações			
	Março	Setembro	Outubro	Novembro
Internacional - 08 de julho	08/03/17		17/10/17	
By Subject - 08 de março	09/03/17 15/03/17	14/09/17	18/10/17 19/10/17	29/11/17
América Latina – 17 de outubro				

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

Segue o teor das manifestações dos gestores. Sobre a classificação no ranking por área, a Reitoria da UFMG aponta que “A presença da UFMG nas cinco grandes áreas temáticas do ranking revela a homogeneidade do nosso desempenho e sinaliza que o esforço institucional empreendido para alcançar a excelência em todas as áreas tem surtido efeito”. Por sua vez, a Diretoria de Relações Internacionais, sobre a presença da instituição no segmento esportivo, avalia que “A forte pontuação da UFMG se deve, entre outros fatores, ao impacto decorrente da entrada em funcionamento do nosso Centro de Treinamento Esportivo”.

A secretaria de Avaliação Institucional da UFRGS comenta o sobre as ações de planejamento da instituição e avalia que “Esse tipo de levantamento auxilia a Universidade a se avaliar em relação a outras instituições no mundo. Além disso, serve de incentivo à comunidade acadêmica, que se vê reconhecida em nível internacional. Os gestores veem nos rankings um dos resultados do trabalho desenvolvido diariamente. O mesmo ocorre com professores, alunos e servidores técnico-administrativos, que se veem como parte desse resultado, além de valorizar o espaço que ocupam na UFRGS”.

A Coordenadoria de Planejamento Administrativo da UFSM, sobre a instituição estar entre as melhores da América Latina, analisa que “Melhoramos em relação aos últimos anos, embora ainda estejamos abaixo da posição em que estivemos no ranking 2013/2014 (70<sup>a</sup>). Entretanto, lembro que os dados possuem dois ou três anos de atraso”. Por sua vez, Reitoria salienta que “em um contexto de destaque internacional, cresce a credibilidade da instituição, assim como ampliam-se as possibilidades de parcerias”.

Sobre uma falha ocorrida na transmissão das informações para o ranking, a Reitoria da UnB afirma que “A rotina da Universidade não mudou, a produção

científica continua crescendo, o número de citações também. Houve problema na transmissão das informações e estamos checando porque isso ocorreu. A falha não é justificável, mas não se pode julgar que houve queda de qualidade na instituição”. Complementando o assunto, o Decanato de Planejamento e Orçamento informa que “Enviamos um relatório preliminar com os dados ainda incompletos. Posteriormente, fizemos a retificação, mandando as informações solicitadas pela companhia. Acredito que essa versão não foi considerada. Não posso projetar qual seria o resultado da instituição caso os últimos dados fossem usados. Mas essa queda vertiginosa, sem dúvida, não corresponde à realidade. Não houve perda de qualidade”.

A Reitoria da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) “parabeniza toda a comunidade acadêmica pelo resultado e ressaltou a importância do crescimento constante da instituição de acordo com as métricas utilizadas por esses reconhecidos sistemas de ranqueamento”.

O Conselho de Planejamento e Administração da UTFPR comemora os “Excelentes resultados para uma IES tão nova como a nossa. As classificações conquistadas pela Tecnológica no QS Latin America University Rankings demonstram o efeito do trabalho de todas as equipes que constroem a nossa UTFPR objetivando a excelência. Parabéns para nós”.

Sobre a boa classificação obtida pela UFMS, a Reitoria aponta que “Estar entre as 300 melhores universidades do Brics nos orgulha. Esse resultado expressivo de nossa instituição foi obtido graças ao trabalho de todos: professores, técnicos e alunos. Apesar dos obstáculos, tal conquista mostra que UFMS é uma construção coletiva e que juntos podemos fazer mais”.

### **QS World University Rankings – 2018**

Para o QS em 2018, foram encontradas somente quatro manifestações, sendo que duas IFES fizeram declarações e/ou comentários através de seus representantes. Considerando-se os temas abordados nas declarações, temos: uma, comemorando a instituição no ranking; duas, comentando o desempenho de alguma dimensão ou indicador do ranking; nenhuma indicação de ação do planejamento; e nenhuma crítica ao ranking.

A Tabela 12 apresenta as datas de divulgação dos rankings e as datas das manifestações das IFES na Internet. Em 2018, as manifestações não ocorreram próximas às datas de divulgação dos rankings, quebrando o padrão de manifestações próximas às datas de lançamento dos rankings.

**Tabela 12:** Distribuição temporal das notícias na Internet – QS 2018

Data de divulgação dos rankings QS	Datas das Manifestações		
	Junho	Setembro	Outubro
Internacional - 06 de junho			
By Subject - 28 de fevereiro	28/06/2018	12/09/18	19/10/18 31/10/18
América Latina - 23 de outubro			

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

Segue o teor das manifestações dos gestores. Para a Reitoria da UFLA, estar em um seletor grupo de instituições “É sempre um enorme reconhecimento público estarmos novamente neste ranking, com critérios e métricas estipuladas pela academia internacional. Os nossos destaques deste ano refletem a nossa busca pela melhoria na pesquisa e na posição da UFLA em níveis internacionais”,

Na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, comenta sobre os cortes de verbas e aponta que “Isso traz consequências a uma universidade como a nossa que se dedica à formação de recursos humanos e à ciência básica, como é o caso da diminuição da colocação desse profissional no mercado de trabalho”. E complementa que "algumas outras instituições com tradição maior em desenvolvimento tecnológico e inovação podem ter uma vantagem competitiva, no sentido de que as empresas que não fazem parte dos cortes governamentais continuam empregando essas pessoas".

### **QS World University Rankings – 2019**

Para o QS em 2019, foram encontradas quatorze manifestações, sendo que apenas duas IFES fizeram declarações e/ou comentários através de seus representantes. Considerando-se os temas abordados nas declarações, temos: duas, comemorando a instituição no ranking; duas, comentando o desempenho de alguma dimensão ou indicador do ranking; nenhuma indicação de ação de planejamento; e nenhuma crítica ao ranking.

A Tabela 13 apresenta as datas de divulgação dos rankings e as datas das manifestações das IFES na Internet. Destaca-se que 50% das manifestações ocorreram nas datas de divulgação dos rankings, ou próximo a elas. As coincidências estão destacadas em vermelho.

**Tabela 13:** Distribuição temporal das notícias na Internet – QS 2019

Data de divulgação dos rankings QS	Datas das Manifestações					
	Jan	Fev	Mar	Jun	Out	Nov
Internacional - 19 de junho					23/10 24/10	
By Subject - 26 de fevereiro					24/10	
Brics – 23 de outubro	23/01	27/02	21/03	19/06 19/06	24/10 25/10	23/11
América Latina - 24 de outubro					25/10 29/10 31/10	

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

Segue o teor das manifestações dos gestores. A Reitoria da UFRGS comemora a posição da instituição e avalia que “Estamos em um lugar de prestígio, num ranking importante. É uma posição que reflete nossa estrutura de pesquisa. O ranking indica crescimento de citações, o que significa que, apesar das restrições orçamentárias que a pesquisa e a tecnologia vêm sofrendo nos últimos anos, mantemos um trabalho de qualidade reconhecido pela comunidade internacional”. E sobre a queda no índice de Internacionalização, comenta que “o índice de internacionalização pior se deve pela repercussão do fim do Ciência Sem Fronteiras (CsF), o que impacta nossa capacidade de enviar alunos e docentes para o exterior. Desse modo, nossa visibilidade externa também reduz”.

Sobre a boa classificação da UFRJ no ranking por área, a direção do Museu Nacional afirmou que “Recebemos essa notícia com muita satisfação. Ela demonstra de forma clara que o Museu Nacional não perdeu a sua principal característica: a de gerar conhecimento. E os nossos cursos de pós-graduação, como o de Arqueologia, estão contribuindo para o nosso novo lema: o Museu Nacional Vive!”. Por sua vez, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação afirma que “Apesar das adversidades, a produção de conhecimento no Museu Nacional, durante o ano de 2018, continuou tendo grande relevância”.

## **THE Times Higher Education – World University Rankings 2017**

Para o THE em 2017, foram encontradas dezenove manifestações, sendo que seis IFES fizeram declarações e/ou comentários através de seus representantes. Considerando-se os temas abordados nas declarações, temos: quatro, comemorando a instituição no ranking; seis, comentando o desempenho de alguma dimensão ou indicador do ranking; duas, indicando ações de planejamento; e nenhuma crítica ao ranking.

Segue o teor das manifestações dos gestores. A Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do ABC comenta que “A UFABC tem se destacado em vários rankings pelas pesquisas, por ter 100% dos docentes com doutorados, que produzem conhecimento para a sociedade. Mas nesse cenário de crise econômica, temos sofrido com cortes em orçamentos e contingenciamentos”. E completa “O nosso Plano de Desenvolvimento Institucional prevê o crescimento bastante significativo nas atividades de graduação e pós-graduação. Mas isso depende de apoio do Ministério da Educação para novas vagas para docentes e funcionários técnicos e de laboratórios”. Por sua vez, a Reitoria “Destacamos que a UFABC manteve excelente desempenho em citações, evidenciando que, mesmo como instituição jovem, possui grande potencial para consolidar uma reputação internacional”.

A Reitoria da UFLA se orgulha da posição no ranking e destaque que “Estar neste ranking não é um objetivo em si, mas o reconhecimento público de que estamos seguindo a critérios e métricas estipuladas pela academia internacional”. E reforça “Temos muito orgulho de fazer parte de um time que faz da UFLA uma instituição cada vez mais qualificada e reconhecida”.

Par a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE, o resultado do ranking é positivo e “Mesmo em momentos de crise, como esse, a UFPE vem mantendo a estratégia de investir em projetos de pesquisa e em seus pesquisadores. O investimento contínuo, pela meritocracia, é o que garante esta posição de destaque nacional e internacional”.

A Reitoria da UnB afirma que “Ficamos muito orgulhosos de voltar a figurar na lista das mil universidades mais importantes do mundo”, e completa “Esse resultado reflete o empenho da comunidade da UnB e o esforço institucional que estamos fazendo para sistematização e organização dos nossos dados”.

O Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional da UnB considera que “Agora é arregaçar as mangas e trabalhar para melhorar a nossa posição. A UnB precisa aprofundar os esforços de melhoria das atividades acadêmicas, num horizonte de recursos escassos”.

A Reitoria da UNIFEI comemora a boa colocação da instituição e aponta que “Considerando o resultado geral, das 21 universidades brasileiras classificadas entre as 1000, só observamos 10 brasileiras entre as primeiras 800. No final das contas, o ranking colocou a UNIFEI entre as 10 melhores do Brasil. A alegria é justificada. Que ela nos sirva de alento para mantermos a autoestima elevada e não esmorecermos em nossos esforços por sempre fazer o melhor”.

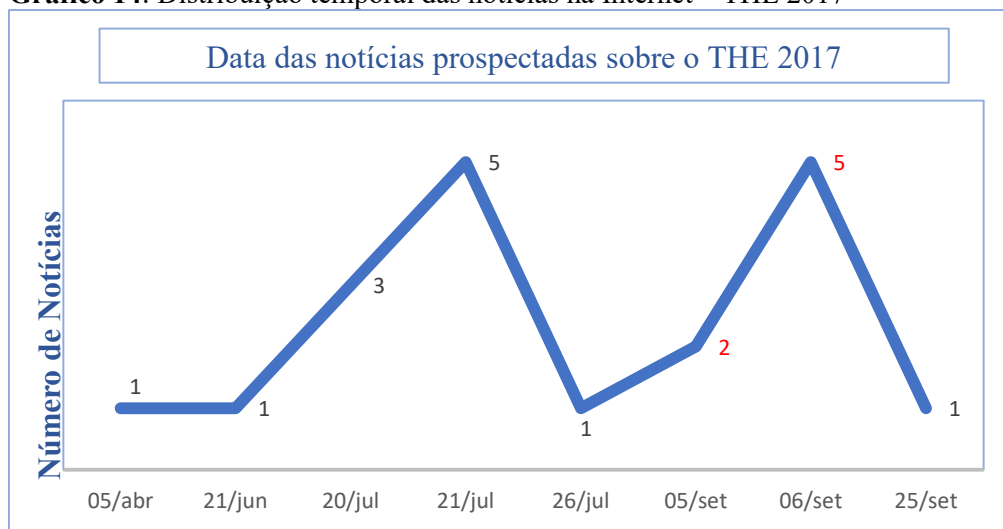
A UNIFESP, através de sua Vice-Reitoria, sobre os critérios de avaliação do ranking, pontua que “Nós temos muito a comemorar. Primeiro, de estarmos em um ranking em que mais de mil universidades foram avaliadas. A instituição de ensino superior precisa preencher uma série de pré-requisitos estipulados pela THE e a UNIFESP reúne todas estas condições. Nós evoluímos, de forma significativa, em relação à última avaliação, mesmo diante do cenário em que vivemos, e isto é uma boa notícia. A UNIFESP ocupa o terceiro lugar dentre as universidades brasileiras e apresentou o melhor índice de citações de suas publicações, ou seja, isto é um impacto da qualidade das pesquisas que são feitas pela instituição e da divulgação das mesmas”, e completa “Esta notícia, como um todo, merece destaque em nossa comunidade, pois isto é fruto de um trabalho coletivo”.

Sobre o ranking da América Latina, a Reitoria afirma que “É uma grande vitória para todos os que constroem a nossa universidade. Há dois anos o país está em recessão e vivemos muitos cortes orçamentários. As universidades federais são atingidas diretamente por essa conjuntura. Mesmo assim, conseguimos fazer muito, o que mostra a garra e o compromisso dos professores e técnicos da UNIFESP. Este resultado reflete também a qualidade acadêmica e dos processos de avaliação, que foram alcançados mesmo com a rápida e grande expansão que fizemos. Após 10 anos de universidade plena, temos muito a celebrar, o que nos dá força para os momentos de dificuldades, bem como para olharmos o futuro com esperança e colhermos as conquistas que virão. Parabéns a todos!”.

As datas de divulgação dos rankings THE em 2017 foram: Países Emergentes em 16 de maio; América Latina em 07 de julho; e Internacional em 05 de setembro.

O Gráfico 14 apresenta as datas das manifestações referentes à divulgação dos rankings recolhidas nos sítios das IFES. Destaca-se que 37% das manifestações ocorreram nas datas de divulgação dos rankings, ou próximo a elas. As coincidências estão destacadas em vermelho.

**Gráfico 14:** Distribuição temporal das notícias na Internet – THE 2017



**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

### **THE Times Higher Education – World University Rankings 2018**

Para o THE em 2018, foram encontradas vinte e nove manifestações, sendo que onze IFES fizeram declarações e/ou comentários através de seus representantes. Considerando-se os temas abordados nas declarações, temos: cinco, comemorando a instituição no ranking; dez, comentando o desempenho de alguma dimensão ou indicador do ranking; duas, indicando ações de planejamento; e uma crítica a algum aspecto do ranking.

Segue o teor das manifestações dos gestores. A UFABC, através da Assessoria de Relações Internacionais destaca que “a UFABC, mesmo sendo bastante jovem, vem realizando um trabalho de excelência na internacionalização, executado por uma equipe altamente capacitada, visando a consolidação da reputação internacional da Universidade”.

Sobre a atuação da UFBA, a Reitoria afirma “[...] que é o entendimento da Universidade como uma instituição que funciona de forma integrada, assentada em



valores fortemente assimilados pela nossa comunidade (inclusiva, democrática e de qualidade), que produz este efeito: de uma instituição forte, viva, que não se abate diante das dificuldades e os resultados podem ser percebidos pelos rankings”.

Segundo a Diretoria de Relações Internacionais da UFLA, “Crescemos um pouco em tudo, ou seja, estamos evoluindo no conjunto de pilares que são importantes para uma universidade”. E explica “Trabalharemos para melhorar ainda mais nossos processos em todas as frentes em que uma universidade deve atuar”. Também afirma que “O desempenho da UFLA foi especialmente produtivo nos indicadores relativos a ensino e pesquisa. No ensino, nossa pontuação está acima da média alcançada pelas 378 instituições classificadas. O ranking é um bom indicativo também das questões sobre as quais devemos trabalhar para aperfeiçoar nossos processos”. Por sua vez, a Reitoria avalia que “Investimos e continuaremos a investir no aperfeiçoamento do ensino, da pesquisa, da internacionalização, da geração de conhecimento e tecnologia, porque desejamos que a UFLA continue oferecendo um serviço de alta qualidade ao País, contribuindo para seu desenvolvimento e para o bem-estar social. A presença nos rankings é uma consequência do esforço da comunidade acadêmica em prol desses objetivos”.

A Reitoria da UFPA comemora a participação no ranking “Estamos contentes de aparecer no THE, cientes de que este é um retrato parcial do nosso trabalho, que nos auxilia a planejar os aperfeiçoamentos necessários. Muitas atividades desenvolvidas pelas universidades ainda não são captadas pelos rankings, ao passo que têm uma importância crucial para o seu impacto social. Temos que continuar buscando melhorar a nossa atuação em todas as direções”.

Sobre as dimensões avaliadas pelo ranking, a Pró-Reitoria de Planejamento, Orçamento de Finanças da UFPE afirma que “O THE avalia cinco dimensões que produzem um total de 13 indicadores e os resultados revelam que a UFPE melhorou em quase todas as dimensões”.

A Reitoria da UFRGS comemora o resultado do ranking e afirma que “a UFRGS está sendo reconhecida como um centro de excelência e inovação. Entre os cinco itens, não fomos bem avaliados apenas no item internacionalização, isso se deve ao término do Ciência Sem Fronteiras, programa no qual a Universidade era uma das instituições mais atuantes”.

A permanência estável da UFRJ no ranking mundial, mesmo com os cortes orçamentários preocupa a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa que avalia que “Será preciso reverter esse quadro para que a UFRJ e as demais universidades públicas continuem figurando entre as mais bem avaliadas do mundo. Esperamos que, nos próximos anos, a UFRJ possa continuar contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do Brasil, com pesquisas e formação de pessoal altamente qualificado”.

A Reitoria da UFSC reflete sobre o esforço da comunidade da UFSC e comenta que “esse esforço seja considerado e que a importância da ciência e da educação para o desenvolvimento da sociedade e do país sejam cada vez mais valorizados, cessando assim os contínuos cortes de orçamento destinados às universidades públicas brasileiras”.

O Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional da UnB, sobre o desempenho no ranking informa que “A Diretoria de Avaliação e Informações Gerenciais (DAI/DPO) vem acompanhando o desempenho da UnB nos rankings internacionais gerais, regionais e por área de conhecimento. Isso nos ajuda a projetar nossas áreas de excelência e a buscar soluções para a superação de desafios”. Por sua vez, a Reitoria defende que “Temos hoje aproximadamente mil docentes que ingressaram na UnB no período da expansão das universidades federais. Eles se somaram ao já excelente quadro de professores da instituição, ensinando e fazendo ciência da mais alta qualidade. Essa é uma conquista que precisa ser celebrada e preservada”. Sobre a posição no ranking, a Reitoria comemora e informa que “Esse resultado reflete todo o esforço e competência da nossa comunidade em desenvolver ensino, pesquisa e extensão de qualidade”, e “Parabênizo todos os estudantes, professores e técnicos pelo empenho e pela busca, cada vez maior, pela excelência”.

Comentando a colocação no ranking, a Reitoria da UNIFESP avalia que “Apesar da crise pela qual as instituições federais atravessam, conseguimos nos manter a nossa qualidade de ensino”. Além disso, “a UNIFESP é a primeira do país no quesito Citações e a melhor no quesito Ensino entre as universidades brasileiras na faixa entre 601-800”.

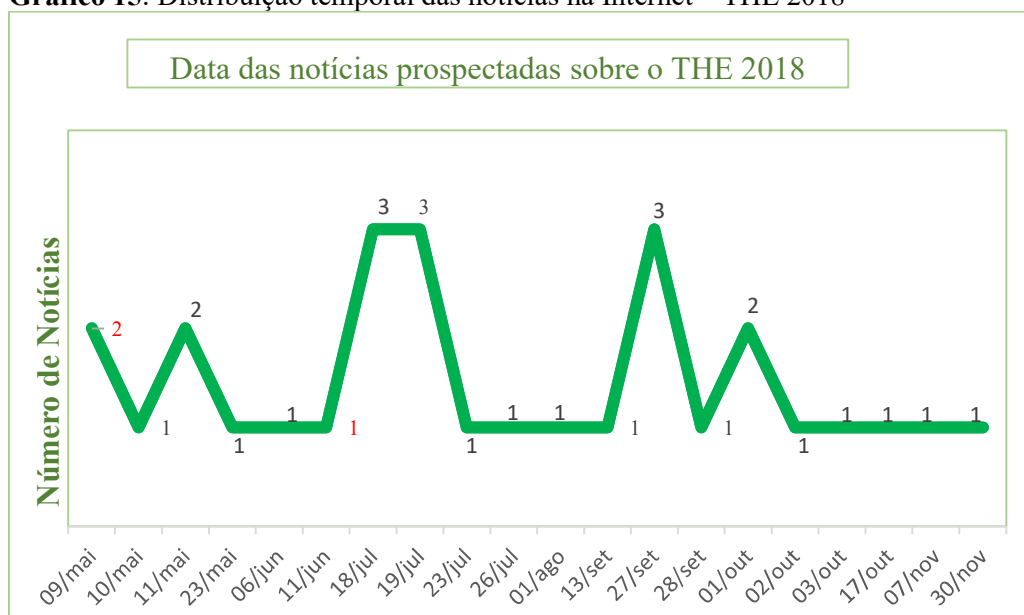
A Reitoria da UTFPR destaca que “Desde o ano passado a UTFPR vem conquistando espaço em rankings internacionais. Isso ganha ainda mais força quando

consideramos que estamos no grupo das jovens universidades brasileiras. Temos muito a trabalhar, mas isso mostra que estamos no caminho certo”.

As datas de divulgação dos rankings THE em 2018 foram: Países Emergentes em 09 de maio; América Latina em 18 de julho; e Internacional em 26 de setembro.

O Gráfico 15 apresenta as datas das manifestações referentes à divulgação dos rankings recolhidas nos sites das IFES. Destaca-se que 52% das manifestações ocorreram nas datas de divulgação dos rankings, ou próximo a elas. As coincidências estão destacadas em vermelho.

**Gráfico 15:** Distribuição temporal das notícias na Internet – THE 2018



**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

### **THE Times Higher Education – World University Rankings 2019**

Para o THE em 2019, foram encontradas cinquenta e sete manifestações, sendo que dezessete IFES fizeram declarações e/ou comentários através de seus representantes. Considerando-se os temas abordados nas declarações, temos: nove, comemorando a instituição no ranking; quinze, comentando o desempenho de alguma dimensão ou indicador do ranking; quatro, indicando ações de planejamento; e uma crítica a algum aspecto do ranking.

Segue o teor das manifestações dos gestores. A respeito do ranking de Países Emergentes, a Vice-Reitoria da UFABC destaca que “os indicadores utilizados por esse novo ranking estão diretamente relacionados às demandas da sociedade. Ficamos felizes em receber essa notícia, pois é reflexo de nosso compromisso constante em atuar na

defesa de uma universidade inclusiva, diversificada e sustentável, valores indissociáveis da pesquisa de excelência e da inovação”.

A Reitoria da UFMS, sobre o potencial da instituição, avalia que “Esse dado fortalece o trabalho de toda a Universidade e mostra que estamos no caminho certo”. Destaca também que “Além de realizar com excelência o trabalho de pesquisa, ensino, extensão, empreendedorismo e inovação, precisamos realizar as entregas para a sociedade. Tal reconhecimento mostra o potencial e o compromisso social do investimento público por toda a sociedade no patrimônio que é a Universidade pública, gratuita e de qualidade”.

A respeito do desempenho no ranking a Coordenadoria de Avaliação da UFBA afirma que “Políticas públicas devem se basear nos indicadores oficiais do Ministério da Educação, em adequação às especificidades de cada universidade”.

A UFC, através de comunicado da Reitoria, aponta que "No momento em que precisamos mostrar à sociedade quão importante é a atuação da Universidade, esse conceito máximo vem nos dar a segurança de que, apesar de uma conjuntura adversa, teremos sempre uma avaliação positiva por parte daquele a quem realmente servimos: o povo do Ceará". Sobre o destaque no ranking por áreas, a Reitoria destaca que “Engenharia e Computação são áreas nas quais nos destacamos e, mundialmente, são as áreas pelas quais as universidades se firmam” e completa “Nosso desempenho nessas áreas é considerável, pois estamos à frente das instituições do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Mas precisamos melhorar ainda mais”.

Também, a Reitoria da UFC comemora o resultado do ranking “é um indicativo maravilhoso. A UFC é a 13ª melhor universidade do Brasil, o que não é pouco. E isso dito pelo THE, que eu considero o melhor do mundo”. E pondera “Eu não tenho nenhuma dúvida que, em muito pouco tempo, a UFC estará se posicionando dentre as 10 melhores do Brasil. Essa é a meta que nós temos imediatamente. Apesar de todas as dificuldades, eu tenho certeza que nós vamos alcançar essa meta”.

Finalizando, sobre a pesquisa a Reitoria da UFC comenta que “Nós temos que trabalhar com a pesquisa para que nós possamos produzir bens com inovação, e temos que trazer empreendedorismo. Esse conjunto precisa ser feito. A Universidade hoje tem três eixos fundamentais, que é empreendedorismo, inovação e internacionalização. E os três estão agregados à pesquisa. Então, a Universidade tem que melhorar a sua pesquisa.

Nós já estamos fazendo uma boa pesquisa, mas talvez o número de nossas pesquisas seja pequeno. Temos que ampliar”.

A Reitoria da UFES afirmou sobre o resultado do ranking que “A nossa gestão sempre teve uma preocupação com a qualidade e, a partir dessa preocupação e de metas que foram definidas, criamos condições para atingir esses objetivos, com medidas como a criação da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) e da Secretaria de Avaliação Institucional (Seavin). Para alavancar a produção científica, criamos facilitadores, como um programa de tradução e produção de textos em língua estrangeira, o que nos permitiu passar de 250 para mais de mil artigos científicos publicados em revistas internacionais”. E completa “Contamos também com o apoio do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação Profissional (Secti), que contribuiu com programas de incentivo para a pós-graduação. Agora, estamos buscando a excelência”. Por sua vez, a Secretaria de Relações Internacionais avaliou que “Estamos muito felizes com o resultado. Nesse momento de duros cortes na educação, a presença no ranking mostra que a UFES está se saindo bem e tem uma visibilidade muito grande. Estar no ranking contribui para fortalecer e ampliar as parcerias existentes e identificar novas oportunidades”.

Por fim, a Vice-Reitoria apontou que “Isso é fruto de gestão, de um planejamento que começou em 2012, com a criação de um programa de internacionalização com recursos próprios e de todo um acompanhamento para avaliar e promover melhorias nos nossos cursos. Com investimento, certamente poderemos chegar a patamares melhores”.

A Reitoria da Universidade Federal Fluminense (UFF), sobre o aumento de instituições brasileiras no ranking “Tal ampliação do espaço das instituições brasileiras ocorre apesar das dificuldades orçamentárias. É um resultado a ser celebrado pelo sistema de educação superior brasileiro, que tem conseguido honrar sua responsabilidade social, mesmo em meio a incertezas e dificuldades”.

Sobre o resultado no ranking, a Reitoria comenta que “Este é o resultado de um trabalho coletivo que envolve toda comunidade da UFF. A colocação reforça a excelência da universidade em diversas frentes, ensino, pesquisa e extensão. E mostra que estamos avançando mesmo em momentos de grave crise”. E completa “É importante ressaltar a qualidade das pesquisas e do ensino. Hoje, por exemplo, muitas

unidades acadêmicas já trabalham com a metodologia ativa de ensino conhecida como 'Aprender Fazendo', método inovador e recente nas universidades federais do Brasil, que traz ao aluno a possibilidade de desenvolver suas habilidades na prática. Muitas vezes, os rankings não conseguem refletir quem somos de fato e nós temos muito mais o que mostrar". Por fim, a superintendência de Relações Internacionais avalia que "o ranking THE tem uma grande vantagem com relação a outros rankings mundiais, pois compara universidades que funcionam em contextos mais parecidos, sujeitas a dificuldades semelhantes e com os mesmos objetivos de pesquisa, ensino e extensão".

Sobre a posição no ranking, a Reitoria da UFG afirma que "A UFG está entre as melhores da América Latina graças à excelência no ensino, na pesquisa, na extensão e na inovação".

A Diretoria de Relações Internacionais da UFLA, sobre o resultado nos pilares avaliativos do ranking, aponta que "o resultado confirma o espaço que a UFLA tem ganhado em parcerias com empresas no desenvolvimento de projetos e para solução de problemas de mercado".

A UFMG comemora a posição no ranking, "Claro que é uma satisfação ver reconhecida a qualidade da UFMG, porque isso dá visibilidade à sua produção acadêmica e científica, que vem se consolidando ao longo dos anos", e "É uma satisfação ver o trabalho sério e competente de nossa comunidade reconhecido por um dos mais prestigiosos rankings do mundo. Confirma que a UFMG, patrimônio do país, está entre as melhores universidades do mundo", aponta a Reitoria, mas adverte que "a Universidade não deve pautar seu projeto de instituição por rankings internacionais, que têm outros parâmetros, diferentes daqueles que são prioritários para uma instituição pública e gratuita, referência para o país e relevante para a sociedade". Ainda, aponta que "se a UFMG consegue atingir patamares mais altos em rankings como o da THE, isso também confere mais projeção ao Brasil no cenário internacional".

Para a Diretoria de Relações Internacionais, "Tudo isso constitui sinais de reconhecimento por sua excelência em pesquisa, ensino e internacionalização. A UFMG vem se firmando como principal universidade federal do Brasil". E pondera que os resultados "devem ser observados e interpretados, pois se configuram como boas ferramentas de gestão universitária e ajudam a entender o estado da educação superior e da pesquisa ao redor do mundo".

Em relação ao ranking de Países Emergentes, a Reitoria aponta que “Levantamentos como esse demonstram a importância da universidade pública na produção de conhecimento e na representação do nosso país”, afirma a Reitoria da UFMG. E aponta que “O investimento é fundamental, pois é aqui, nas universidades públicas, que se faz pesquisa de ponta e educação de qualidade, cujo impacto na sociedade não é alcançado pelas medidas adotadas pelos rankings”.

Sobre o desempenho nos indicadores do ranking, a Diretoria de Relações Internacionais aponta que “Esse resultado mostra que houve uma evolução nos números da pesquisa da UFMG, ou seja, que ela está sendo mais reconhecida e mais citada. Com relação ao outro indicador, constatamos que a UFMG tem 156 professores internacionais, o que equivale a 4,3% do corpo docente”. Por sua vez, a Pró-Reitoria de Pesquisa, sobre o número de citações, “Trata-se de uma métrica objetiva, baseada em critério quantitativo, que expressa a alta qualidade da produção da pesquisa realizada na UFMG. Outros parâmetros baseiam-se em avaliações de natureza tipicamente qualitativa, sendo, portanto, de caráter mais subjetivo”.

A participação da UFOP no ranking, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais comenta que é importante participar do grupo de instituições de destaque internacional, mas que “Temos aprimorado ao longo dos anos, tentando entender a sistematização dos dados e suas complexidades”. Por sua vez, a Reitoria alerta que “este crescimento se encontra sob risco em função dos contingenciamentos e bloqueios orçamentários que enfrentamos nos últimos anos, assim como da redução de nosso custeio projetada para 2020 em cerca de 40%. A precarização de nossos serviços, comprometendo nossas ações na pesquisa, extensão e ensino, já se faz presente e pode influenciar as futuras avaliações. Não podemos deixar que isso aconteça”, e completa que “o empenho de nossas comunidades está dando resultado. As universidades públicas brasileiras demonstram vigor, mesmo em clima adverso, como o atual. Sabemos que os dados apresentados fazem referência a informações fornecidas em 2017, e a nossa esperança é continuar melhorando nossos indicadores”.

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel), “Em 2019 a UFPel completa 50 anos de existência. As principais universidades brasileiras ainda não completaram um século de existência. Embora o desenvolvimento tecnológico e a inovação tenham se disseminado apenas nos últimos anos na UFPel – principalmente após a Lei de Inovação de 2004 – podemos perceber que a instituição tem buscado cada vez mais a relação com

a sociedade, o que é demonstrado por estes dados, uma vez que o escore de transferência de tecnologia está bem próximo daquele de universidades como USP e UFRGS, as quais têm tradição estabelecida nesta área”, considera a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação.

Também, “a perspectiva é positiva para o crescimento da Instituição nos próximos anos, apesar do quadro de redução de recursos para Educação, Ciência e Tecnologia no país”. Por sua vez, ao alcance internacional da instituição, a Coordenadoria de Relações Internacionais destaca que “a Universidade está implementando seu plano estratégico de internacionalização para aumentar a captação de alunos estrangeiros, atrair pesquisadores visitantes de outros países, além de ampliar a visibilidade internacional da UFPel”. Por fim, a Reitoria acrescenta que “O desempenho da UFPel é decorrente da dedicação do seu quadro docente, técnico-administrativo e discente. Toda a comunidade acadêmica está de parabéns”.

Na UFRGS, a Reitoria comunica que “recebe essa notícia com muita satisfação em meio à enorme crise pela qual estamos passando. Essa posição é decorrência do trabalho de nossos professores, pesquisadores, técnicos e estudantes da graduação e da pós-graduação. Paradoxalmente, são eles que estão sendo atingidos pelas políticas restritivas do atual Governo, que insiste em não reconhecer o valor que as universidades federais têm para o País”.

Na avaliação da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ, “Os resultados apresentados pelos rankings recentemente publicados expressam nossa excelência em todas as áreas do conhecimento, conquistada ao longo de décadas dedicadas à pesquisa, ao ensino e à extensão”. Também lamenta o fato de perder posições no ranking e afirma que “Cabe registrar que, não obstante tenhamos nos mantido entre as melhores instituições do mundo, da América Latina e do país, os desdobramentos dos cortes e contingenciamentos a que temos sido submetidos, especialmente nos dois últimos anos, já se fazem sentir. Este fenômeno não afeta apenas nossa instituição e preocupa sobremaneira, já que tem colocado em risco a continuidade de pesquisas e o cumprimento da função social de universidades públicas de todo o país”.

Na avaliação da Secretaria de Relações Internacionais, o resultado da UFSC está “Dentro de um contexto em que as universidades federais brasileiras atravessam um



período de dificuldade, uma notícia como esta mostra a relevância da Universidade Federal de Santa Catarina na produção do conhecimento e da tecnologia, assim como no desenvolvimento da sociedade local, nacional e também internacional”. E completa que “Isso faz com que tenhamos a certeza de que a internacionalização tem um papel primordial na manutenção do ensino público, gratuito e de qualidade”.

A Vice-Reitoria destaca a importância da participação da UFSM nos rankings e aponta que o “resultado do ranking da THE evidencia o crescimento e a evolução da Universidade ano após ano, mesmo com todas as dificuldades que enfrenta”. Também avalia que “O ranking da THE é uma avaliação externa e isenta que avaliou universidades de todo o mundo, e nos mostrou que estamos no caminho certo, principalmente em relação a um dos objetivos do nosso Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que é a inclusão social. Mostra que a UFSM está comprometida com a redução das desigualdades, com discussões importantes como a situação dos imigrantes e as questões de gênero, a qualidade da educação e o ensino inclusivo”.

O anúncio do ranking foi celebrado pela Reitoria da UnB, “Nossa destacada colocação em rankings como o THE é importante em termos comparativos com instituições nacionais e internacionais. Conhecemos a qualidade acadêmica da UnB, mas é fundamental que a sociedade saiba desse reconhecimento por organizações de prestígio, ainda mais neste momento, de constantes questionamentos sobre o papel da ciência e das universidades públicas brasileiras”. E acrescentou “a despeito das dificuldades, [a UnB] se dedica diariamente a fazer ensino, pesquisa e extensão de qualidade”. E acrescentou “Esse é um investimento com retorno comprovado, tanto pela qualidade dos nossos egressos como da nossa atuação acadêmica”.

A Vice-Reitoria da UnB informa que “Temos buscado, cada vez mais, fortalecer nossa presença na região, inclusive nos tornando parte de redes de cooperação, como é o caso da Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM)”. Por sua vez, o Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional comentou que “[...] estamos trabalhando junto aos demais decanatos, principalmente os de Pesquisa e Inovação (DPI) e de Pós-Graduação (DPG), para melhorar a robustez e o registro de nossos dados e fornecer um retrato mais fiel da situação da Universidade em termos de ensino e pesquisa”.

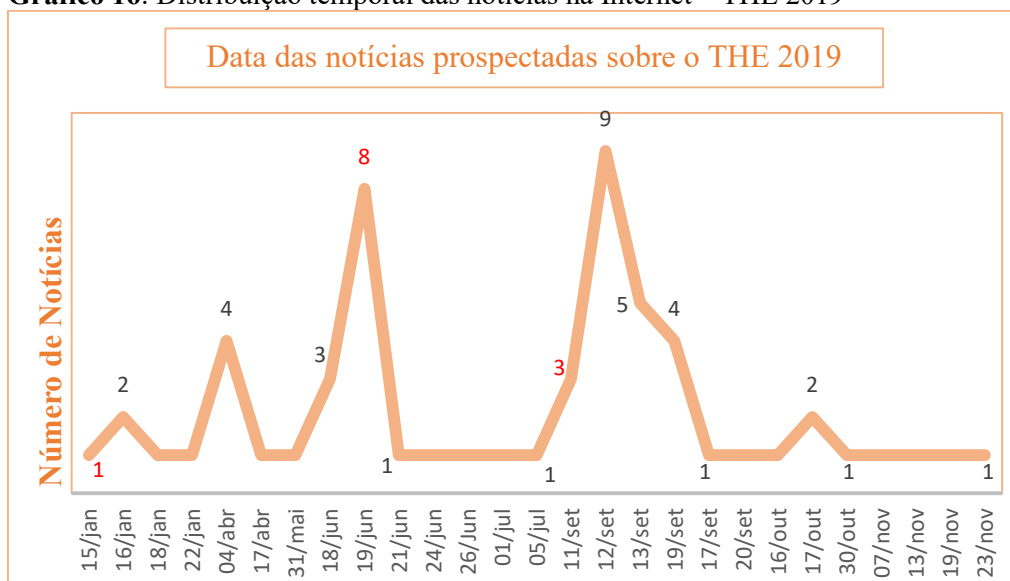
A respeito do ranking por área, a Diretoria de Avaliação e Informações Gerenciais do Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional da UnB explica que os rankings por áreas são muito recentes e “Produzido pelo terceiro ano, esta é a primeira vez que o de Administração e Economia considera universidades brasileiras”, mas “acredita que a posição da UnB tende a ser consistente com as áreas de excelência”.

A Reitoria da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UNIFERSA), a respeito do resultado do ranking, avalia que “Estamos orgulhosos em ver que a UNIFERSA apareceu nesse ranking que para nós é um grande divisor de águas. Toda a comunidade está de parabéns, professores, técnicos e alunos. A conquista é de todos e ela não para aqui. Temos outras metas e desafios a conquistar”.

A Coordenadoria do Ranking da UNIFERSA comemora o resultado do ranking de Países Emergentes “Estamos vendo uma mudança na forma como podemos avaliar o impacto das universidades no Mundo. A produção acadêmica/científica e formação de recursos humanos, normalmente avaliada nos rankings tradicionais não refletem completamente o papel social das universidades no ambiente que estão inseridas. [...] Ao mesmo tempo que o ranking nos dá um diagnóstico do que temos feito, nos impulsiona para direcionar esforços no sentido de sintonizar as políticas institucionais cada vez mais com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS)”.

As datas de divulgação dos rankings THE em 2018 foram: Países Emergentes em 15 de janeiro; América Latina em 19 de junho; e Internacional em 11 de setembro.

O Gráfico 16 apresenta as datas das manifestações referentes à divulgação dos rankings recolhidas nos sites das IFES. Destaca-se que 51% das manifestações ocorreram nas datas de divulgação dos rankings, ou próximo a elas. As coincidências estão destacadas em vermelho.

**Gráfico 16:** Distribuição temporal das notícias na Internet – THE 2019

**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações do Google.

O fechamento para a busca de notícias sobre a divulgação dos rankings internacionais QS, THE e ARWU, no período compreendido entre 2017 e 2019, diretamente em seus sítios das 65 IFES, está apresentado abaixo.

Sobre as IFES manifestações analisadas, foram 11 em 2017; 13 em 2018; e 17 em 2019, perfazendo um total de 45 instituições com uma ou mais manifestações. No entanto, considerando o número sem repetições, foram apenas 22 de um total de 65 IFES, ou seja, apenas 34%.

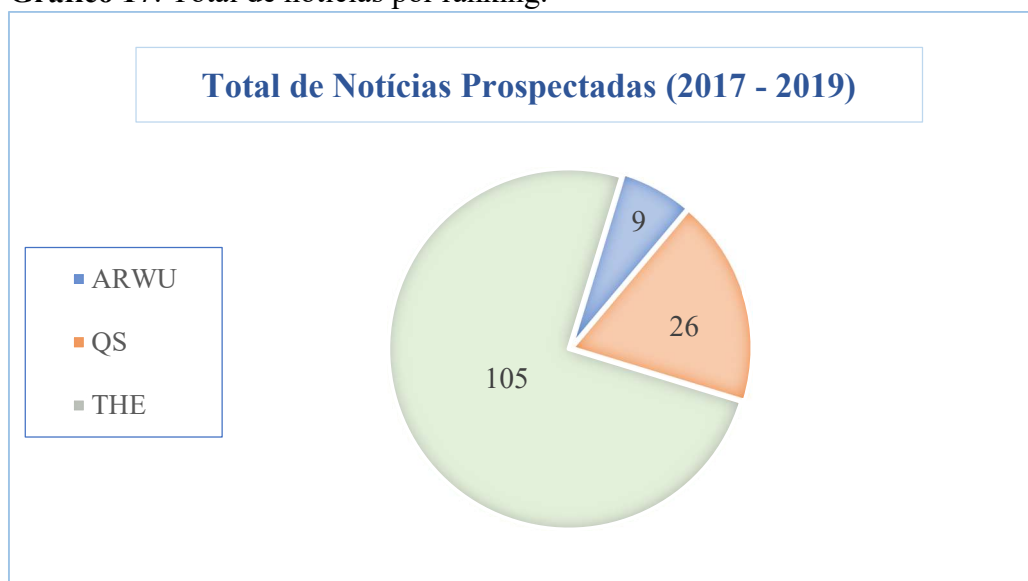
A Tabela 14 apresenta a distribuição das manifestações, por ano e por rankings. Os rankings referidos na pesquisa foram: QS Internacional; QS por Área; QS América Latina; QS Brics; THE Internacional; THE América Latina; THE Países Emergentes; e ARWU Internacional, mas foram contabilizadas como ARWU, THE e QS.

**Tabela 14:** Distribuição das manifestações das IFES

Ranking	2017	2018	2019	Soma
ARWU	-	-	09	09
QS	08	04	14	26
THE	19	29	57	105
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>33</b>	<b>80</b>	<b>140</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

O Gráfico 17 apresenta como se deu a distribuição das 140 manifestações nos rankings ARWU, THE e QS no período compreendido entre 2017 e 2019. Esta distribuição indica que estas instituições se interessam especialmente na divulgação do resultado do THE University Ranking.

**Gráfico 17:** Total de notícias por ranking.

**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações da Internet

Das 140 manifestações apresentadas no Gráfico 17, foi importante destacar um tipo específico de manifestação: as declarações e/ou comentários emitidos pelos gestores ou por algum representante de órgãos das IFES. Estas manifestações foram, basicamente, de quatro tipos: manifestações de comemoração e/ou satisfação por estarem na lista dos rankings; manifestações destacando o desempenho em algum aspecto avaliativo ou indicador do ranking; manifestações destacando ações de planejamento que resultaram na colocação da instituição no ranking; manifestações com críticas a algum aspecto avaliativo do ranking. A Tabela 15 detalha estas manifestações, apresentadas por 45 IFES no período compreendido entre 2017 e 2019.

**Tabela 15:** Total das manifestações distribuídas por ranking.

ARWU Academic Ranking of World Universities				
Tipo de manifestação	2017	2018	2019	Soma
Comemoração do resultado do ranking	-	-	1	1
Desempenho de aspectos avaliativos	-	-	3	3
Ações de planejamento	-	-	1	1
Críticas a aspectos ou diretamente ao ranking	-	-	-	-
<b>TOTAIS</b>	-	-	<b>5</b>	<b>5</b>
QS World University Rankings				
Comemoração do resultado do ranking	4	1	2	7
Relato de bom desempenho de aspectos avaliativos	6	2	2	10
Ações de planejamento	0	0	0	0
Críticas a aspectos ou diretamente ao ranking	1	0	0	1
<b>TOTAIS</b>	<b>11</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>18</b>
THE Times Higher Education – World University Rankings				
Comemoração do resultado do ranking	4	5	9	18

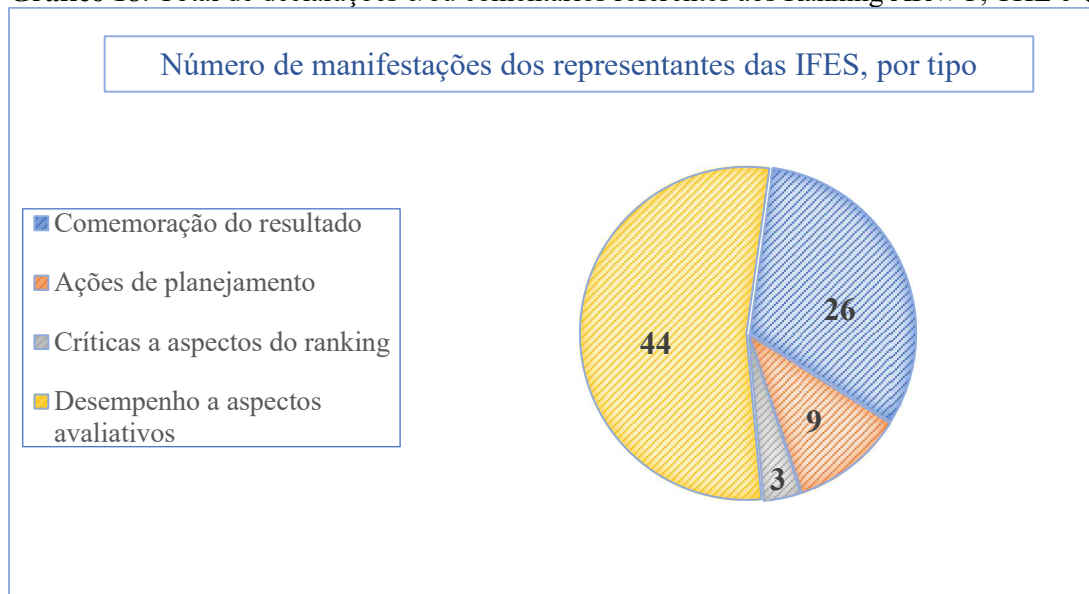
Relato de bom desempenho de aspectos avaliativos	6	10	15	31
Ações de planejamento	2	2	4	8
Críticas a aspectos ou diretamente ao ranking	0	1	1	2
<b>TOTAIS</b>	<b>12</b>	<b>18</b>	<b>29</b>	<b>59</b>
<b>Resumo</b>				
Comemoração do resultado do ranking	8	6	12	26
Relato de bom desempenho de aspectos avaliativos	12	12	20	44
Ações de planejamento	2	2	5	9
Críticas a aspectos ou diretamente ao ranking	1	1	1	3
<b>TOTAIS</b>	<b>23</b>	<b>21</b>	<b>38</b>	<b>82</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

As 82 declarações e/ou comentários emitidos pelos representantes das IFES, no período pesquisado, podem ser analisados por diversos ângulos. Primeiramente, considerando-se o número de declarações, foram 23 em 2017; 21 em 2018; e 38 em 2019, o que representa um crescimento de 65%. Considerando-se por ranking, separadamente, sobre o ARWU foram feitas cinco manifestações; sobre o QS foram feitas dezoito manifestações; e sobre o THE, foram feitas cinquenta e nove manifestações, indicando uma preferência pelo ranking THE.

As declarações, por tipo, ficaram assim configuradas: 32% estavam relacionadas a algum tipo de comemoração do resultado do ranking; 54% faziam alusão ao bom (nem sempre) desempenho e/ou avaliação da instituição, seja no resultado final do ranking ou em algum aspecto avaliativo ou indicador isolado; 11% relatavam ações do planejamento da instituição que impactaram no resultado do ranking; e apenas 3% faziam críticas a algum aspecto do ranking. As manifestações são independentes da colocação final no ranking.

O Gráfico 18 em conjunto com a Tabela 14 apontam que o ranking THE é o mais popular entre os representantes das IFES. Também é importante notar que as manifestações estão aumentando com o passar dos anos, indicando que instituições e seus gestores estão olhando os rankings com maior atenção.

**Gráfico 18:** Total de declarações e/ou comentários referentes aos Ranking ARWU, THE e QS

**Fonte:** Gráfico elaborado pelo autor a partir de informações da Internet

Outro aspecto importante é que os gestores estão declarando que estão elaborando ações estratégicas para, de algum modo, melhorar o desempenho nos rankings, especialmente aqueles que fazem as listas regionais, especificamente referentes à América Latina, uma vez que as instituições brasileiras ainda estão um pouco distantes das grandes europeias e norte americanas.

### 7.3 Repercussão das IFES sobre o Ranking Universitário da Folha

A pesquisa buscou na Internet notícias sobre o RUF divulgadas no período compreendido entre os anos de 2017 e 2019, com o objetivo de identificar como os gestores representantes das IFES reagiram à divulgação dos resultados do RUF.

A busca retornou, conforme mostrado na Tabela 16 um total de 617 links, sendo que deste total, 294 faziam eram informações divulgadas por agências de notícias sobre o RUF sem, no entanto, estar relacionada a quaisquer instituições. Nos outros 323 links foram realizadas análises quantitativas e qualitativas com o objetivo de identificar quais instituições foram citadas ou como reagiram ao resultado. Os links também foram utilizados para uma análise temporal das manifestações. Por fim, identificar o tipo de manifestação vindo dos representantes das IFES.

**Tabela 16:** Total de links retornados na pesquisa, por ano

Ano pesquisado	Links retornados	Links analisados	IFES
2017	149	79	29
2018	150	117	25
2019	318	227	28
<b>TOTAL</b>	<b>617</b>	<b>323</b>	<b>40%</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor.

Apesar de a Tabela 16 indicar o crescimento no número de manifestações no período, também mostra que, na média, o número de IFES que reagiu à divulgação dos resultados ficou em apenas 40%, em média, do total de 65 instituições.

Considerando a distribuição temporal das notícias, ocorreu uma concentração do número de manifestações no dia de lançamento do ranking ou nos dois dias seguintes. No entanto, manifestações esporádicas continuaram aparecendo no decorrer dos meses. Estas manifestações ocorriam na divulgação de algum evento da instituição. Novos aumentos de manifestações ocorreram entre os meses de outubro e novembro, coincidindo com a divulgação dos vestibulares das instituições particulares.

Dos 323 links analisados, 148 continham, essencialmente, três tipos de manifestações, conforme destacado na Tabela 17. No período analisado, ocorreram 49 registros destacando o desempenho regional das instituições, independentemente do posicionamento geral no ranking. Ocorreram outros 64 registros destacando o bom desempenho em algumas das cinco dimensões ou da boa posição de algum curso da instituição. Foi importante registrar um terceiro tipo de manifestação, aparecia um discurso de algum representante da instituição. Nessa modalidade foram registradas 35 ocorrências.

**Tabela 17:** Resumo das manifestações das IFES

TIPO	2017	2018	2019	Totais
Desempenho Regional	17	14	18	49
Desempenho de Curso e/ou Dimensão	22	19	23	64
Declarações de representantes das IFES	15	11	9	35
<b>Totais de manifestações</b>	<b>54</b>	<b>44</b>	<b>50</b>	<b>148</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

As manifestações, na forma de declarações, vindas dos gestores das IFES sejam nas figuras de reitores, pró-reitores, coordenadores de cursos, diretores, entre outros, foram classificadas em 5 tipos abordando algum aspecto do ranking. Estas declarações, detalhadas por tipo, estão registradas na Tabela 18, notando que uma declaração poderia fazer menção a mais de um tipo de manifestação.

**Tabela 18:** Resumo das declarações dos gestores das IFES

<b>TIPO</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>Totais</b>
Crítica ao Ranking	1	-	-	1
Crítica à Metodologia / Dimensões	4	3	-	7
Elogio ao Ranking	11	6	8	25
Elogio à Metodologia / Dimensões	8	9	4	21
Referência ao Planejamento	5	1	5	11
<b>Total de Declarações</b>	<b>29</b>	<b>19</b>	<b>17</b>	<b>65</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

Das 65 manifestações detalhada na Tabela 18, é importante destacar a ocorrência de uma única crítica direta ao ranking. Isso conota que os representantes das IFES, de certa forma, veem o ranking como algo bom para as suas instituições, independente da colocação recebida.

Foram sete registros criticando algum aspecto da metodologia ou de alguma das cinco dimensões ou ainda indicadores que compõem a metodologia geral do ranking. Esse tipo de manifestação vem de gestores que se sentiram prejudicados, por exemplo, por suas instituições não estarem em grandes centros mercadológicos.

Se ocorreram poucas críticas, foram 25 ocorrências com elogios diretos ao ranking e mais 21 elogios à abrangência metodológica ou à escolha das dimensões do ranking. Estes tipos de manifestação também se mostraram independentes da posição de classificação. Mostra que os gestores acham importante que suas instituições estejam aparecendo no ranking.

Por fim, apenas 11, ou seja, 17%, nas figuras de seus representantes, declararam que fazem ações estratégicas diretamente voltadas ao desempenho no ranking ou que utilizam o resultado do ranking como forma de planejar as ações da instituição.

Em relação à análise temporal referente às divulgações dos rankings no período, os Gráficos 6, 7, 9, 10, 12 e 13, apontam que em média 24% das notícias são veiculadas nos 3 primeiros dias, contando o próprio dia da divulgação. Essa característica indica que as divulgações as divulgações têm uma conotação furtiva. Além destas divulgações próximas às datas de divulgação dos rankings, outras manifestações ocorrem em divulgações de eventos das instituições. Por fim, notadamente das instituições particulares, fazem as divulgações de seus vestibulares, dando informações sobre os rankings.



De modo geral, a pouca repercussão vinda das IFES, em média apenas 40% das instituições, é um sintoma de que os gestores destas instituições não estão atentos ao fato de que os rankings podem se tornar um subsídio para a inteligência organizacional. Através das declarações dos gestores, foi possível constatar que poucos viram no resultado dos rankings uma forma de utilização dos indicadores para atuação na busca de melhorias nas dimensões avaliadas.

#### 7.4 Repercussão das IFES sobre Rankings Internacionais

A pesquisa, nesta parte, buscou-se nos sítios das IFES notícias sobre os rankings universitários internacionais, ARWU, THE e QS, divulgadas no período compreendido entre os anos de 2017 e 2019, com o objetivo de identificar como os gestores representantes das IFES reagiram às divulgações dos resultados.

Sobre as IFES manifestações analisadas, foram 11 em 2017; 13 em 2018; e 17 em 2019, perfazendo um total de 45 instituições com uma ou mais manifestações. No entanto, considerando o número sem repetições, foram apenas 22 de um total 65 IFES, ou seja, apenas 34%.

A Tabela 19 apresenta a distribuição das manifestações, por ano e por rankings. Os rankings retornados na busca foram: QS Internacional; QS por Área; QS América Latina; QS Brics; THE Internacional; THE América Latina; THE Países Emergentes; e ARWU Internacional, mas foram contabilizados como ARWU, THE e QS.

**Tabela 19:** Distribuição das manifestações por ano e por ranking.

Ranking	2017	2018	2019	Soma
ARWU	-	-	09	09
QS	08	04	14	26
THE	19	29	57	105
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>33</b>	<b>80</b>	<b>140</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

A Tabela 19 mostra que há um grande crescimento de 196% no número de manifestações em relação ao período abordado. Mostra também que as instituições se interessam especialmente na divulgação do resultado do THE University Ranking.

Das 140 manifestações apresentadas na Tabela 19, foi importante destacar um tipo específico de manifestação<sup>13</sup>: as declarações e/ou comentários emitidos pelos gestores ou por algum representante de órgãos das IFES. Estas manifestações foram,

<sup>13</sup> Nem todas as manifestações recolhidas na Internet, continham declarações dos gestores das IFES.

basicamente, de quatro tipos: manifestações de comemoração e/ou satisfação por estarem na lista dos rankings; manifestações destacando o desempenho em algum aspecto avaliativo ou indicador do ranking; manifestações destacando ações de planejamento que resultaram na colocação da instituição no ranking; manifestações com críticas a algum aspecto avaliativo do ranking. A Tabela 20 detalha estas manifestações, apresentadas por 45 IFES no período compreendido entre 2017 e 2019.

**Tabela 20:** Total das manifestações por ranking.

<b>ARWU Academic Ranking of World Universities</b>				
<b>Tipo de manifestação</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>Soma</b>
Comemoração do resultado do ranking	-	-	1	1
Relato de bom desempenho de aspectos avaliativos	-	-	3	3
Ações de planejamento	-	-	1	1
Críticas a aspectos ou diretamente ao ranking	-	-	-	-
<b>TOTAIS</b>	-	-	<b>5</b>	<b>5</b>
<b>QS World University Rankings</b>				
Comemoração do resultado do ranking	4	1	2	7
Relato de bom desempenho de aspectos avaliativos	6	2	2	10
Ações de planejamento	0	0	0	0
Críticas a aspectos ou diretamente ao ranking	1	0	0	1
<b>TOTAIS</b>	<b>11</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>18</b>
<b>THE Times Higher Education – World University Rankings</b>				
Comemoração do resultado do ranking	4	5	9	18
Relato de bom desempenho de aspectos avaliativos	6	10	15	31
Ações de planejamento	2	2	4	8
Críticas a aspectos ou diretamente ao ranking	0	1	1	2
<b>TOTAIS</b>	<b>12</b>	<b>18</b>	<b>29</b>	<b>59</b>
<b>Resumo</b>				
Comemoração do resultado do ranking	8	6	12	26
Relato de bom desempenho de aspectos avaliativos	12	12	20	44
Ações de planejamento	2	2	5	9
Críticas a aspectos ou diretamente ao ranking	1	1	1	3
<b>TOTAIS</b>	<b>23</b>	<b>21</b>	<b>38</b>	<b>82</b>

**Fonte:** Tabela elaborada pelo autor a partir de informações da Internet

As 82 declarações e/ou comentários emitidos pelos representantes das IFES, no período pesquisado, podem ser analisados por diversos ângulos. Primeiramente, considerando-se o número de declarações, foram 23 em 2017; 21 em 2018; e 38 em 2019, o que representa um crescimento de 65%. Considerando-se separadamente por ranking, sobre o ARWU foram feitas 5 manifestações; sobre o QS foram feitas 18 manifestações; e sobre o THE, foram feitas 59 manifestações, indicando uma preferência pelo ranking THE.

As declarações, por tipo, ficaram assim configuradas. Do total das manifestações, 26, ou seja, 32%, estavam relacionadas a algum tipo de comemoração do resultado do ranking. Isso indica que, assim como no RUF, as declarações sobre os rankings internacionais, não importando a posição da instituição, reportam a satisfação de estar relacionado no ranking.

As 44 manifestações, ou seja, 54%, faziam alusão ao bom (nem sempre) desempenho e/ou avaliação da instituição, seja no resultado final do ranking ou em algum aspecto avaliativo ou indicador isolado. Este tipo de manifestação, a maioria, também reporta algum tipo de satisfação, destacando agora aspectos metodológicos ou de alguma métrica do ranking.

Foram 9 manifestações, ou seja, 11% que relatavam ações do planejamento da instituição que impactaram no resultado do ranking. Aqui também como na pesquisa do RUF, foram poucos gestores que declararam especificamente que o resultado do ranking foi consequência de ações do planejamento ou, então, que utilizaria o resultado do ranking para implantação de medidas planejadas visando a melhoria de algum aspecto.

Por fim, apenas 3 manifestações, ou seja, 3% faziam críticas a algum aspecto do ranking ou diretamente ao ranking. As manifestações deste tipo também foram independentes à colocação final no ranking.

Em relação à análise temporal referente às divulgações dos rankings internacionais no período, a Tabela 10 referente à divulgação do ARWU e as Tabelas 11, 12 e 13, referentes à divulgação do ranking QS, apontam, como no caso do RUF, que 44% das notícias, em média, são veiculadas nos 3 primeiros dias, contando o próprio dia da divulgação. Mais uma vez, essa característica indica que as divulgações as divulgações têm uma conotação furtiva, comemorativa.

No caso do ranking THE, os Gráficos 14, 15 e 16 apontam na mesma direção dos outros rankings internacionais, com média de 47% das manifestações, próximas aos dias do lançamento das classificações.

Outra informação importante da Tabela 20 é que 72% das manifestações são referentes ao ranking THE. Sobre este, as declarações dos gestores revelam a satisfação da participação ou o bom desempenho especialmente nas listas regionais, como o

ranking da América Latina, uma vez que as instituições brasileiras ainda estão um pouco distantes das grandes europeias e norte americanas.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o crescimento do interesse do tema “ranking universitário”. Este fato pode ser comprovado, primeiramente, pelo crescimento do número de editoras responsáveis pelas edições dos rankings a partir dos anos 2000. Também, a presente pesquisa identificou um extenso material disponível em todas as mídias para a revisão bibliográfica, além de todo material recolhido para a pesquisa propriamente dita.

Na pesquisa, foram coletas e analisadas 757 manifestações na Internet sobre rankings universitários, das quais 462 continham informações sobre as instituições objeto desta pesquisa. Deste subtotal, 147 continham declarações dos representantes das IFES, nas figuras de reitores, pró-reitores, coordenadores de cursos, diretores, entre outros, sobre as quais foram feitas as análises qualitativas.

A análise de temporariedade das manifestações, ou seja, o tempo em que as manifestações ocorrem na Internet após a divulgação dos resultados, mostrou que estas manifestações se concentram em torno dos três primeiros dias a partir da data de publicação dos rankings. Após estes dias, poucas manifestações ao longo do tempo. Estas poucas manifestações ocorrem por ocasião da divulgação de eventos das IES, tais como número de alunos e cursos e, também, a posição nos rankings.

O fato de apenas 17% das declarações sobre o RUF e 11% das declarações dos rankings internacionais, sugerirem ações planejadas e o fato de a temporariedade das manifestações estarem concentradas em curto espaço de tempo, permite inferir que os rankings universitários não estão sendo utilizados pelas IFES, conforme mostram as declarações de seus gestores, como forma de avaliação de desempenho.

Os números também não permitiram inferir que as IFES têm utilizado os rankings de forma sistematizada para elaborar ações estratégicas de suas instituições baseadas nos resultados dos rankings. Também não foi possível identificar nas declarações dos gestores que o planejamento estratégico da instituição se refletiu na colocação nos rankings. Isso considerando-se as manifestações na Internet.

A pesquisa que focou a busca das manifestações sobre os rankings universitários totalmente por meios virtuais, utilizando o buscador Google e os buscadores próprios dos sítios das IFES não foi capaz de identificar a intenção da maioria das IFES em

utilizar ações planejadas que possibilitasse obter melhoria de performance na classificação nos rankings.

No entanto, a vivência na Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucionais (SPDI) da UFSCar, onde atuo profissionalmente, me permite saber que algumas ações foram tomadas no sentido de ver os rankings da melhor forma possível.

Entre estas ações está a criação formal de um Grupo de Trabalho (GT) responsável, entre outras coisas, pela revisão das informações prestadas aos rankings universitários para garantir, talvez, a melhoria na classificação destes rankings e, também, pela divulgação dos resultados dos rankings de forma mais organizada.

O próximo passo é garantir que as dimensões e indicadores constantes nas metodologias dos rankings possam estar contempladas nas ações do Plano Estratégico da UFSCar.

Assim, visto que as ações desenvolvidas na UFSCar não ficaram visíveis na abordagem adotada no presente trabalho, a forma de levar à diante esta pesquisa seria a realização de entrevistas com representantes das 65 IFES. Estas entrevistas seriam capazes de identificar se estas instituições estão prevendo em seus planos estratégicos ações para a atuação nos rankings ou se os planos teriam atualizações baseadas nos resultados dos rankings.

Por fim, é importante relatar a iniciativa desenvolvida em conjuntos pelas 3 universidades estaduais públicas. O Projeto Métricas tem por objetivo estudar indicadores de desempenho institucional e acadêmico e os mecanismos de governança relacionados com acompanhamento de performance acadêmica e impacto social das Universidades Paulistas.

Se o projeto das universidades públicas paulistas visa melhorar aspectos sobre metodologias e métricas relacionadas às comparações internacionais, entenda-se rankings universitários internacionais, a presente pesquisa não foi capaz de identificar iniciativas semelhante no conjunto das instituições públicas federais, as IFES.

“Oh capitão! Meu capitão!  
Nossa terrível viagem se cumpriu, o navio venceu as  
tormentas, o prêmio que buscamos, ganhamos”.  
Walt Whitman<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Fragmento do poema metafórico “Captain! My captain! (1875), sobre a morte de Abraham Lincoln.

## REFERÊNCIAS

ADINA, P. P. **Global university rankings: a comparative analysis**. In: **Procedia Economics and Finance**, ed. 26, p. 54-63, 2015.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212567115008382>. Acesso 31/05/2017.

ANOWAR, F. et al. **A critical review on world university rankings in terms of top four ranking systems**. In: **Lecture Notes in Electrical Engineering, Janeiro, 2015**.

Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/278656267\\_A\\_Critical\\_Review\\_on\\_World\\_University\\_Ranking\\_in\\_Terms\\_of\\_Top\\_Four\\_Ranking\\_Systems/download](https://www.researchgate.net/publication/278656267_A_Critical_Review_on_World_University_Ranking_in_Terms_of_Top_Four_Ranking_Systems/download). Acesso 31/05/2019.

ASSOUN, P. L. **A Escola de Frankfurt**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

ASTIN, A. W. **Achieving educational excellence**. Jossey-Bass Publisher, São Francisco, 1991.

Disponível em: [https://www.ajodo.org/article/0002-9416\(85\)90078-8/](https://www.ajodo.org/article/0002-9416(85)90078-8/) Acesso: 29/05/2019.

BARBOSA, A. F. **Governo Eletrônico: Dimensões da avaliação de desempenho na perspectiva do cidadão**. Tese apresentada na Escola de Administração de Empresas. São Paulo: FGV, 2008.

Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp072422.pdf>. Acesso: 05/06/2017.

BARNES, B. **Scientific knowledge and sociological theory**. London: Routledge & Kegan Paul, 1974.

BEN-DAVID, J.; SULLIVAN T. A. **Sociology of Science**. In: **Annual Review of Sociology**, v.1 pp. 203–222, 1975.

Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=BEN-DAVID,+J%3B+SULLIVAN+T.+A.+Sociology+of+Science&hl=pt-BR&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholar](https://scholar.google.com.br/scholar?q=BEN-DAVID,+J%3B+SULLIVAN+T.+A.+Sociology+of+Science&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar). Acesso 31/05/2019.

BLOOR, D. **Wittgenstein and social theory**. London and Basingstoke: The Macmillan Press, 1983.

BLOOR, D. **Wittgenstein and Mannheim on the sociology of mathematics**. In: **Studies in History and Philosophy of Science**, v. 4, n. 2, 1973.

Disponível em: <https://philpapers.org/rec/BLOWAM-2>. Acesso 31/05/2019.

BLOOR, D. **Wittgenstein: a social theory of knowledge**. New York: Columbia University Press, 1983.

BLOOR, D. **Conhecimento e imaginário social**. São Paulo: Unesp, 2009.

BOWDEN, R. **Fantasy Higher Education: university and college league tables**. In: **Quality in Higher Education**, v. 6, n° 1, pp. 41-60, 2000.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13538320050001063>. Acesso 31/05/2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Proposta de alteração legal Programa Institutos e Universidades Empreendedoras e Inovadoras - FUTURE-SE**, 2019.



BRISOLLA, S. et al. **As relações universidade-empresa-governo: um estudo sobre a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).** In: **Educação & Sociedade.** Campinas: v. 18, n. 61, p. 187-209, dez, 1997.

CABELLO, A. F. et al. **Rankings Universitários: evidências de vieses geográficas e orçamentárias para instituições brasileiras.** Avaliação. Revista da Avaliação do Ensino Superior, Campinas; Sorocaba, SP, v. 24, n. 03, p. 637-657, nov. 2019.  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/Pt56ppPjRQQBtbPJPxQ9Bxq/?lang=pt#>. Acesso em 20/03/2020.

CALDERÓN, I.C.; LOURENÇO, H. S. **Rankings na Educação Superior Brasileira: uma aproximação aos rankings públicos e privados.** REAe - Revista de Estudos Aplicados em Educação, v. 2, n. 3. jan./jun. 2017.  
Disponível em: <file:///C:/Users/60313/AppData/Local/Temp/4624-Texto%20do%20Artigo-15088-1-10-20170913.pdf>. acessado em: 20/03/2020.

CALDERÓN, A. I.; MATIAS, R. C.; LOURENÇO, H. S. **Rankings na Educação Superior: as melhores faculdades do Brasil (1982-2000).** In: Estudos em Avaliação Educacional, v. 25, p. 226-247, 2014.  
Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/337827005\\_Os\\_rankings\\_academicos\\_da\\_educacao\\_superior\\_apontamentos\\_no\\_campo\\_da\\_avalicao\\_educacional](https://www.researchgate.net/publication/337827005_Os_rankings_academicos_da_educacao_superior_apontamentos_no_campo_da_avalicao_educacional) Acesso em 21/08/2019

CAMARGO, O. **"Sociedade"**. Brasil Escola. [s.d.].  
Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/sociedade-1.htm>. Acesso em 11/07/2019.

CASTAÑON, G. A. **Construtivismo Social: A ciência sem sujeito e sem mundo.** Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação Lógica e Matemática, Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.  
Disponível em: <https://ppglm.files.wordpress.com/2008/12/dissertacao-ppglm-gustavo-arja-castanon.pdf>. Acesso em: 05/06/2017.

CASTANHO, S. E. M. **Educação Superior no Século XXI: discussão de uma proposta.** Campinas: Unicamp, [s.d.].  
Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1105T.PDF>. Acesso em 31/05/2019.

CAVALCANTE, J. F. **Educação superior: conceitos, definições e classificações.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000.  
Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000095.pdf>. Acesso em 31/05/2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CHAUÍ, M. **A universidade em ruínas.** In: **Universidade em ruínas na república dos professores.** Rio de Janeiro: 2 ed., Vozes, 2000.

CHAN, T. **Hole of universities in face o frise of international rankings.** Apresentação. HKUST, 2016.

COLLINS, H. M.; YEARLEY, S. **Epistemological chicken.** In: **Science as Practice and Culture.** University of Chicago Press. pp. 301, 1992.

COLLINS, H. M. **The sociology of scientific knowledge: studies of contemporary science.** In: **Annual Review of Sociology**, v.9, pp. 265-285, 1983.

Disponível em: [https://fenix.ciencias.ulisboa.pt/downloadFile/1126037345796447/Leitura%2012%20\(Harry%20Collins,%20Sociology%20of%20Scientific%20Knowledge\).pdf](https://fenix.ciencias.ulisboa.pt/downloadFile/1126037345796447/Leitura%2012%20(Harry%20Collins,%20Sociology%20of%20Scientific%20Knowledge).pdf). Acesso em 31/05/2019.

CUPANI, A. **A tecnologia como problema filosófico: três enfoques.** In: **Scientle Studia**, São Paulo: v. 2, p. 493-518, São Paulo, 2004.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v2n4/a02v2n4.pdf>. Acesso em 31/05/2019.

CZELUSNIAK, V. A.; CORDEIRO, P. V. M.; DERGINT, D. E. A. **Contribuições dos quadros teóricos da Tríplice Hélice e dos Estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade para Políticas de Inovação Tecnológica na América Latina.** Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, UTFPr, 2010.

Disponível em: <http://www.ecocite2010.escyt.org>. Acesso em: 05/06/2017.

DOSSA, A. A.; SEGATTO, A. P. **Pesquisas cooperativas entre universidades e institutos públicos no setor agropecuário brasileiro: um estudo na Embrapa.** In: **Revista Administração Pública**. Rio de Janeiro: v. 44, n. 6, p. 1327-1352, dez, 2010.

DURÃO, R. **A relação Governo-Universidade-Empresa: o caso do Green Islands Project no programa MIT-Portugal.** Dissertação apresentada no ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, 2012.

Disponível em: [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/4747/1/ruidurao\\_MESC\\_ISCTE.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/4747/1/ruidurao_MESC_ISCTE.pdf). Acesso 05/06/2017.

ESPINOSA, L.L; CRANDALL, J.R; TUKIBAYEVA, M. **Rankings, institutional behavior, and college and university choice.** American Council on Education. Washington, DC, 2014.

Disponível em: <https://www.acenet.edu/news-room/Documents/Rankings-Institutional-Behavior-and-College-and-University-Choice.pdf>. Acesso 31/05/2019

ETZKOWITZ, H. **Entrepreneurial science: the second academic revolution.** In: **Seminar Academy-Industry Relations and Industrial Policy: Regional, National and International Issues.** New York: New York State University, 1993.

ETZKOWITZ, H. **The norms of entrepreneurial science: cognitive effects of the new university-industry linkage.** In: **Research Policy.** Amsterdam: v. 27, p. 823-833, 1998.

ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. **The dynamics of innovations: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university-industry-government relations.** In: **Research Policy**, [s.i.], n. 29, p. 109-123, 2000.

FEENBERG, A. **Heidegger and Marcuse: The Catastrophe and Redemption of History.** Routledge, 2005.

Disponível em: <https://epdf.pub/heidegger-and-marcuse-the-catastrophe-and-redemption-of-history.html>. Acesso em 31/05/2019.

FEENBERG, A. **Critical Theory of Technology.** Oxford University Press, 1991.

FEENBERG, A. **Constructivism and Technology Critique: Replies to Critics.** In: **Inquiry International Journal of Philosophy**, v. 43, p. 225-237, 2010.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/002017400407771>. Acesso 31/05/2019.

FEENBERG, A. **Marcuse or Habermas: two critiques of technology**. In: **Inquiry International Journal of Philosophy**, v. 39, p. 45-70, 2008.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00201749608602407?src=recsys>. Acesso em 31/05/2019.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4ª ed. Curitiba, Editora Positivo, 2009.

FRANCO, A. P. **Ensino superior no Brasil: cenários, avanços e contradições**. In: **Jornal de Políticas Educacionais**. [s.i.]: n. 4. jul-dez., p. 53-63, 2008.

Disponível em: [http://www.jpe.ufpr.br/n4\\_6.pdf](http://www.jpe.ufpr.br/n4_6.pdf).

FREITAG, B. **A teoria crítica ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 2 ed., 1988.

FREITAS, C. C. G.; SEGATTO, A. P. **Ciência, tecnologia e sociedade pelo olhar da tecnologia social: um estudo a partir da teoria crítica da tecnologia**. Rio de Janeiro: **Cadernos EBAPE.BR**, v.12 n. 2, abr-jun, 2014.

FUJINO, A.; STAL, E.; PLONSKI, G. A. **A proteção do conhecimento na universidade**. In: **Revista de Administração**. São Paulo: v. 34, n. 4, p. 46-55, out-dez, 1999.

GENARO, E. **O debate da teoria crítica sobre a tecnologia**. In: **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo: v. 53, n. 2, p. 292-299, mai-ago, 2017.

Disponível em: [http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/viewFile/csu.2017.53.2.13/6231](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2017.53.2.13/6231). Acesso 31/05/2019.

GIBBONS, M. et al. **The New Production of Knowledge: The Dynamics of Science and Research in Contemporary Societies**. London: Sage, 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: 6 ed. Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GROSSETTI, M. **Os limites da simetria**. Paris: The Discovery, 2006.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologies/712>. Acesso em 31/05/2019.

HANSSON, S. O. **Science and Pseudo-Science**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2015.

Disponível em: <https://plato.stanford.edu/>. Acesso 31/05/2019.

HELLIWELL, J. F.; LAYARDd, R.; SACHS, J. D. **World happiness report**. Sustainable Development Solutions Network, New York, 2019.

Disponível em: <https://worldhappiness.report/ed/2019/>. Acesso: 31/05/2019.

HESSEN, B. **As raízes sociais e econômicas do “Principia” de Newton**. In: **Revista Brasileira de Ensino de Física**. São Paulo: v. 6, n. 6, p. 37-55, 1984.

HORKHEIMER, M. **Teoria Crítica I**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

HUANG, M. **Opening the black box of QS world university rankings**. Research Evaluation, vol. 21, Issue 1, p. 71-78, mar, 2012.

Disponível em: <https://academic.oup.com/rev/article/21/1/71/1643435#24104562>. Acesso 31/05/2019.

IPIRANGA, A. S. R.; FREITAS, A. A. F.; PAIVA, T. A. **O empreendedorismo acadêmico no contexto da interação Universidade - Empresa - Governo.** In: **Cadernos EBAPE.BR.** Rio de Janeiro: v. 8, n. 4, p. 676-693, dez., 2010.

JAY, M. **A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais (1923-1950).** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KERLINGER, Fred N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1980.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa.** 14. ed. rev. amp. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions.** Chicago: 2 ed., University of Chicago Press, 1970.

Disponível em: [https://fenix.ciencias.ulisboa.pt/downloadFile/1407512322506995/thomas\\_kuhn\\_estrutura\\_das\\_revolucoes\\_cientificas1962%202006.pdf](https://fenix.ciencias.ulisboa.pt/downloadFile/1407512322506995/thomas_kuhn_estrutura_das_revolucoes_cientificas1962%202006.pdf). Acesso em 31/05/2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica.** 2. ed. ver. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LATOUR, B. **Como prosseguir a tarefa de delinear associações?** In: **Configurações**, n. 2, pp. 11-27, 2006.

Disponível em: <https://docplayer.com.br/72314292-Bruno-latour-como-prosseguir-a-tarefa-de-delinear-associacoes-in-configuracoes-no-2-2006-pp.html>. Acesso 31/05/2019.

LATOUR, B. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.** Bauru: EDUSC, 2001.

LATOUR, B. **Ciência em ação.** São Paulo: Unesp, 2000.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Rio de Janeiro: 34, 1994.

LATOUR, B. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia.** Bauru: EDUSC, 2004.

LATOUR, B. **Reagregando o social.** Bauru: EDUSC, 2012.

LATOUR, B. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches.** Bauru: EDUSC, 2002.

LAW, J. **Notas sobre a Teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br/Trads/Notas%20sobre%20a%20teoria%20Ator-Rede.htm>. Acesso em: 31/05/2019.

LAW, J. **On the methods of long-distance control: vessels, navigation and the portuguese route to India.** In: **Sociological Review**, v. 32, 1986.

Disponível em: <https://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/law-methods-of-long-distance-control.pdf>. Acesso 31/05/2019.

LEMOS, A. **A Comunicação das coisas: Teoria ator-rede e cibercultura.** São Paulo: Annablume, 2013.

LEYDESDORFF, L.; MAYER, M. **The Scientometrics of a Triple Helix of University-Industry-Government Relations**. University of Amsterdam, Netherlands, 2003.

Disponível em: <http://www.leydesdorff.net/sci06th5/sci06th5.pdf>. Acesso 05/06/2017.

LIMA, L. D. S. C.; HORTA, R. C. A. **As ciências humanas e sociais no processo de reconstrução da sociedade na perspectiva cidadã**. Coimbra: e-cadernos-ces, 2014.

Disponível em: <http://eces.revues.org/1359>. Acesso em: 05/06/2017.

LOURENÇO, H. S. **Os rankings do Guia do Estudante na educação superior brasileira: um estudo sobre as estratégias de divulgação adotadas pelas instituições que obtiveram o prêmio melhores universidades**. 2014. 205 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2014.

Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/337827005\\_Os\\_rankings\\_academicos\\_da\\_educacao\\_superior\\_apontamentos\\_no\\_campo\\_da\\_avaliacao\\_educacional](https://www.researchgate.net/publication/337827005_Os_rankings_academicos_da_educacao_superior_apontamentos_no_campo_da_avaliacao_educacional) Acesso em: 21/08/2019.

LUENGO, M. J.; OBESO, M. **El efecto de la triple hélice en los resultados de innovación**. In: **Revista Administração de Empresas**. São Paulo: v. 53, n. 4, p. 388-399, ago., 2013.

LUNA FREIRE, L. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. In: **Comum**. Rio de Janeiro: v.11, n. 26, p. 46-65, jan-jul, 2006.

Disponível em: <http://lemetro.ifcs.ufrj.br/pesquisadores/Leticia%20de%20Luna%20Freire/latour.pdf>. Acesso em 31/05/2019.

MACFARLANE, B.; MING, C. **Communism, universalism and disinterestedness: re-examining contemporary support among academics for Merton's scientific norms**. In: **Journal of Academic Ethics**, p. 67-78, Springer, 2008.

Disponível em: [https://web.edu.hku.hk/f/acadstaff/367/Communism\\_Universalism\\_and\\_Disinterestedness.pdf](https://web.edu.hku.hk/f/acadstaff/367/Communism_Universalism_and_Disinterestedness.pdf). Acesso em 31/05/2019.

MAGALHAES, J. L.; BOECHAT, N.; ANTUNES, A. M. S. **Internalização de farmoquímicos e medicamentos para doenças tropicais negligenciadas: proposta de interação entre Governo - Universidade - Empresa**. In: **Química Nova**. São Paulo v. 35, n. 3, p. 654-660, 2012.

MARCOVITCH, J. (org.). **Repensar a universidade: desempenho acadêmico e comparações internacionais**. São Paulo: Com-Art. Fapesp, 2018.

Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/224>. Acesso em 20/03/2020

MARCOVITCH, J. (org.). **Repensar a Universidade II. Impactos para a sociedade**. São Paulo: Com-Arte. Fapesp, 2019.

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/411>. Acesso em 20/03/2020.

MATEI, A. P. et al. **Análise do impacto dos projetos de interação entre a UFRGS e a Petrobras**. In: **Gestão da Produção**. São Carlos: v. 22, n. 4, p. 789-804, dez., 2015.

MATOS, O. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: 2 ed., Moderna, 2005.

MENDONÇA, C. M. C. **Gestão da tecnologia da informação**. In: **Temas de gestão em TI**, Macapá: p. 115-141, UNIFAP, 2009.

Disponível em: <http://www2.unifap.br/clauidiomarcio/files/2014/05/Cap%C3%ADtulo-de-Livro-Temas-em-Gest%C3%A3o-de-TI.pdf>. Acesso em 31/05/2019.

MENDONÇA, A. L. O. **O encontro entre a tarefa reflexiva filosófica e o trabalho empírico sociológico**: fraqueza e força do Programa Forte. In: **Ensaio Filosófico**. Rio de Janeiro: v. IX, mai., 2014.

Disponível em: [http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo9/Andre\\_Mendonca%20](http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo9/Andre_Mendonca%20).

MERTON, R. K. **Ensaio de sociologia da ciência**. (Org.) Anne Marcovitch e Terry Shinn, São Paulo: 34, 2013.

MERTON, R. K. (1973). **The sociology of science**: theoretical and empirical investigations. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

MERTON, R. K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MOED, H.F. **A critical comparative analysis of five world university rankings - 2016**.

Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-016-2212-y>. Acesso 31/05/2019.

MOITA, F. M.; ANDRADE, F. C. **Ensino-pesquisa-extensão**: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. In: **RBE - Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: v. 14, n. 41, mai-ago., 2009.

MYERS, L; ROBE, J. **College rankings: history, criticism and reform**. Report CCAP, Washington DC, 2009.

Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED536277.pdf>. Acesso 23/04/2019.

NELSON, R. R. **National innovation systems**: a comparative analysis. New York: Oxford University Press, 1993.

NOBRE, J. C. A.; PEDRO, R. M. L. R. **Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede**. In: **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda: v.5, n. 14, dez., 2010.

Disponível em: <http://www.unifoa.edu/cadernos/edicao/14/47.pdf>. Acesso em 06/06/2017.

OLIVEIRA, R. M.; VELHO, L. **Benefícios e riscos da proteção e comercialização da pesquisa acadêmica**: uma discussão necessária. In: **Ensaio**: avaliação da política pública na educação. Rio de Janeiro: v. 17, n. 62, p. 25-54, mar., 2009.

OLIVEIRA, K. E. J. **Educação e teoria ator-rede**: uma cartografia de controvérsias. Aracaju: Dissertação apresentada na Universidade Tiradentes, 2015.

Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/1106>. Acesso em 31/05/2019

OECD. **How do rankings impact on higher education?** IMBE Info, dezembro, 2007.

Disponível em: <http://www.oecd.org/education/imhe/39802910.pdf> - Acesso 18/04/2019.

PALACIOS, E. M. G., et al. **Ciencia, tecnologia y sociedade**: una aproximación conceptual. Madrid: **Cuadernos de Iberoamérica**, 2001.

Disponível em: [www.ibercienciaoei.org](http://www.ibercienciaoei.org). Acesso em 31/05/2019.

PALVARINI, B. **Guia referencial de mensuração do desempenho na Administração Pública**. In: **IX Congresso Consad de Gestão Pública**. Brasília, 2010.

Disponível em: [http://www.escoladegestao.pr.gov.br/arquivos/File/Material\\_%20CONSAD/paineis\\_III\\_congresso\\_consad/painel\\_12/guia\\_referencial\\_de\\_mensuracao\\_d\\_o\\_desempenho\\_na\\_administracao\\_publica.pdf](http://www.escoladegestao.pr.gov.br/arquivos/File/Material_%20CONSAD/paineis_III_congresso_consad/painel_12/guia_referencial_de_mensuracao_d_o_desempenho_na_administracao_publica.pdf). Acesso em 31/05/2019.

PAVEL, A. P. **Global university rankings: a comparative analysis**. Procedia Economics and Finances, p. 54-63, Bucareste, 2015.

Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/82485978.pdf>. Acessado em 29/05/2019.

PLONSKI, G. A. **Cooperação empresa-universidade: antigos dilemas, novos desafios**. In: **Revista USP: Dossiê Universidade-Empresa**. São Paulo: v. 25, p. 32-41, 1995.

PORTO, C.; RÉGNIER, K. **O ensino superior no mundo e no Brasil - condicionantes, tendências e cenários para o horizonte 2003-2025**. Brasília, 2003.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ensinosuperiormundobrasil/tendenciascenarios2003-2025.pdf>

PUCCI, B.; ZUIN, A.; RAMOS-de-OLIVEIRA, N. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 2000.

RAUHVANGERS, A. **Global university rankings and their impacts – report II**. European University Association. Bruxelas, 2013.

Disponível: [http://www.eua.be/Libraries/publications-homepage-list/EUA\\_Global\\_University\\_Rankings\\_and\\_Their\\_Impact\\_-\\_Report\\_II.pdf?sfvrsn=2](http://www.eua.be/Libraries/publications-homepage-list/EUA_Global_University_Rankings_and_Their_Impact_-_Report_II.pdf?sfvrsn=2). Acesso em 10/08/2018.

REALE, Giovanni. **História da filosofia do romantismo até nossos dias**. v. 3, 8 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

REIS, J. E.; SILVA, A. C. L. **O modelo hélice tripla no ensino superior público e privado**. In: **Revista Cereus**. Gurupi, v. 9, n. 3, 2017.

Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/1879>. Acesso 31/05/2019

RESTIVO, S.; CROISSANT, J. **Social constructionism in science and technology studies**. [s.i.]: Science and Technology Studies, p. 213-229, [s.d.].

Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242075997\\_Social\\_Constructionism\\_in\\_Science\\_and\\_Technology\\_Studies/download](https://www.researchgate.net/publication/242075997_Social_Constructionism_in_Science_and_Technology_Studies/download). Acesso em 31/05/2019.

RIBEIRO, M.; MOREIRA, V. **A Evolução da bicicleta. Exemplo de uma investigação SCOT**, Minho, Portugal, 2011.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kV-H688ZtUA>. Acesso: em 05/06/2017.

RICHARDSON et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

RIZO, F. M. **University rankings: a critical review**. In: Revista de la Educación Superior, v. XL, n°. 157, pp. 77-97, março, 2011.

Disponível em: [http://publicaciones.anuies.mx/pdfs/revista/Revista157\\_S2A1EN.pdf](http://publicaciones.anuies.mx/pdfs/revista/Revista157_S2A1EN.pdf). Acesso em 31/05/2019.

ROCHA, R. O. **Tripla-Hélice “desmembrada”**: a dificuldade da inovação no Brasil. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Aracaju: UFS, 2014.

Disponível em: [https://bdt.ufs.br/bitstream/tede/464/1/ROBERTO\\_OLIVEIRA\\_ROCHA.pdf](https://bdt.ufs.br/bitstream/tede/464/1/ROBERTO_OLIVEIRA_ROCHA.pdf). Acesso em: 05/06/2017.

RODRIGUES, F. C. R.; GAVA, R. **Capacidade de apoio à inovação dos Institutos Federais e das Universidades Federais no Estado de Minas Gerais: um estudo comparativo**. In: **Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre: v. 22, n. 1, p. 26-51, abr., 2016.

ROTHEN, J. C.; SANTANA, A. C. M. (Org.). **Avaliação para a educação: referências para uma primeira conversa**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

RUDÁ, C.; SILVA, G. A. **Análise das Métricas de Qualidade do Ensino nos Rankings de Educação Superior**. Repositório Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/31127/1/AN%C3%81LISE-DAS-M%C3%89TRICAS-DE-QUALIDADE-DO-ENSINO-NOS-RANKINGS-DE-EDUCA%C3%87%C3%83O-SUPERIOR.pdf>.

SÁBATO, J.; BOTANA, N. **La ciencia e la tecnología en el desarrollo futuro de América Latina**. In: **Revista de la Integración**. p. 15-36, 1968. Disponível em: <http://www.iadb.org/intal/intalcdi/integ/integ1B.asp>. Acesso: 05/06/2008.

SANTOS, A. P.; CERQUEIRA, E. A. **Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes**. In: **IX Colóquio Internacional Sobre Gestão Universitária na América do Sul**, Florianópolis, 2009.

SBRAGIA, R.; STAL, E. **A empresa e a inovação tecnológica: motivações, parcerias e papel do estado**. In: **Fórum de Líderes**. Belo Horizonte: v. 11, p. 6-14, nov., 2004.

SBRAGIA, R. **Inovação. Como vencer esse desafio empresarial**. São Paulo: Clio, 2006.

SCHLICK, M. **O fundamento do conhecimento**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT14092013162802.pdf>.

SCHOR, T. **Reflexões sobre as imbricações ciência, tecnologia e sociedade**. *Scientia Studia*, v. 5, n° 3, p. 337-367, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-31662007000300004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-31662007000300004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso 31/05/2019.

SCHREIBER, D. et al. **Posicionamento estratégico de MPE's com base na inovação através do modelo Hélice Tríplice**. In: **Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre: v. 19, n. 3, p. 767-795, dez., 2013.

SCHWARTZMAN, J. **Dificuldades e possibilidades de se construir um ranking para as universidades brasileiras**. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro: v. 3, n. 6, p. 5-28, jan. 1995.

SCHWARTZMAN, S. **A Educação superior na América Latina e os desafios do século XXI**. (Org). Campinas: Unicamp, 2014.

SCHWARTZMAN, J.; OLIVEIRA JÚNIOR, M. **“Ranking” IPEAD/UFMG e Exame Nacional de Cursos: uma comparação**. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro: v. 5, n. 16, p. 353-362, jul. 1997.



SEGATTO-MENDES, A. P.; MENDES, N. **Cooperação tecnológica universidade-empresa para eficiência energética: um estudo de caso.** In: **Revista de Administração Contemporânea.** Curitiba: v. 10, n. spe, p. 53-75, 2006.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: Herder/ Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SJP. **Metodología del ranking de las 50 ciudades más violentas del mundo.** Seguridad, Justicia y Paz, Cidade do México, 2019.

Disponível em: [www.seguridadjusticiaypaz.org.mx](http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx). Acesso em 31/05/2019

SLATER, P. **Origem e significado da Escola de Frankfurt.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Disponível em: [https://ia600305.us.archive.org/4/items/memorial\\_int/memorial.pdf](https://ia600305.us.archive.org/4/items/memorial_int/memorial.pdf).

SOMASUNDARAM, G.; SHRIVASTAVA, A. **Armazenamento e gerenciamento de informações.** São Paulo: Bookmam, 2011.

STAL, E.; FUJINO, A. **As Relações Universidade-Empresa no Brasil sob a ótica da Lei de Inovação.** In: **Revista de Administração e Inovação.** São Paulo: v. 2, n. 1, p. 5-19, 2005.

STREHARSKY, C. J. **Creating ethical university-industry partnerships.** In: **SRA Journal / Commentary.** Chicago: v. XXXV, p. 23-30, 1993.

THAKUR, M. **The Impact of Ranking Systems on Higher Education and its Stakeholders.** Journal of Institutional Research, USA, v. 13, n. 1, p. 83-96, 2007.

Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1055590.pdf>. Acesso em: 20/03/2020.

THE, World University Rankings. **Methodology for overall and subject rankings for the THE world university ranking.** Setembro, 2018.

Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/sites/default/files/2018-wur-methodology-pwc.pdf>. Acesso em 10/08/2018.

THE, World University Rankings. **Data Points.** Setembro, 2018.

Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/sites/default/files/2018-wur-methodology-pwc.pdf>. Acesso em 10/08/2018.

TOBOLOWSKY, B. F. **College Rankings: history of rankings, the pros and cons of rankings. Education.** Encyclopedia State University, 2000.

Disponível em: <https://education.stateuniversity.com/pages/1857/College-Rankings.html> Acessado em 29/05/2019

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TRUJILLO FERRARI, Alonso. **Metodologia da pesquisa científica.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

UNESCO Higher Education. **Rankings and accountability in higher education: uses and misuses.** Unesco Collection, 2016.

Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/education/resources/in-focus-articles/rankings/> 18/04/2019

USHER, A. **A short global history of rankings**. In: E. Hazelkorn, Ed. *Global ranking and geopolitics of higher education: understanding the influence and impact of ranking on higher education, police and Society*, p. 23-53. Book Now Ltd, Londres, 2017.

VASCONCELOS, V. V. **A Filosofia da Arte em Adorno e na Escola de Frankfurt**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

VIEIRA, Sônia. **Como escrever uma tese**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

WAISMANN, B. **Ludwig Wittgenstein & the Vienna Circle**. London: Wiley-Blackwell, 1984.

WEBSTER, D. S. **Academic quality rankings of american colleges and universities**. Springfield, Charles C. Thomas Publisher, 1986.

WEBSTER, D. S. **How not to rank universities**, In: *Higher Education*, v. 14, n° 1, pp. 71-79, 1985.

Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/BF00155655.pdf>. Acesso: 31/05/2019.

WEBSTER, D. S. **America's higher-ranked graduate schools, 1925-1982**, In: *Change*, May-June, pp. 13-24, 1983.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00091383.1983.10569969?JournalCode=vchn20>.

Acesso: 31/05/2019.

WEBSTER, D. **Guide to quality rankings in higher education**. NACADA Journal, Vol 11, p. 57-72. Spring, 1991.

Disponível em: <https://www.nacadajournal.org/doi/pdf/10.12930/0271-9517-11.1.57>

WIGGERSHAUS, R. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

WILDVSKY, B. **The great brain race: How global universities are reshaping the world**. Princeton University Press, Princeton & Oxford, 2012.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de estudo e pesquisa em administração**. Florianópolis: DCA-UFSC, 2009.

Disponível em: <http://www2.unifap.br/claudiomarcio/files/2016/10/LIVRO-Metodologia-de-Estudo-e-Pesquisa-em-Administra%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso 31/05/2019.

ZIMAN, J. **Real Science: what it is, and what it means**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.